

VOZ BARCELONA

VIAGEM
DE OBSERVAÇÃO
ARQUITETÔNICA

Adriana Sansão Fontes
Fernando Espósito Galarce

INTER
SEÇÕES

EDITORA
PUC
RIO

VOY BARCELONA

VIAGEM
DE OBSERVAÇÃO
ARQUITETÔNICA



Reitor

Prof. Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ

Vice-Reitor

Prof. Pe. Anderson Antonio Pedroso SJ

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Ricardo Tanscheit

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Prof. Sergio Bruni

Decanos

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz (CTCH)

Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Sidnei Paciornik (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBS)



**VIAGEM
DE OBSERVAÇÃO
ARQUITETÔNICA**

**Adriana Sansão Fontes
Fernando Espósito Galarce**



©Editora PUC-Rio

Rua Marquês de S. Vicente, 225 – Casa da Editora PUC-Rio
Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22451-900
T 55 21 3527-1760/1838
edpucrio@puc-rio.br
www.editora.puc-rio.br

Conselho Gestor da Editora PUC-Rio

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Hilton Augusto Koch, José Ricardo Bergmann, Júlio Cesar Valladão Diniz, Sidnei Paciornik, Luiz Roberto Cunha e Sergio Bruni.

Textos e fotografias

Adriana Sansão Fontes e Fernando Espósito Galarce

Revisão e copidesque

Marcia Rinaldi

Capa e projeto gráfico

Sandra Menezes

Logo VOA

Luciana Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Fontes, Adriana Sansão

Voa Barcelona: viagem de observação arquitetônica / Adriana Sansão Fontes, Fernando Espósito Galarce. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2022.

1 recurso eletrônico (400 p.: il. color.)

Descrição baseada na consulta ao recurso eletrônico em 11 de janeiro de 2022

Inclui bibliografia

Exigências do sistema: conexão com a Internet, World Wide Web browser e Adobe Acrobat Reader
Disponível em: <http://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1051&sid=3>
ISBN (e-book): 978-65-88831-55-7

1. Arquitetura – Barcelona (Espanha). 2. Barcelona (Espanha) – Descrições e viagens.
3. Arquitetura – Barcelona (Espanha) – Guias. I. Galarce, Fernando Espósito. II. Título.

CDD: 720.94672

Elaborado por Lizandra Toscano dos Santos – CRB-7/6915
Divisão de Bibliotecas e Documentação – PUC-Rio



SUMÁRIO



12

INTRODUÇÃO



28

DIA 1
CIUTAT
VELLA



90

DIA 2
SANT GERVASI
E GRÀCIA



136

DIA 3
PORT VELL E
VILA OLÍMPICA



192

DIA 4
SANT ANTONI E
MONTJUIC



236

DIA 5
GLÒRIES,
POBLENOU E
FORUM



298

DIA 6
SANTS E
LES CORTS



340

DIA 7
FORT PIENC,
EIXAMPLE E
GUINARDÓ



374

DIA 8
ARREDORES

PREFÁCIO

O TREINAMENTO DA PERCEPÇÃO

Nos dias de hoje ninguém questiona a necessidade de contar com um bom treinador ou preparador físico se o objetivo é conseguir uma boa marca ou medalha em uma competição esportiva. Da mesma forma, todos sabemos dos muitos anos de prática intensa e constante necessários para uma formação artística de excelência. E com os mesmos padrões de esforço, aprendizagem e dedicação, poderíamos enumerar um sem-fim de profissões. Pois bem, o arquiteto não é uma exceção; muito pelo contrário, ele é exemplo da árdua preparação que se estende ao longo de sua vida de maneira a capacitá-lo a propor soluções arquitetônicas e urbanísticas, na maioria das vezes de extraordinária complexidade, que possam ser abarcadas em uma trajetória profissional.

O treinamento fundamental em qualquer atividade — converte-se em uma viagem de observação para o arquiteto, pois para conseguir pensar, projetar e construir novos espaços — novas obras de arquitetura e urbanismo — é necessário previamente ter um “arquivo” de experiências vividas, que nos permitam propor novos cenários e resolver os desejos e as necessidades de seus habitantes. As percepções que experimentamos e acumulamos nas visitas de estudo a obras de arquitetura se transformarão nas ferramentas para poder projetar novos espaços. Daí a necessidade de acumular experiências — de qualidade, se possível —, quanto mais, melhor, para conseguir encarar os desafios, cada vez mais exigentes, da profissão da arquitetura.

Ao olharmos brevemente apenas para alguns dos grandes mestres da arquitetura moderna, perceberemos a importância das viagens na sua formação. Lembremos da viagem pelo Mediterrâneo, mais especificamente pela Grécia, Itália e Espanha, fundamentais na concepção da obra do arquiteto finlandês Alvar Aalto, ou as viagens de estudo periódicas ao sul da Europa pelo sueco E. Gunnar Asplund, para não falar das viagens de Le Corbusier, uma das mais importantes dessas plasmada em seu livro *Viagem ao Oriente*, realizada em 1911, decisiva para a fundamentação das suas concepções estéticas que posteriormente seriam colocadas em prática.

Na Espanha, ainda em seu melhor momento, temos um exemplo didático no arquiteto Rafael Moneo, um dos representantes máximos da nossa profissão, reconhecido internacionalmente. Pois bem, também neste caso, e como não poderia ser de outra forma, foi fundamental na sua concepção arquitetônica e nos seus eruditos escritos a experiência acumulada em suas viagens. Seria impensável separar a trajetória profissional de Rafael Moneo das suas explorações e sua admiração pela arquitetura grega e italiana.

Porém, uma viagem de estudos não se concretiza sem se conhecer o destino, a rota que será percorrida e os diferentes elementos de interesse que conformam as etapas da viagem. No presente caso, os autores deste extraordinário guia nos propõem uma viagem de estudo arquitetônico na cidade de Barcelona e em alguns arredores selecionados. Uma magnífica viagem ao coração da Catalunha, uma das comunidades da Espanha com a maior concentração de obras de arquitetura de excelência internacional.

Este guia, que você tem em mãos, apresenta as obras de arquitetura e urbanismo, selecionadas cuidadosamente, e que, pela sua qualidade, representam uma das gerações de arquitetos que tiveram a capacidade de colocar Barcelona na crista da onda das cidades europeias com melhores obras de arquitetura. Obras fundamentais para compreender a grande transformação urbana que impulsionou Barcelona às Olimpíadas de 1992 e que a manteve em alta com o evento do Fórum Universal das Culturas, no ano de 2004, sem deixar de crescer em qualidade até nossos dias. Também há que se mencionar a incorporação de obras muito recentes das jovens gerações que têm sabido ler e interpretar as virtudes que destacaram aqueles mestres do último quarto do século passado.

Este guia não só apresenta de forma organizada uma coleção de obras ao estudante de arquitetura, ao arquiteto ou ao viajante, mas, também, e como seu próprio nome indica, guiará em uma determinada direção o coração do explorador, treinando, de forma precisa, a percepção do estudante de arquitetura e dos arquitetos em geral.

Experimentar a percepção espacial de cada uma das obras selecionadas, transitar pelos percursos propostos, estudar e compreender as razões que levaram os seus autores a sua realização, analisar os contextos nos quais se encontram e descobrir suas interações, cruzar com seus usuários e absorver sua materialidade são alguns dos presentes que podemos ganhar seguindo este excelente guia de viagem arquitetônica pela cidade de Barcelona.

Sigamos com o treinamento, continuemos aprendendo com a própria arquitetura, com a qual, neste caso, Barcelona nos espera.

Luis Ángel Domínguez

Barcelona, 10.12.2021

INTRODUÇÃO



CEMITÉRIO DE IGUALADA

VIAJAR, HABITAR, OBSERVAR

Vivemos uma época de elevado consumo que nos afeta em diferentes dimensões da vida. Na arquitetura, esse consumismo se expressa em uma redundância de materialidades, tecnologias e vertiginosos processos construtivos, apoiados fortemente em técnicas de simulação e marketing. Um estado de estimulação permanente que pode facilmente criar uma distância do verdadeiro sentido da arquitetura: a construção de um mundo concreto para ser habitado pelos seres humanos. Assim, muitas vezes, o que vemos e habitamos é uma simulação, um cenário, produto de um esforço em reproduzir sensações, e não em produzi-las; em representar uma realidade, mais do que apresentar um lugar concreto.

Essa condição nos leva, cada vez mais, a uma falta de contato com nosso entorno, com sua materialidade, sua espacialidade, e também com os outros seres humanos, induzindo uma visão generalista e superficial do mundo em que habitamos.

Para Christian Norberg-Schulz (2005), a arquitetura deveria ajudar as pessoas a sentir-se bem nesse mundo. E sentir-se bem significa, principalmente, identificar-se com ele, fortalecendo um sentido de pertencimento e participação. A arquitetura oferece os espaços que permitem que a vida aconteça. Não uma vida qualquer, mas uma vivência particular a cada lugar. Em outras palavras, trata-se de um “aqui concreto”, em que vivência e lugar não podem ser entendidos separadamente.

Fabio Cruz (1981) defende que a finalidade de uma obra de arquitetura é provocar uma emoção, que não está relacionada unicamente ao agradável, ao gosto ou à função. Pelo contrário, essa sensação tem relação com a condição poética da existência humana. A “emoção arquitetônica” surge do contato com uma obra material que revela a extensão habitável. Assim, temos que sair com o espírito e o corpo em estado de rota, carregando nossos conhe-

cimentos, nossas dúvidas e nosso ofício, para observar a realidade, habitando-a. É o tempo da contemplação que, por meio da nossa presença, apoiada por anotações, desenhos, fotografias e memórias de outros momentos e lugares que se fazem presentes de algum modo nesse processo de visitar e observar, nos revela, de forma autêntica e original, as dimensões mais ocultas, mas também as mais simples e importantes do fato observado.

E assim, nesse estado de contemplação e vivência, observamos. E nesse ato de observar, a intuição surge com uma excepcionalidade que desloca o habitual e o rotineiro. E o simples se transforma em um segredo revelado.

Viajar possibilita esse estado de deslocamento do habitual, porque estamos em um momento, em um lugar e na companhia de outros. Já não se trata da vida cotidiana, mas de um tempo de festa, de liberdade, de renovação e de abertura dos sentidos.

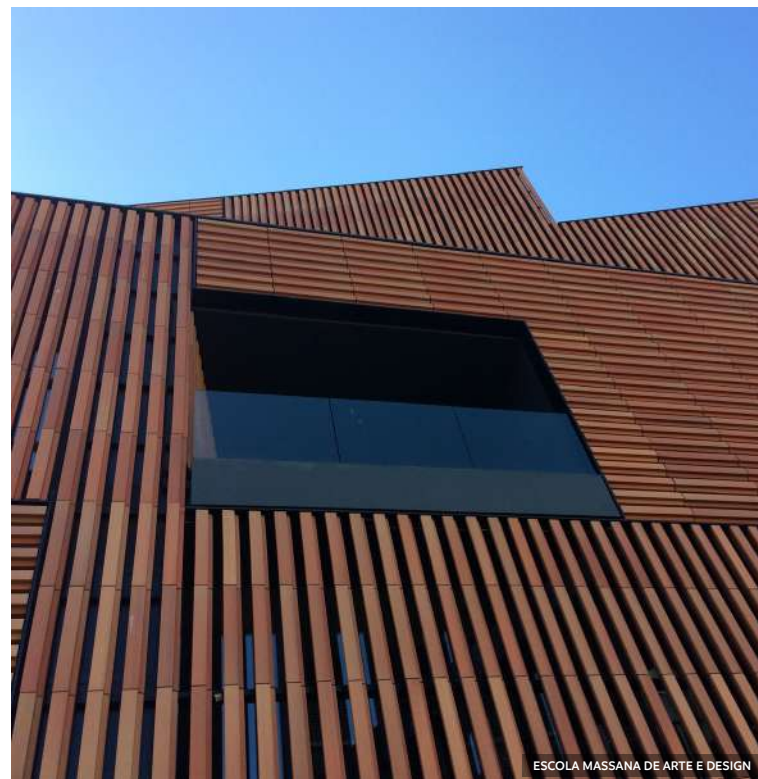
Diante de tantas redefinições e estímulos, precisamos de algumas pausas que nos permitam reconhecer o que nos rodeia. Uma **Viagem de Observação Arquitetônica** é isso: uma lição em movimento, dirigida, porém, livre para que cada um realize as próprias descobertas. Este guia é um instrumento para orientar e facilitar o viajar, o habitar e o observar em Barcelona.

O QUE APRENDEMOS OBSERVANDO?

Os edifícios escolhidos para compor a Viagem de Observação Arquitetônica de Barcelona correspondem, em sua grande maioria, à arquitetura dos últimos 30 anos, com alguns exemplares da arquitetura moderna. Para esta introdução, fizemos o exercício de organizar os edifícios e espaços públicos visitados em categorias que dizem respeito às suas questões arquitetônicas mais evidentes, que podem contribuir para um repertório de memórias e experiências projetuais. A partir dessa leitura, pretendemos chamar a atenção

para alguns desafios recorrentes da prática arquitetônica encontrados nos exemplares visitados.

Percebemos que há vários edifícios que, por sua implantação, contribuem para a **conformação de um novo espaço público**, que se dá de várias formas. Alguns projetos trabalham na escala da quadra do Ensanche e resumem-se a algumas operações cirúrgicas de reconfiguração de seus limites internos e externos, propondo novas fachadas ativas (Biblioteca Sant Antoni e Cen-



tro de Serviços Sociais) ou ações de melhor definição dos espaços livres por meio da adição de novos elementos construídos (Museu Can Framis). Outros apresentam soluções mais contundentes de reconfiguração de entornos, por fazerem parte de conjuntos edificados destinados a equipamentos, preenchendo vazios em áreas estratégias consolidadas (Escola Massana de Arte e Design, Illa Fort Pienc e Illa Mercado del Guinardó), ou em áreas de expansão, onde os projetos tiveram maior liberdade para propor novos arranjos arquitetônicos (Residencial Plaça Tirant lo Blanc e Edifício Diagonal), porém, sempre abordando o tema da quadra urbana. Finalmente há outros



exemplares que não operam na lógica do lote ou da quadra, mas consistem em edifícios singulares responsáveis por novos espaços públicos estratégicos. Dois deles são edifícios autônomos e também espaços públicos (Edifício Fórum e Disseny Hub) e outros dois têm um caráter infraestrutural (Moll de la Fusta e Jardins Elevados de Sants).

Outra questão respondida por uma série de projetos visitados é a **inserção e recomposição da quadra urbana**. São intervenções que atuam na esca-

la do lote e têm como característica comum a complementação da quadra considerando a continuidade de alinhamentos e gabaritos, porém, reinterpretando-a segundo as dinâmicas contemporâneas. É qualidade de alguns projetos de pequeno porte a inserção na quadra a partir da criação de espaços de transição entre o público e privado na forma de "gentilezas" urbanas, ofertas de pequenos espaços do lote para o domínio público de forma a expandi-lo, além de propostas que dinamizam os alinhamentos preexistentes (Biblioteca Vila de Gràcia, Residencial Calle Carme, Residencial Plaça Sant Agustí Vell, Instituto Social de la Marina e La Comunal). Outros edifícios têm maior porte, ocupando vários lotes ou lotes maiores, buscando complementar quadras mais complexas e heterogêneas por meio de operações volumétricas que admitam maiores liberdades formais (Illa Fort Pienc, Biblioteca Jaume Fuster e Cooperativa Habitacional La Borda).

Muitos exemplares visitados tratam da **relação antigo-novo**, revitalizações de edifícios históricos, mais ou menos intervencionistas, que alteram usos, adicionam elementos ou propõem a total reformulação do original, algumas vezes contando com extensões ou edifícios anexos. Chama a atenção a revitalização dos mercados de alimentos, em que dois projetos adotaram como estratégia a preservação parcial dos invólucros com

a criação de novas coberturas (Mercado Santa Caterina e Mercado La Barceloneta) e outro contou com a preservação parcial da volumetria, considerando reformulações controladas nas fachadas (Mercado de Sant Antoni). Nesse caso, o projeto envolveu grandes intervenções no subsolo em função dos achados arqueológicos, definindo seu novo caráter. Também em função dos achados arqueológicos, outro mercado teve como principal intervenção a sua transformação em centro cultural. Mantendo o invólucro, estrutura e cobertura praticamente inalterados, o projeto reformulou integralmente o

interior do edifício (Mercado del Born), aproximando-o de alguns projetos que restringiram a atuação a reformulações internas, para preservar parcialmente ou integralmente a volumetria (Biblioteca Universidad Pompeu Fabra, Centro Cívico La Lleialtat Santsenca, Ca l'Alíer e Ateneu de Fabricació de Gràcia). Destacam-se também as revitalizações com adições de anexos ou novos edifícios (Museu Can Framis, CCCB, CaixaForum, CosmoCaixa, La Comunal e Centro Kàlida Sant Pau), este último enquanto um novo elemento que faz referência ao espaço onde está inserido. Por fim, o último edifício comentado dentro dessa seção reúne um pouco de todas as operações anteriores: preservação do invólucro, transformação de uso, reformulação total do interior e construção de edifício anexo (Las Arenas).

Alguns edifícios têm como característica marcante uma especial **relação interior-exterior**, contando com algumas estratégias comuns de mediação entre o público e o privado ou entre o público e o coletivo. Uma das operações comumente verificada é a presença de pátios de recepção, espécies de antessala para o edifício (CaixaForum, Museu Can Framis, Parc de Recerca Biomèdica), que se configura, em alguns casos, como uma varanda (Mercado La Barceloneta). Os pátios, em alguns casos, operam como organizadores dos edifícios, sendo eles públicos ou coletivos (Biblioteca Sant Antoni, Fundação Joan Miró e Biblioteca Joan Maragall). Outra característica comum a uma série de edifícios é o seu caráter permeável, materializado pelo térreo atravessável, permitindo a continuidade da cidade através dos edifícios, o que pode se dar no plano (Mercado del Born, Mercado Santa Caterina, Filмотeca de Catalunya e Vil.la Urània) ou em vários níveis (Mercado de Sant Antoni e Disseny Hub). Alguns exemplares reúnem ambas características, o pátio articulador e o caráter atravessável (Mercado Encants, CCCB e Edifício Diagonal). Não poderia faltar a menção ao edifício que materializa plenamente essa relação interior-exterior por meio da fluidez da própria arquitetura (Pavilhão Alemão de Barcelona).

Outro aspecto observado em uma série de edifícios visitados é a qualidade das integrações espaciais, as relações visuais estabelecidas entre espaços internos ou, eventualmente, entre interior e exterior. Identificamos dois tipos principais de integrações: as possibilidades de relação pela criação de um átrio que, exercendo certa centralidade, permite uma conexão visual entre

diferentes pavimentos (MACBA, Las Arenas, Edifício Diagonal, Centro Cívico La Lleialtat Santsenca, Mercado Encants, CosmoCaixa, Walden 7 e Cooperativa Habitacional La Borda) e as relações estabelecidas pela criação de mezaninos dispostos ao longo do percurso pelos espaços internos (Biblioteca Jaume Fuster, Biblioteca Villa de Gracia, Biblioteca Sant Antoni, Edifício Media-TIC e Biblioteca da Universidad Pompeu Fabra). Essa conexão operada pela disposição de mezaninos pode acontecer também entre espaço interno e externo (Biblioteca Joan Maragall).

Uma questão identificada em um conjunto de edifícios visitado é o tema da **autonomia arquitetônica**, isto é, a expressão singular e muitas vezes icônica adotada pelos arquitetos em seus projetos com o intuito de destacá-los nos contextos, para simbolizar algo, para servir como ponto de referência ou para fins de experimentação. Interessante notar que grande parte dos exemplares desse conjunto consiste em projetos de arquitetos estrangeiros (Pavilhão Alemão, Peixe Dourado, Centro Meteorológico, Edifício Fórum, Torre Agbar e MACBA), executados como parte



de algum evento realizado na cidade (Pavilhão Alemão, Peixe Dourado, Centro Meteorológico, Edifício Fórum), e outros edifícios são projetos de “arquitetos estrelas” locais (Torre Mare Nostrum, Disseny Hub, Walden 7 e Centro Kálida Sant Pau).

É característica comum de alguns projetos urbanos visitados o desafio da **configuração de fronteiras**, que pode ser entendida como uma operação de



definição de bordas no contato da cidade com o mar (Moll de la Fusta e Parque dos Auditórios) ou de costura de tecidos urbanos, sejam eles esgarçados pela presença de infraestruturas (Jardins Elevados de Sants), sejam eles em áreas de expansão, onde diferentes malhas urbanas se encontram (Parque Diagonal Mar).

Algumas intervenções contam com uma clara **dimensão infraestrutural**, caracterizada tanto pela escala quanto pela inserção no contexto urbano. Nem toda infraestrutura é aparente ou visível, já que, para responder às necessidades para as quais foram implementadas, muitas vezes operam com uma certa invisibilidade, como, por exemplo, redes de energia e siste-

mas de saneamento. Outras, pelo contrário, marcam sua presença, afetando diretamente a experiência urbana, dando suporte a um determinado lugar ou, inclusive, configurando-se como lugares (Moll de la Fusta, Rambla del Mar, Jardins Elevados de Sants e Superilla Poblenou). No caso das duas primeiras intervenções, trata-se de importantes espaços públicos que reconfiguraram a orla de Barcelona. No caso da terceira, corresponde a uma intervenção que cria uma “borda interior” e, no caso da última, criou-se um sistema de espaços públicos peatonais. Todas estas intervenções, de uma ou outra forma, fazem parte de um sistema de espaços públicos que caracterizam Barcelona, dotando a cidade de lugares de encontro, lazer e convívio de qualidade com uma forte identidade urbana. Considerando essas intervenções, somadas às largas avenidas, praças, parques, pátios internos das quadras do Ensanche e às demais Superillas, é possível verificar que Barcelona tem construído, ao longo de sua história, um sistema infraestrutural de espaços públicos de qualidade, reinterpretando permanentemente as necessidades da cidade contemporânea e requalificando muitas das suas antigas infraestruturas.

Finalmente entre os edifícios visitados também existem alguns onde é possível verificar uma forte expressão material e estrutural que destaca, além dessas importantes características arquitetônicas, uma articulação com o espaço habitado. Trata-se da **dimensão tectônica** do edifício que, por um lado, revela o processo construtivo em um diálogo aparente e claro com o discurso e com a intencionalidade arquitetônica, e, por outro, tem um efeito direto dessa expressão na atmosfera do lugar. Trata-se de uma “poética” que surge da relação entre o material, a estrutura e o processo construtivo com o ato de habitar (Filoteca de Catalunya, Pavilhão Alemão de Barcelona, Mercado de Sant Antoni, Las Arenas, Torre Agbar, Cemitério de Igualada, Biblioteca da Universidad Pompeu Fabra, Edifício Media-TIC, CosmoCaixa, Centro Cívico Lleialtat Santsenca, e APROP Ciutat Vella). São evidentes as diferenças que esses projetos possuem entre si do ponto de vista material, estrutural, programático e espacial, porém, o denominador comum de todos revela, de forma clara, o diálogo entre essas variáveis arquitetônicas, fazendo parte da forma e do espaço construído.

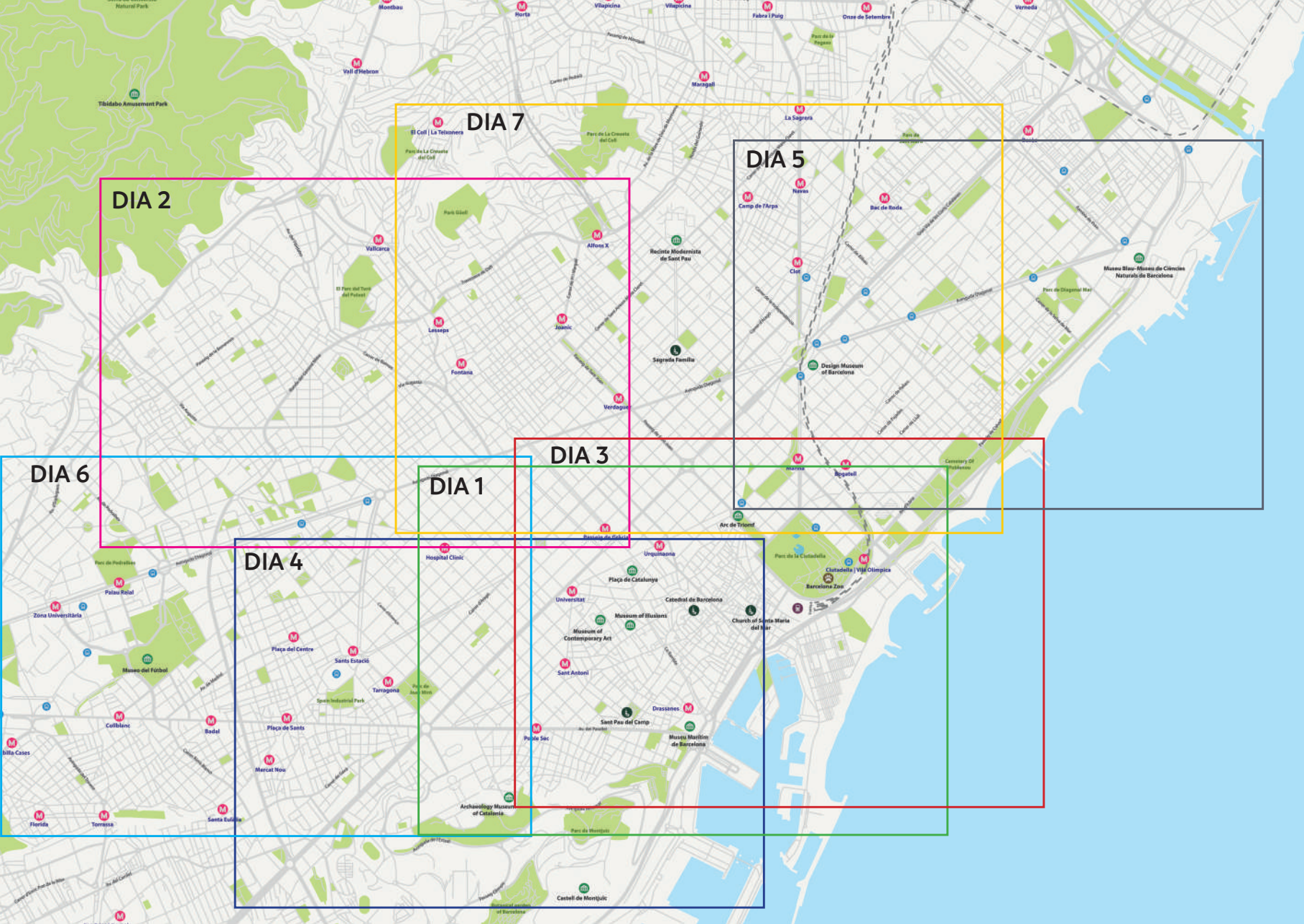
COMO USAR ESTE GUIA?

Este guia de Viagem de Observação Arquitetônica - Barcelona está organizado em oito roteiros, correspondentes a oito zonas da cidade. Os roteiros sugeridos, que podem ser realizados em um dia ou em menos tempo, reúnem obras arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas.

Entre as obras que fazem parte de cada percurso diário, existem aquelas que conformam o **roteiro arquitetônico**, mas há também os lugares indicados como **pontos de interesse** e os **postais**. Para o **roteiro arquitetônico**, o guia oferece fichas técnicas e textos com informações completas de cada obra, que são complementadas com as impressões, as observações e as fotografias realizadas durante visitas dos autores deste guia a cada um dos projetos. Os **pontos de interesse** correspondem a lugares importantes da cidade que se encontram nas proximidades das obras selecionadas dentro do roteiro arquitetônico diário, podendo interessar ao viajante. Já os **postais** correspondem a obras contemporâneas recomendadas como visitas complementares ao roteiro principal de cada dia, caso o viajante tenha tempo e interesse.

Na abertura de cada roteiro, o guia oferece um mapa com a localização das obras do roteiro arquitetônico e dos postais. Os primeiros estão indicados com números sequenciais, enquanto os postais recebem um P e um número respectivo.





DIA 2

DIA 7

DIA 5

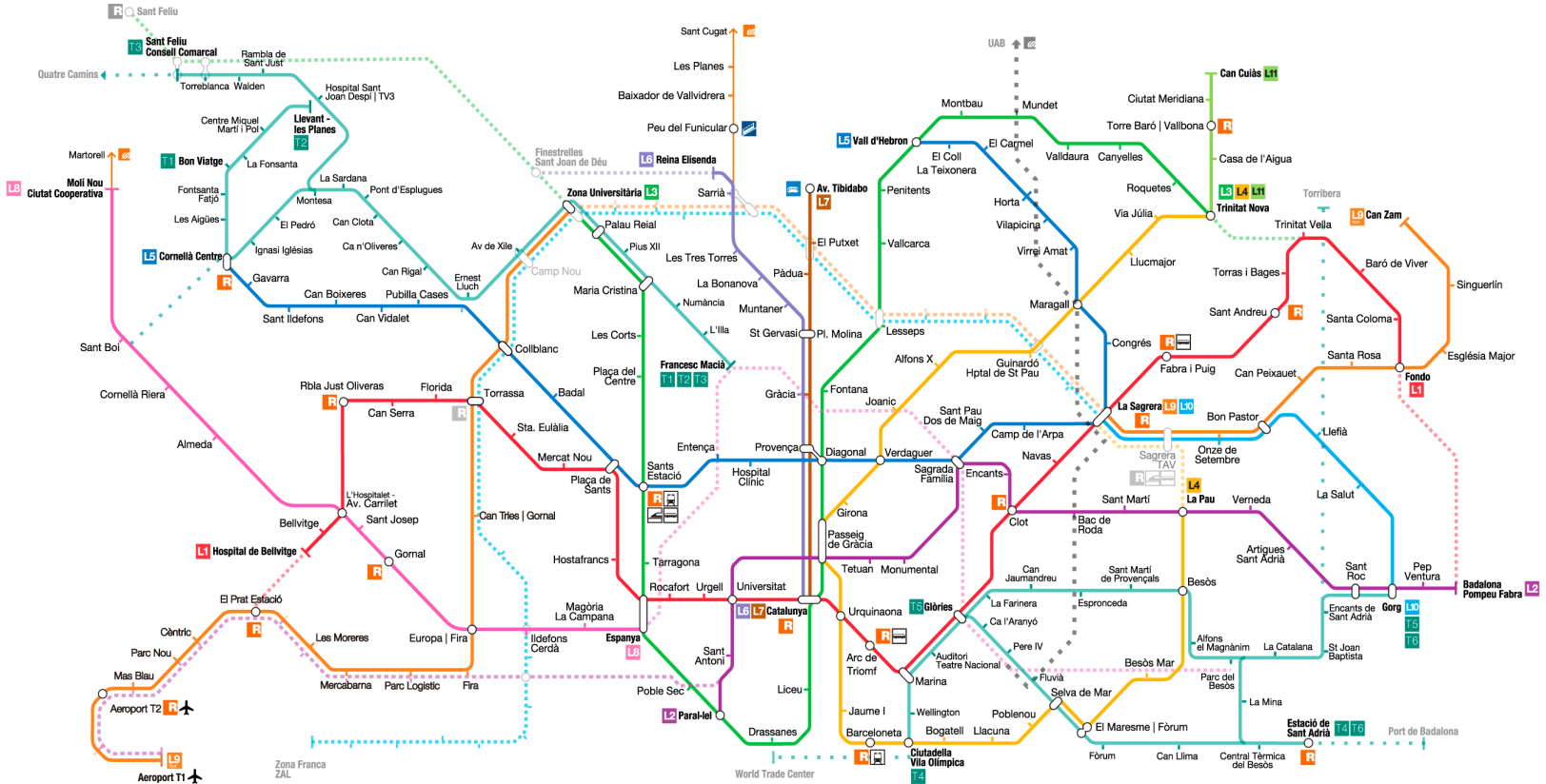
DIA 6

DIA 3

DIA 1

DIA 4

MAPA METRÔ



DIA 1

CIUTAT VELLA



ROTEIRO ARQUITETÔNICO

- 1 CCCB
- 2 MACBA
- 3 Residencial Calle Carme
- 4 Filmoteca de Catalunya
- 5 Escola Massana de Arte e Design
- 6 APROP Ciutat Vella
- 7 Mercado Santa Caterina
- 8 Residencial Plaça Sant Agustí Vell
- 9 Mercado del Born
- 10 Plaça de Carme Simó

PONTOS DE INTERESSE

Rambla del Raval

Plaza Real

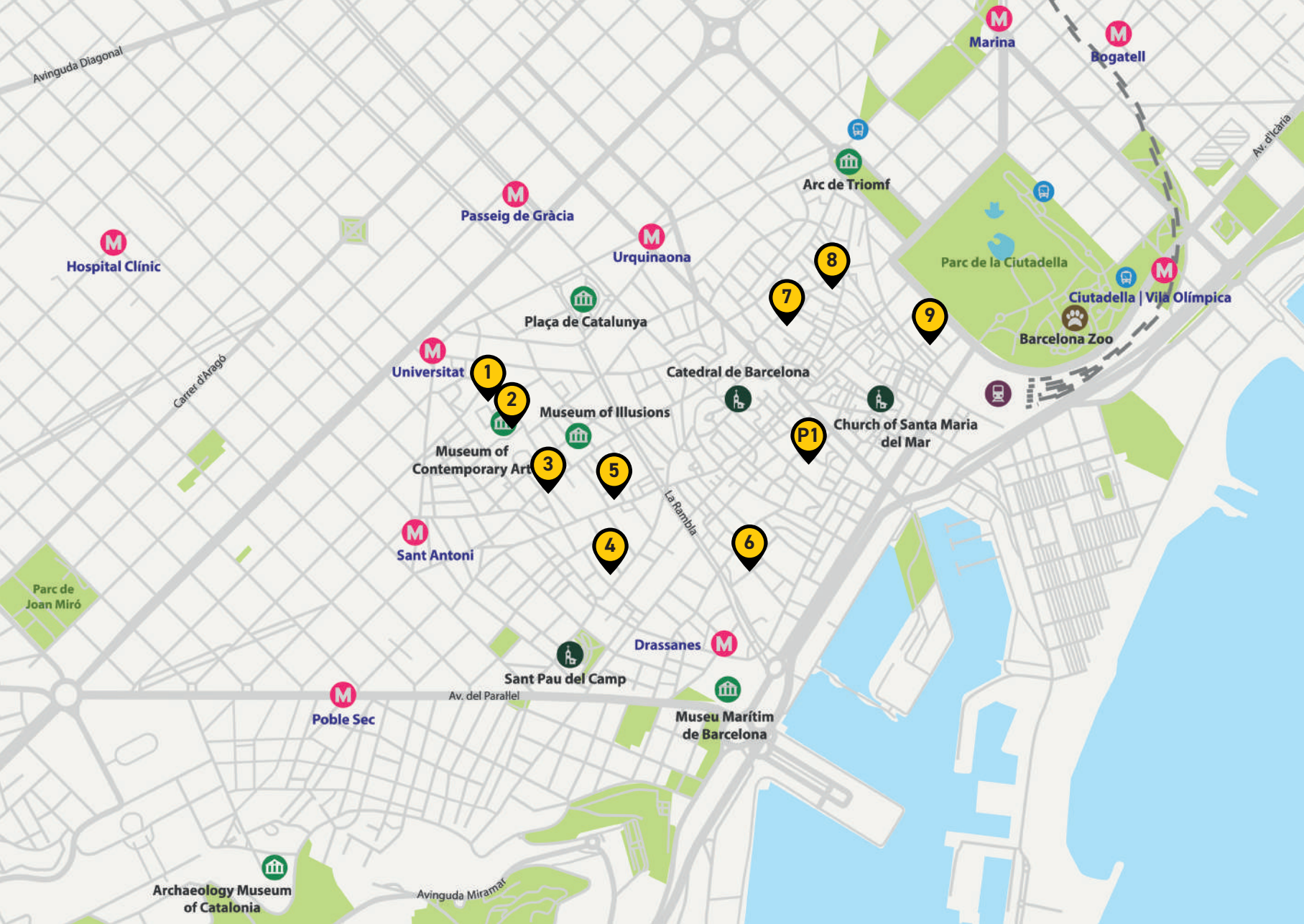
Plaza de Sant Jaume

Plaza del Rey

COAC

Basílica de Santa María del Mar

Paseo del Born



M
Hospital Clínic

M
Passeig de Gràcia

M
Urquinaona

M
Marina

M
Bogatell

Arc de Triomf

Parc de la Ciutadella

Ciutadella | Vila Olímpica

Barcelona Zoo

M
Universitat

1

2

3

5

7

8

9

Plaça de Catalunya

Catedral de Barcelona

Museum of Contemporary Art

Museum of Illusions

Church of Santa Maria del Mar

M
Sant Antoni

4

6

La Rambla

Parc de Joan Miró

M
Drassanes

Sant Pau del Camp

M
Poble Sec

Av. del Paral·lel

Museu Marítim de Barcelona

Archaeology Museum of Catalonia

Avinguda Miramar



CCCB



Viaplana e Piñon (sede) e Martinez Lapeña-Torres Arquitectes (anexo)



1994 e 2011



Carrer de Montalegre, 5



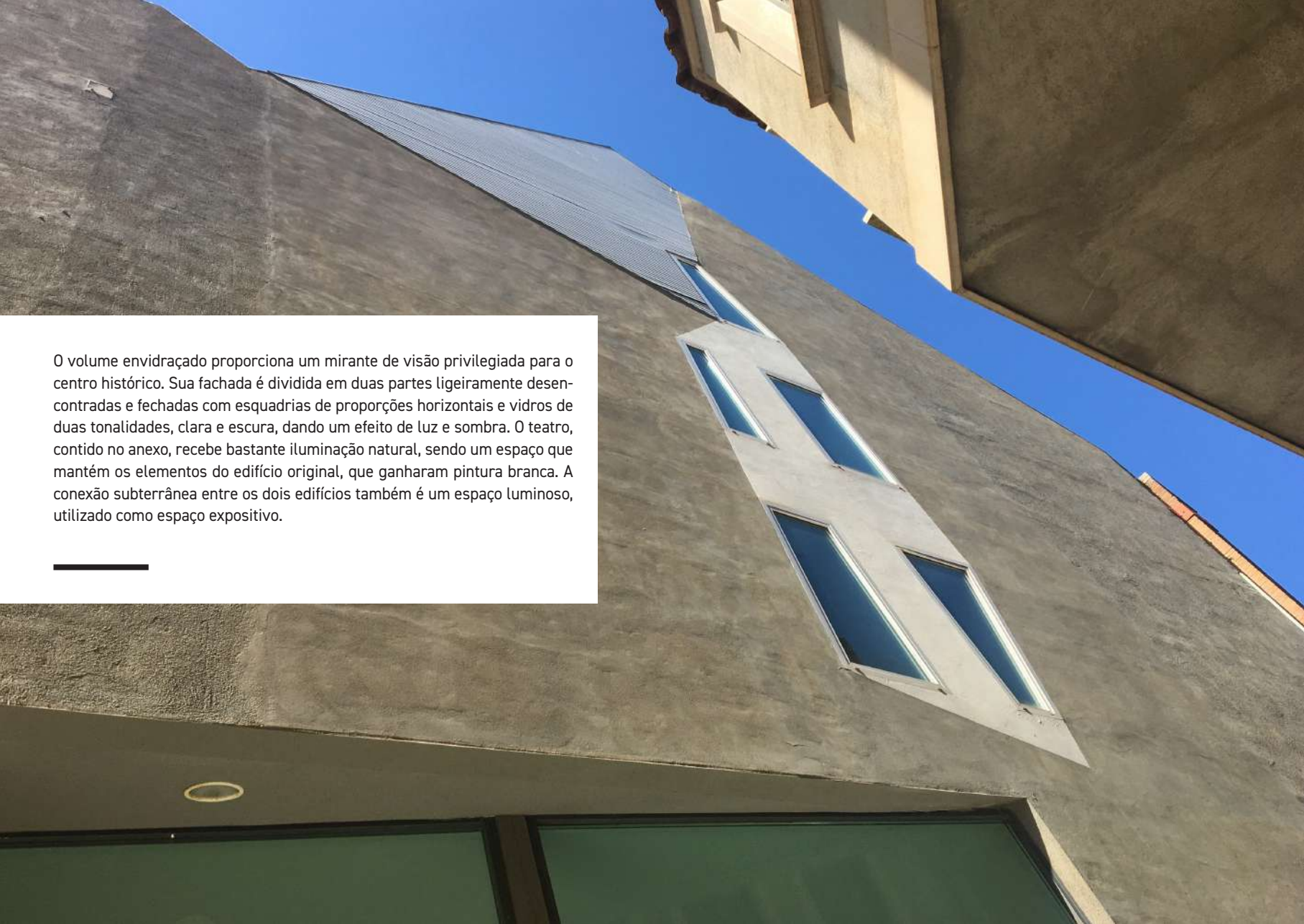
Ter. a Dom.: 11h às 20h | Seg.: fechado



O Centre de Cultura Contemporània de Barcelona (CCCB) está localizado no bairro do Raval. O edifício é um projeto de renovação da antiga Casa de la Caritat, estabelecida no século XIX, e ocupa a estrutura original de três alas dispostas em forma de “U” ao redor de um grande pátio central, o Pati de les Dones (sede). O anexo ocupa o edifício do antigo teatro da Casa de la Caritat, construído por Joseph Godoy Casals, em 1912, situado na atual praça de Joan Coromines. O centro possui um amplo programa de exposições sobre os mais diversos aspectos de arte e cultura contemporânea, organizando também atividades complementares associadas com cinema alternativo, música, dança, cursos, entre outros. Além das salas expositivas, o centro conta com auditório, livraria, salas polivalentes e teatro. A sede, projeto de Viaplana e Piñon, recebeu o prêmio FAD de arquitetura, e o anexo é dos arquitetos Martinez Lapeña-Torres, construído em 2011.

A intervenção de Viaplana e Piñon interferiu no edifício antigo, preservando um trecho do volume de um dos pátios (os três lados que formam um “U”), substituindo a ala norte por um novo volume mais alto do que o edifício original, em uma inserção contemporânea. Os acessos ao complexo se dão pela rua Montalegre e pela praça de Joan Coromines, criando uma permeabilidade pelo térreo do centro, que pode ser atravessado de forma pública através do pátio interno, de onde desce uma rampa para o subsolo, acesso ao centro de cultura propriamente dito. Já o anexo pode ser acessado diretamente pela praça ou pelo subsolo da sede, por meio de uma conexão subterrânea.

O volume prismático fecha o “U” da sede e tem 30 metros de altura, com uma fachada envidraçada que se inclina no topo e projeta-se sobre o pátio, tornando-se um espelho para a paisagem ao redor, refletindo inclusive a vista da frente marítima da cidade. O anexo, composto pelo teatro, conservou a fachada do antigo edifício, porém, criando sobre ela uma fachada contemporânea composta de janelas-letras sobre os arcos originais, formando a sigla CCCB.



O volume envidraçado proporciona um mirante de visão privilegiada para o centro histórico. Sua fachada é dividida em duas partes ligeiramente desencontradas e fechadas com esquadrias de proporções horizontais e vidros de duas tonalidades, clara e escura, dando um efeito de luz e sombra. O teatro, contido no anexo, recebe bastante iluminação natural, sendo um espaço que mantém os elementos do edifício original, que ganharam pintura branca. A conexão subterrânea entre os dois edifícios também é um espaço luminoso, utilizado como espaço expositivo.



MACBA



Richard Meier



1995



Plaça dels Àngels, 1



Dom., Qua., Qui. e Sex.: 11h às 20h Sáb.: 10h às 20h
Seg.: 10h às 15h | Ter.: fechado

O Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA) está localizado na Plaça dels Àngels, no Raval, em um entorno de grande riqueza patrimonial. Essa praça remonta ao século XIX, tendo sido ampliada nas décadas de 1980 e 1990, quando foram demolidas diversas edificações para promover o “esponjamento” da área. Em 1993, elabora-se finalmente o projeto que conferirá à praça a sua forma atual: uma plataforma para o museu, projetado por Richard Meier em 1990 e inaugurado em 1995. A praça se caracteriza pela apropriação dos skatistas, sendo um dos destinos mais procurados do mundo para a prática da modalidade do skate de rua.

O museu está implantado sobre essa plataforma que dá continuidade à praça, um amplo espaço unitário de pendente uniforme, assumindo um caráter monumental e alçando-se imponente sobre a cota da praça, ocupando toda a dimensão de seu lado mais extenso. Ao mesmo tempo, abre fachada oposta para outra praça, de menor dimensão, localizada ao lado do edifício do CCCB.

O volume está adaptado à geometria e alinhamentos das edificações circundantes. Uma circulação pública permeia o térreo do museu, conectando as duas praças, localizando o acesso do público e separando as áreas públicas e privadas do museu. O auditório está localizado no subsolo com acesso pela praça posterior.

A volumetria é formada por vários prismas que resultam em uma massa de 120 x 35 metros de base e 23 metros de altura, composta por linhas, planos e sólidos prismáticos e curvos, em uma reinterpretação formal do racionalismo. Um volume cilíndrico articula os volumes prismáticos, destacando-se na composição e protagonizando na fachada da segunda praça. Outro volume curvo se pronuncia na fachada principal, pontuando a esquina entre a praça e a rua Montalegre.





O interior é marcado por um átrio composto por rampas de circulação, que atravessam os três pavimentos do museu, articulando as áreas de exposição através de um eixo vertical. Esse átrio faz a transição entre a praça e as áreas de exposição, sendo uma espécie de filtro, que recebe iluminação direta pela fachada principal, envidraçada e protegida por brises, e pelas claraboias, localizadas na cobertura, distribuindo a luz para todos os pavimentos.

Enquanto a fachada principal opera como uma interface fluida entre exterior e interior, a fachada oposta é mais sólida e opaca, marcada pelo volume cilíndrico. A estrutura é de concreto armado, e o revestimento externo é resolvido por painéis de aço esmaltado branco, que rompem com a textura da arquitetura do centro de Barcelona.



Residencial Calle Carme



Josep Llinás



1992-1995



Carrer del Carme, 57

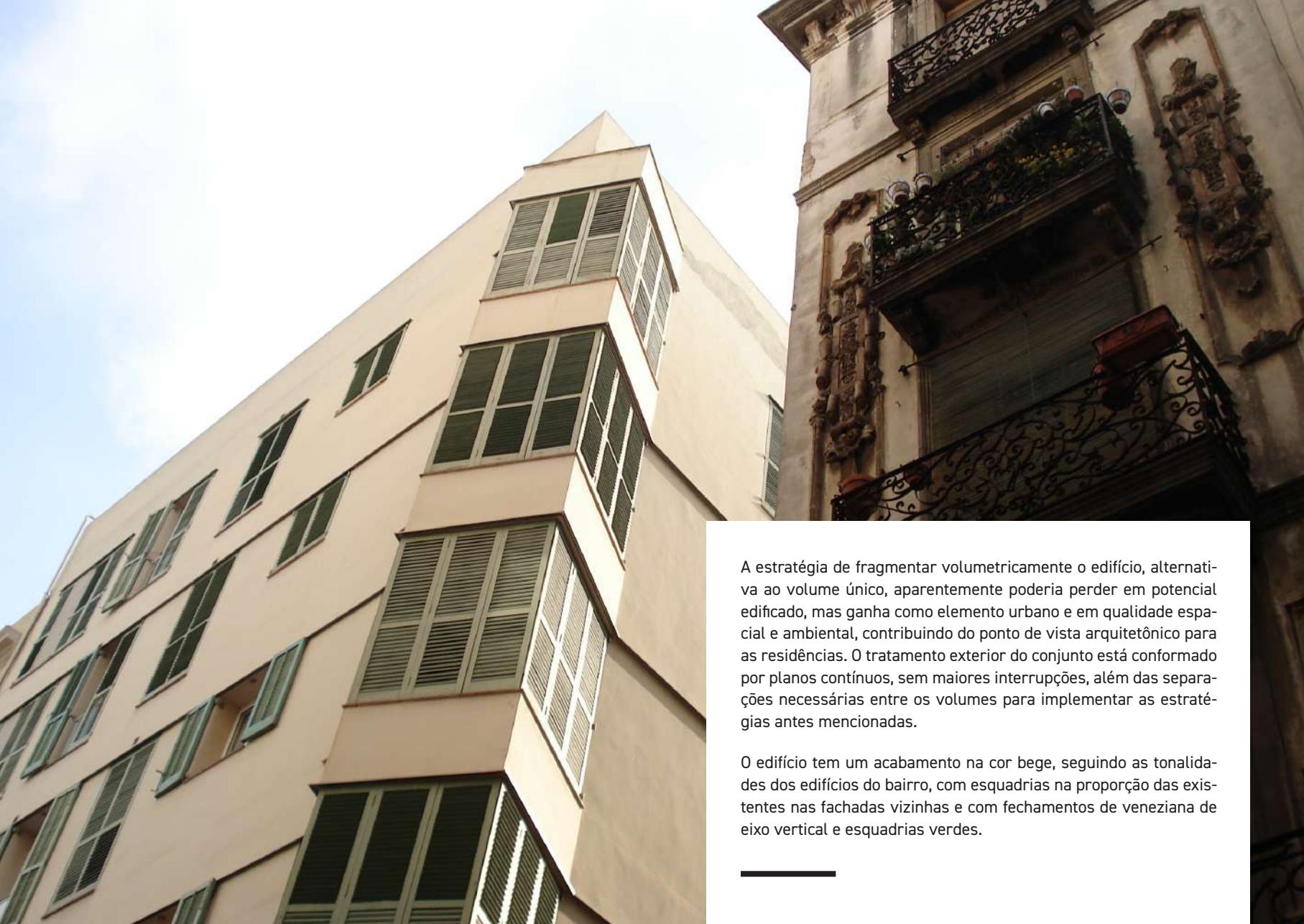


3

O Residencial Calle Carme está localizado no centro histórico de Barcelona, na esquina das ruas Carme e Roig, no bairro do Raval. Essa área da cidade é caracterizada por ruas estreitas e irregulares, com edifícios de quatro a cinco pavimentos, colados uns aos outros, que formam quadras de cerca de 50 metros de comprimento e uma estrutura que impede a luz atingir com facilidade os pavimentos térreos, deixando as ruas escuras e aumentando a sensação de confinamento. O edifício conta com 28 pequenas residências de sala com dois quartos, com térreo comercial, sendo projetado pelo arquiteto Josep Llinás.

O edifício faz uma inserção inventiva na quadra, reinterpretando alinhamentos e gabaritos e conformando uma imponente esquina. Para resolver os problemas de iluminação natural e dar maior amplitude à via, o térreo foi recuado, próximo à esquina, criando um vazio em forma de “funil” na rua, espaço resolvido com diferentes pés-direitos, um de altura dupla, na esquina, e outro de altura simples, voltado para a calçada da rua Carme. Essa operação no embasamento contribuiu para a comunicação visual entre as duas ruas e facilitou a circulação, aproveitando a intensidade urbana do bairro. Desta forma, uma arquitetura de caráter residencial ganha presença no bairro por meio da reconfiguração da esquina. O acesso está localizado nessa fachada oblíqua, voltado para a rua Carme.

Sobre o embasamento, foram criados três volumes interligados por circulações que conformam um novo alinhamento, ligeiramente oblíquo e recuado. O primeiro volume, da rua Carme, recupera as esquinas originais do lote; o segundo, na extremidade oposta, reforça o novo alinhamento; e o terceiro, central, ajuda a obter o número mínimo de residências necessárias para viabilizar o projeto. Assim, a relação entre os três volumes faz com que o volume total ganhe um maior arejamento, amplificando as possibilidades de acesso à luz natural e à ventilação, atribuindo maior permeabilidade visual à esquina no nível da rua e às habitações e aos espaços comuns nos pavimentos superiores.



A estratégia de fragmentar volumetricamente o edifício, alternativa ao volume único, aparentemente poderia perder em potencial edificado, mas ganha como elemento urbano e em qualidade espacial e ambiental, contribuindo do ponto de vista arquitetônico para as residências. O tratamento exterior do conjunto está conformado por planos contínuos, sem maiores interrupções, além das separações necessárias entre os volumes para implementar as estratégias antes mencionadas.

O edifício tem um acabamento na cor bege, seguindo as tonalidades dos edifícios do bairro, com esquadrias na proporção das existentes nas fachadas vizinhas e com fechamentos de veneziana de eixo vertical e esquadrias verdes.



Filmoteca de Catalunya



Mateo Arquitectura



2011



Plaça de Salvador Seguí, 1



Ter. a Dom.: 16h às 21wh | Seg.: fechado

A Filmoteca de Catalunya é uma instituição que se dedica à preservação de material fílmico e à difusão da cultura audiovisual e cinematográfica. Sua sede está localizada no bairro histórico do Raval, em um entorno conformado por uma malha de quadras densas e ruas estreitas com pouca circulação de veículos. O edifício, desenhado por Josep Lluís Mateo, é onde se encontra a parte pública da Filmoteca, composta por, além das salas de exibição, áreas de exposições, uma biblioteca, uma livraria e uma cafeteria externa.

O edifício busca marcar sua presença institucional no entorno, porém, respeitando as relações de escala das construções ao seu redor. O volume edificado se implanta na rua Espalter, dando continuidade ao alinhamento das ruas Sant Ramon/Nou de Saurni, assim como os das ruas Sant Josep Oriol e Sant Pau. O pavimento térreo recebe duas subtrações volumétricas nas fachadas laterais, de forma a criar alargamentos nas calçadas e possibilitar usos públicos. A parte edificada do térreo permite que os pedes-



4

tres atravessem transversalmente, conectando a praça à rua Espalter pelo térreo, passagem reforçada pelo uso do mesmo pavimento da praça no interior. A implantação se utiliza, no térreo, de aproximadamente metade do lote, abrindo a fachada principal como uma enorme tela para a praça Salvador Seguí.

Dois volumes de plantas retangulares conformam a volumetria do edifício: um enterrado, de dois pavimentos, e outro se abrindo para a praça em frente ao edifício, constando de quatro pavimentos. Enquanto as fachadas longitudinais são planos sem saliências, as fachadas laterais se dobram sobre elas mesmas, criando recuos e balanços. Os dois volumes principais definem duas espacialidades distintas de escuridão e de luz. Os pavimentos inferiores concentram as salas de cinema, espaços mais estanques e sem necessidade de luz natural, e os pavimentos superiores, por sua vez, dão espaço à parte mais flexível do programa, resultando em uma espacialidade mais fluida, composta por vazios e por relações visuais entre os

pavimentos. Além da luz natural que penetra pelas fachadas, o volume conta com algumas claraboias que iluminam esses vazios.

A Filmoteca irrompe abrindo a malha do Raval, propondo um novo “roteiro”, protagonizando um contexto urbano inovador, deixando-se contemplar ao construir uma distância entre a vida do bairro e sua presença edificada. Nessa distância, tanto o volume e suas características quanto o espaço habitado da praça surgem como uma nova excepcionalidade no Raval, um novo ponto referencial.

Duas vigas longitudinais de concreto armado liberam o interior de pilares, constituindo grandes vãos estruturais. O edifício se expressa, segundo o autor, como “pura estrutura, sem revestimentos”. Os fechamentos tiveram como inspiração os filtros e diafragmas dos instrumentos cinematográficos, que aqui controlam a intensidade e a cor da luz natural do edifício. Sendo assim, sua relação com o exterior é dada através de uma série de padrões de chapas metálicas perfuradas que filtram a luz, criando distintos graus de privacidade.





Escola Massana de Arte e Design



Estudio Carme Pinós



2017



Plaça Gardunya, 9

A Escola Massana de Arte e Design está localizada na Plaça Gardunya, atrás do Mercado da Boqueria, no bairro do Raval, centro histórico de Barcelona. Fundada em 1929, a instituição possui uma longa tradição na formação de artistas e designers. Nesta nova sede, inaugurada em 2017 com projeto do Estudio Carme Pinós, o edifício exalta essa relação entre arquitetura e arte por meio de um volume que se destaca compositiva e formalmente no contexto urbano. O programa está organizado em um nível térreo, cinco andares superiores e um subterrâneo, por meio de uma organização que articula os diversos usos que definem a escola, como as oficinas, as salas de aula e os espaços de exposição.

5



A escola faz parte das estratégias de transformação da Plaça Gardunya, antes uma área de carga e descarga do mercado, atuando em conjunto com a nova fachada posterior do Mercado da Boqueria e o edifício residencial do outro lado da praça, ambos projetados pelo mesmo escritório. Os três volumes conformam esse novo espaço público, organizando-se de forma perimetral e criando três novas fachadas voltadas para a praça. Se, por um lado, o edifício residencial propõe uma presença discreta, sem maior protagonismo, a escola se mostra instigante, com potência formal e volumétrica, uma irrupção estética na praça. Assim, no mesmo espaço, encontra-se a escala doméstica com uma mais institucional e abstrata.

O edifício tem uma planta em “L”, confrontando também as ruas Hospital e Florista de la Rambla. O acesso principal está localizado na rua Florista de la Rambla, estabelecendo uma relação com os jardins de Rubió i Lluch. Mais dois acessos de caráter secundário, um na Plaça Gardunya e outro mais próximo ao Mercado de la Boqueria, operam como apoio ao salão de atos e a outras atividades culturais realizadas fora dos horários da escola.

A parte do edifício que se relaciona com a praça está conformado por dois volumes sobrepostos e intersectados, que parecem girar um sobre outro, com saliências e subtrações que são aproveitadas na configuração da fachada e na sua relação com o entorno por meio de janelas e terraços. O volume voltado à rua Hospital apresenta subtrações no térreo, gerando o convite para o acesso à praça. O caráter de singularidade escultórica do edifício na praça por um lado potencializa sua presença, mas também consegue revalorizar esse espaço público antes deteriorado.

Espaços amplos e abertos, relacionados espacialmente, ganhando luminosidade e visibilidade, definem o interior do edifício. Essa amplitude e abertura é percebida como uma maior conexão na relação dentro-fora, principalmente no térreo, onde é possível observar as atividades e eventuais exposições através dos janelões. As salas de aula e oficinas, orientadas ao sul e norte respectivamente, estão separados por um átrio central que, pela sua amplitude, funciona quase como um corredor urbano. Um terraço no final de cada espaço de circulação abre o edifício à praça, oferecendo



ambientes de convívio para os estudantes e professores. Desta forma, a espacialidade pública da praça ecoa na espacialidade interior do edifício, que reconhece sua situação e o contexto em que está inserido, ganhando permeabilidade e fortalecendo a conexão com o espaço urbano.

Estruturalmente, o edifício está dividido em duas zonas: a primeira com grandes balanços e a segunda com pilares e lajes maciças. Peças de cerâmica fabricadas de forma artesanal estão dispostas na fachada formando brises, conferindo ao edifício uma singularidade material: por um lado trazendo conforto ambiental e por outro resguardando a intimidade do interior.





APROP

Ciutat Vella



Eulia Arkitektura, Straddle3, Yaiza Terré



2019



Carrer Nou de Sant Francesc, 10X

6



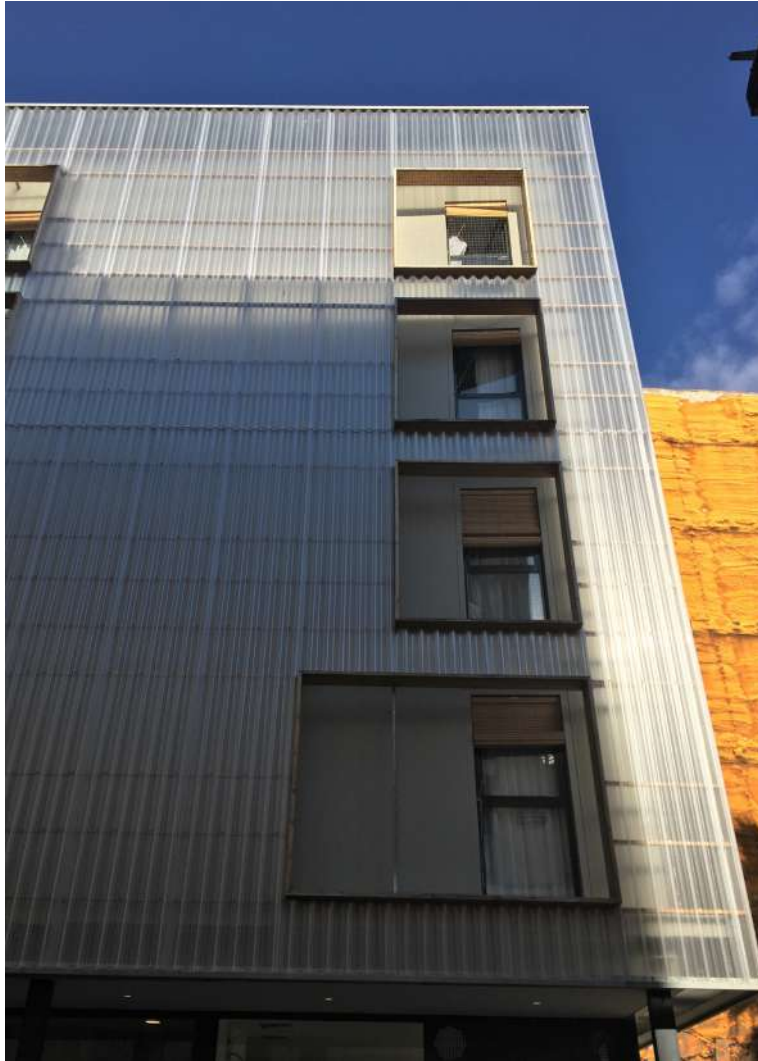
O edifício residencial APROP (Alojamentos Provisórios de Proximidade) está localizado no Bairro Gótico, centro histórico de Barcelona, em um espaço público da Prefeitura destinado a áreas verdes, que provisoriamente foi utilizado para a construção deste edifício transitório de habitação de interesse social. Sua localização é uma resposta à necessidade de regular a gentrificação do centro histórico, na tentativa de criar bairros acessíveis, próximos aos serviços e aos equipamentos públicos, apontando a uma democratização da moradia. O objetivo do APROP é oferecer uma solução habitacional temporária aos vizinhos do próprio bairro que tenham sido desalojados.

Construído contra duas empenas dos imóveis vizinhos e conformando uma nova esquina, o edifício tem cinco pavimentos e cobertura verde. De volumetria compacta, ele está conformado por embasamento de aço e vidro, que suporta corpo composto por módulos pré-fabricados (containers) que abrigam 12 alojamentos de um e dois quartos (oito simples e quatro duplos). Todos possuem ventilação cruzada, com orientação nordeste e sudeste, favorecendo a captação de sol durante o inverno e possibilitando o aquecimento natural da habitação, reduzindo, assim, o uso excessivo de energia para aquecimento.

O térreo está destinado ao acesso, à administração do edifício, a um equipamento comunitário e a serviços sociais. A fachada de vidro do térreo, ligeiramente recuada em relação ao alinhamento do corpo principal, cria um espaço de transição transparente e acessível, aberto diretamente para a rua e para a praça. O núcleo de circulação vertical está posicionado em uma das empenas, resolvendo, dessa forma, a relação com o edifício vizinho e o acesso a todos os apartamentos por meio de passarelas.

Os containers estão empilhados sobre uma estrutura de aço, permitindo rápida montagem e execução. Assim, tanto o programa quanto a arquitetura do edifício respondem de forma funcional, racional e econômica às necessidades que motivaram sua implementação. A torre de circulação vertical é uma estrutura aparente de concreto pré-fabricado, que recebe uma escada de estrutura metálica. O edifício está revestido por uma fachada de policarbonato translúcido rasgada por marcos verticais de madeira e por balcões metálicos, criando um afastamento em relação às paredes dos containers como uma pele dupla. Esse espaço entre pele e módulos favorece o conforto ambiental do conjunto, deixando que o ar circule livremente. Os topos dos containers são totalmente envidraçados, de forma que a pele exterior deixe a luz passar.





Mercado Santa Caterina



Enric Miralles e Benedetta Tagliabue - EMBT



1997-2004



Av. de Francesc Cambó, 16



Seg. a Sáb.: 07:30h às 20:30h | Dom.: fechado



O Mercado Santa Caterina se localiza no bairro de Sant Pere e Santa Caterina, no centro histórico de Barcelona, em um entorno de ruas estreitas de traçado irregular, em sua maioria peatonais. É fruto de um concurso, realizado em 1997, cujo projeto vencedor é de autoria de Miralles e Tagliabue. O edifício ocupa uma quadra onde no passado existiu o Convento de Santa Caterina e, posteriormente, o antigo mercado de Santa Caterina. Portanto, o novo mercado foi construído sobre o mercado antigo, agregando novos usos ao contexto comercial já existente, tais como um edifício de habitação social para idosos, um espaço arqueológico contendo as ruínas do antigo convento, espaços públicos e estacionamento subterrâneo, complementando as atividades do bairro e hibridizando a quadra.

O projeto trabalha com a sobreposição dos diferentes momentos históricos da quadra em um mesmo edifício, criando um híbrido no que diz respeito a formas e a usos. O novo mercado literalmente se sobrepõe ao existente, assim como o antigo mercado já se sobrepusera ao antigo convento. Sua implantação parte da preservação da casca do antigo mercado - seu antigo muro perimetral -, sobre a qual a nova cobertura pousa, e da criação de dois espaços públicos: uma praça exterior, localizada na esquina das ruas Colomines e Giralt el Pellisser, que faz a mediação com a trama urbana existente, e outra no interior da quadra, que articula o mercado ao edifício de habitação social.

Os principais acessos se dão pela avenida Francesc Cambó e pela praça, localizada do lado oposto, que também organiza o acesso às residências e ao centro arqueológico. O projeto buscou uma adaptação à complexidade do lugar, resultando em uma diversidade de elementos que se encontram de forma que não é tão fácil distinguir entre a reabilitação e a nova construção.

A volumetria tem como foco a cobertura, uma superfície fluida, formada por abóbadas que variam suas seções ao longo do comprimento, que pousa em uma série de pilares de aço (irregulares e com uma notória intenção escultórica) e no embasamento formado pela fachada antiga, extrudada internamente para dar lugar a espaços comerciais e de serviços na periferia do edifício. O volume residencial está ligeiramente recuado do alinhamento



da fachada antiga, de forma a ampliar o volume vazio das ruas para as quais se abre. Composto por dois volumes torcidos, criando um pequeno espaço coletivo entre eles, direcionando o fluxo para o acesso do mercado, esse edifício também propõe relações visuais distintas das experimentadas no denso tecido do entorno.

O interior do mercado é dominado pela presença da cobertura, cujas abóbadas marcam longitudinalmente uma estruturação de nave central e naves laterais. Distintas entradas de luz surgem nos pontos de encontro entre a cobertura e as fachadas. A materialidade é marcada pelos mosaicos coloridos que revestem a parte externa da cobertura, fazendo menção às cores dos alimentos vendidos no interior. Internamente essa superfície aparece na forma de arcos de madeira laminada unidos por vigas metálicas, que por sua vez descarregam em pilares, como árvores ou como ramos metálicos, no exterior. Os fechamentos laterais de madeira têm como referência as caixas utilizadas para armazenar alimentos. Assim, tanto os produtos oferecidos pelo mercado quanto o próprio mercado dialoga na criação de uma atmosfera que contribui para a identidade do todo, em uma simbiose entre o conteúdo e o contenedor, entre o abrigado e o abrigo.





Residencial Plaça Sant Agustí Vell



Josep Llinás



2003-2005



Plaça Sant Agustí Vell, 2-4; Carrer del Pou de la Figuera

O Residencial Plaça Sant Agustí Vell é um conjunto de 18 apartamentos localizado na rua Serra Xic, esquina com a rua Pou de la Figuera, projeto do arquiteto Josep Llinás. O conjunto está formado por três volumes, de cinco pavimentos cada, com comércio no térreo, sendo que um dos volumes corresponde à reforma de um edifício preexistente, que complementa os dois volumes novos na esquina oposta. Trata-se de uma intervenção de pequena escala, inserida de forma sensível na trama densa e antiga do centro histórico de Barcelona, configurando três esquinas. A implantação respeita alinhamentos e gabaritos do entorno, fechando a quadra irregular e resultando em três chanfros nos volumes. Da mesma forma que no edifício residencial da rua Carme, do mesmo arquiteto, o esvaziamento da esquina é uma das estratégias com que a intervenção relaciona a arquitetura ao espaço público, de forma generosa com o bairro e com a cidade.

O acesso aos dois volumes conjugados se dá através de um pátio conectado a uma circulação vertical que une ambos. Já o terceiro, do outro lado da rua, possui um acesso próprio. O percurso de acesso permite experimentar a relação com as áreas vizinhas e com os espaços de transição do conjunto.





O edifício é marcado por pequenas saliências e esvaziamentos que relacionam o espaço público ao espaço doméstico, sem romper a volumetria do contexto em que está inserido. Uma característica que se destaca no volume do edifício são as galerias e as varandas, na forma de grandes janelas, que se projetam para o exterior, contribuindo para uma volumetria que consegue compatibilizar a complexidade da malha do bairro com uma arquitetura que cria um espaço interior de qualidade.

Da mesma forma que no edifício da rua Carme, três volumes independentes se relacionam para conformar um conjunto íntegro. A estratégia de esvaziamento do volume, principalmente nos dois edifícios conjugados, cria frestas que são aproveitadas para aumentar a permeabilidade das fachadas. Por outro lado, diferenças de altura permitem gerar plantas livres na parte alta do edifício, amplificando as possibilidades de ventilação e iluminação natural. As circulações verticais e a forma de acessar os apartamentos fazem com que a espacialidade mais doméstica do edifício dialogue com o exterior. Essa característica também é oferecida ao exterior, onde os recortes na volumetria dão maior amplitude ao espaço urbano e comunicam sutilmente interior e exterior.

Os apartamentos, de pequenas dimensões, possuem a cozinha na área de acesso, reduzindo o espaço de circulação. Os banheiros estão localizados no centro, liberando as fachadas para os compartimentos habitáveis. O edifício tem um acabamento na cor clara, seguindo as tonalidades dos edifícios do bairro. No térreo, em uma das esquinas esvaziadas onde se localiza o comércio, alguns trechos são revestidos com placas metálicas, criando um embasamento. Nos pavimentos superiores, as esquadrias e guarda-corpos são de alumínio com persianas de enrolar do mesmo material.



Mercado del Born



Enric Soria e Rafael de Cáceres (restauração e reabilitação como centro cultural) | Vora Arquitectura (projeto urbano do entorno)



2013



Plaça Comercial, 12



Ter. a Dom.: 10:00h às 20:00h | Seg.: fechado

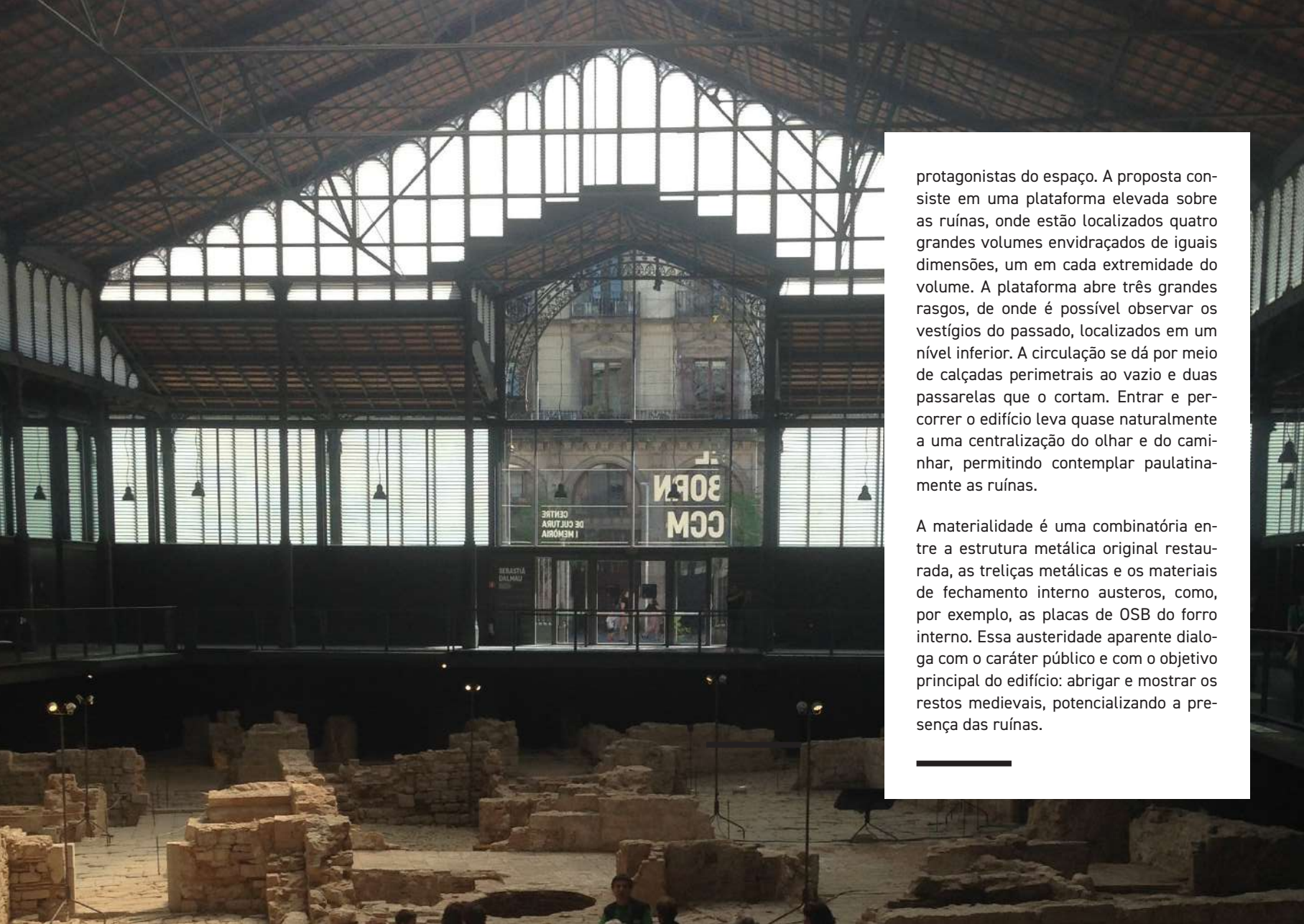


O Mercado del Born, conhecido como “Catedral de ferro e vidro”, é um representante da arquitetura modernista catalã. O edifício foi construído em 1878 por Josep Fontserè i Mestre, funcionando como o mercado do bairro El Born até 1920. Em 1977, converteu-se no Mercado Central de frutas e verduras de Barcelona. Em 2002, durante uma obra de restauração para instalação da Biblioteca de Barcelona, foram encontrados restos arqueológicos do período medieval, o que deu novo rumo ao projeto. Hoje o Mercado del Born é um centro cultural, inaugurado em 2013, que guarda em seu interior os achados arqueológicos daquele período, abertos à visitação, contando ainda com auditório e salas de exposição, que recebem exposições temporárias e programação cultural.

Ao situar-se entre o parque da Ciutadella e o centro histórico, o edifício opera como um articulador entre ambas as áreas, aspecto reforçado pelo seu caráter público e cultural. Contendo dois acessos opostos alinhados com as ruas do entorno, o edifício pode ser atravessado, ganhando as características de um espaço público, reforçado pela sua amplitude, pela continuidade de nível que se estabelece com a calçada e pela farta iluminação natural.

Para potencializar a ativação do edifício, as ruas do entorno também sofreram intervenções. O tráfego na rua Comercial, em frente ao mercado, foi abolido, tornando-se um espaço de pedestres até os limites do parque da Ciutadella. Um “vazio” foi gerado ao redor do edifício para dotá-lo de monumentalidade, tornando-o um elemento de conexão com a história e a memória do lugar. Assim, as ruas do entorno antigo, que por muitos anos estiveram degradadas pela falta de uso contínuo do mercado, ganharam força, articulação, centralidade e identidade.

O edifício é um grande volume retangular de aproximadamente 140 x 60 metros. Sua principal característica volumétrica é a monumentalidade em relação ao entorno, ganhando presença tanto vertical quanto horizontal. O projeto de reabilitação incrementou a espacialidade interior do edifício, gerando um vazio monumental que destaca tanto os serviços e equipamentos do perímetro interno quanto sua própria estrutura e materiais, além de, naturalmente, dos restos arqueológicos medievais que são, hoje, os



protagonistas do espaço. A proposta consiste em uma plataforma elevada sobre as ruínas, onde estão localizados quatro grandes volumes envidraçados de iguais dimensões, um em cada extremidade do volume. A plataforma abre três grandes rasgos, de onde é possível observar os vestígios do passado, localizados em um nível inferior. A circulação se dá por meio de calçadas perimetrais ao vazio e duas passarelas que o cortam. Entrar e percorrer o edifício leva quase naturalmente a uma centralização do olhar e do caminhar, permitindo contemplar paulatinamente as ruínas.

A materialidade é uma combinatória entre a estrutura metálica original restaurada, as treliças metálicas e os materiais de fechamento interno austeros, como, por exemplo, as placas de OSB do forro interno. Essa austeridade aparente dialoga com o caráter público e com o objetivo principal do edifício: abrigar e mostrar os restos medievais, potencializando a presença das ruínas.



Plaça de Carme Simó

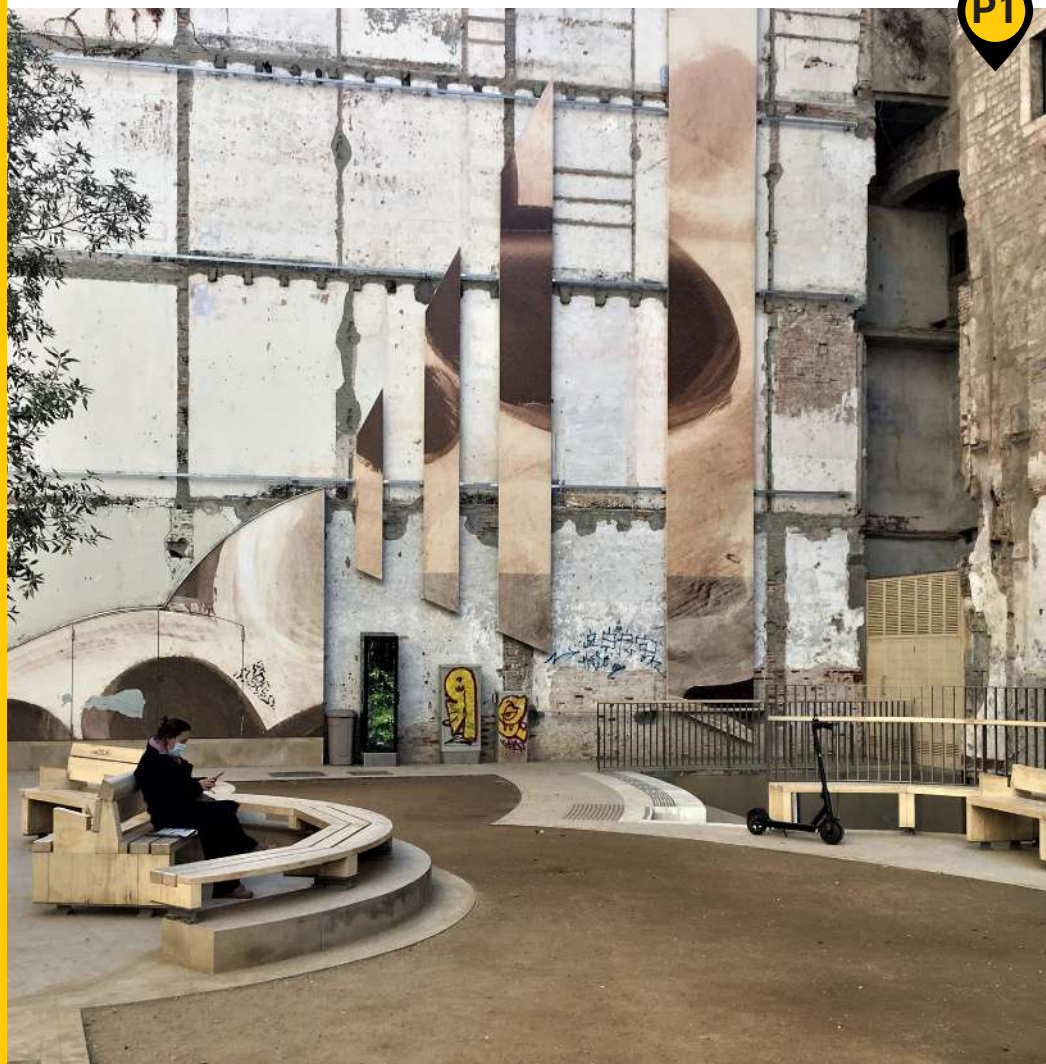
 Josep Llinás

 2019

 Carrer Sots Tinent Navarro

A Plaça de Carme Simó é o resultado da demolição de alguns edifícios que encobriam os restos da Muralha de Barcino, a Barcelona Romana, proteção que foi “fagocitada” ao longo do tempo pelos edifícios adjacentes. O novo espaço público se conforma como uma sequência de plataformas, interligadas por um talude vegetal, com o objetivo de atender a diferentes públicos: tanto os moradores e os passantes que desejem permanecer e contemplar o monumento quanto os estudantes da escola adjacente, que não conta com pátio adequado.

O desenho adotado parte de curvas que se relacionam às torres da muralha, definindo áreas de diferentes pavimentações: uma dura e outra permeável. Dois bancos auxiliam na definição dos espaços, cujo desenho polivalente permite sentar-se em ambos os lados ou mesmo ficar de pé, a exemplo de um palanque, sugerindo brincadeiras e diferentes apropriações pelas crianças.



DIA 2

SANT GERVASI E GRÀCIA

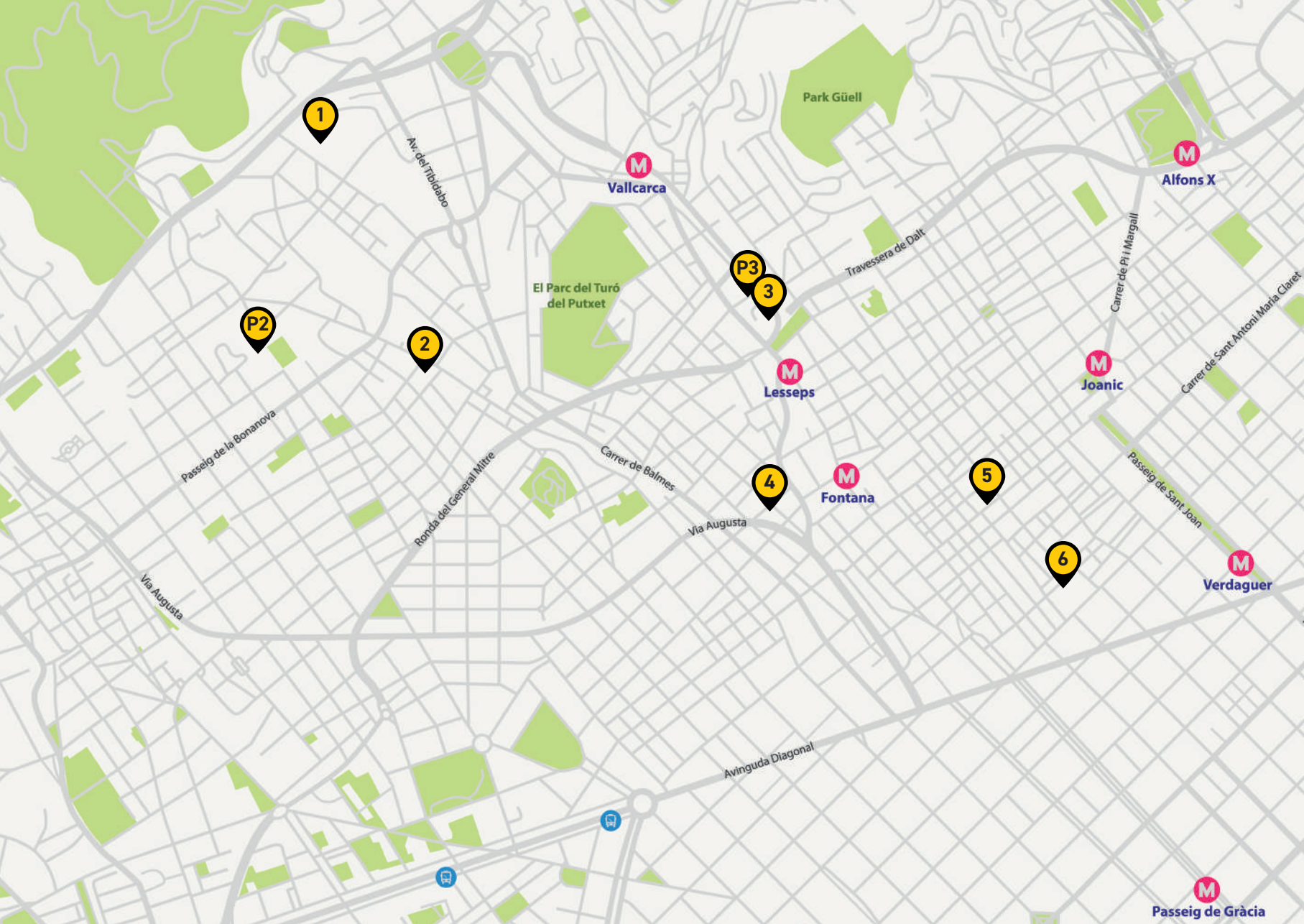


ROTEIRO ARQUITETÔNICO

- 1 CosmoCaixa
- 2 Biblioteca Joan Maragall
- 3 Biblioteca Jaume Fuster
- 4 Vil·la Urània
- 5 Biblioteca Vila de Gràcia
- 6 Ateneu de Fabricació de Gràcia
- P2 Lycée Français Maternelle
- P3 Residencial Lesseps

PONTOS DE INTERESSE

- Casa Vicens
 - Plaza de la Virreina
 - Plaza del Diamant
 - Plaza de la Revolució
 - Plaza del Sol
 - Plaza de la Vila de Gràcia
 - La Pedrera
-



1

P2

2

P3

3

4

5

6

M
Vallcarca

M
Alfons X

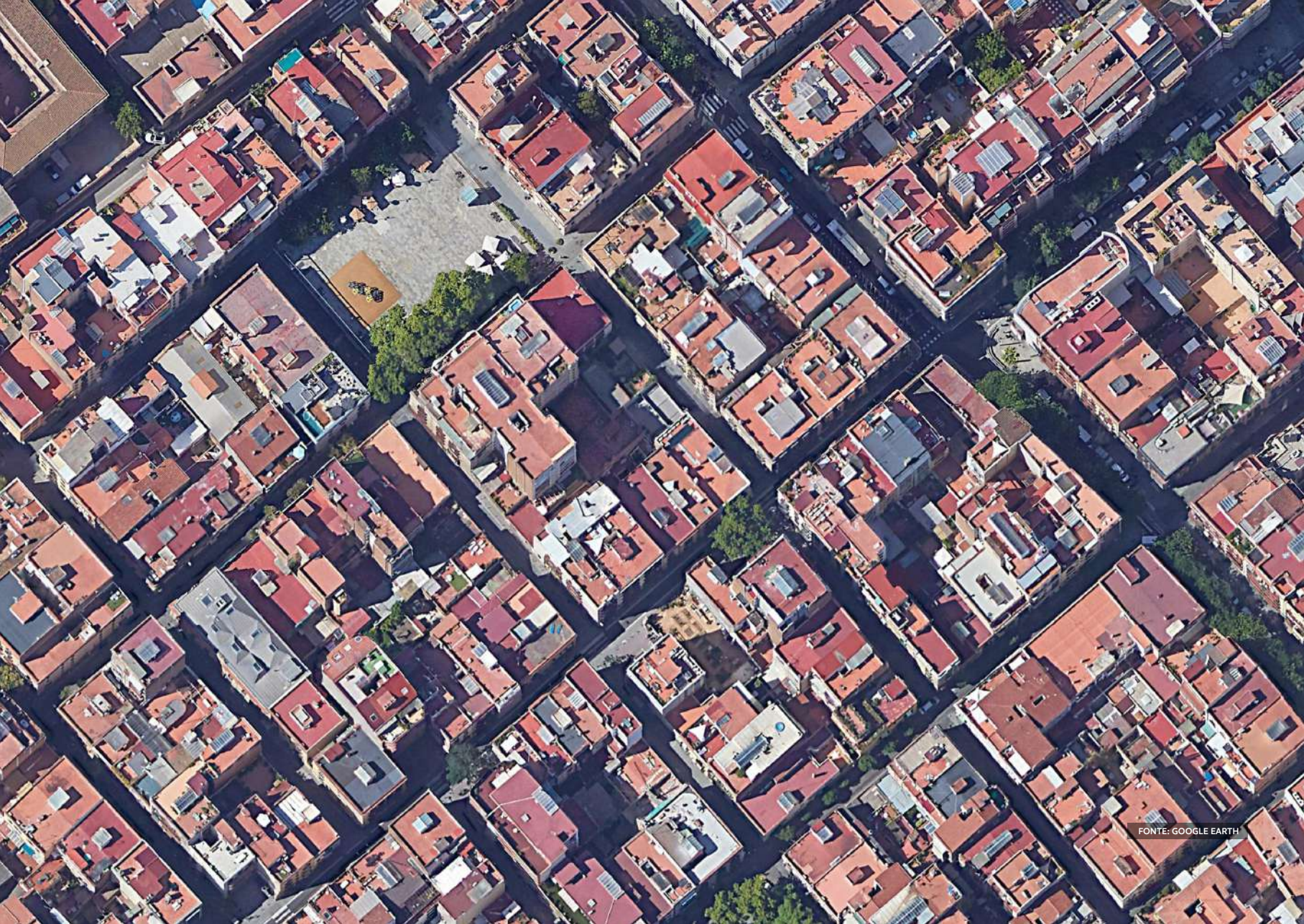
M
Lesseps

M
Joanic

M
Fontana

M
Verdaguer

M
Passeig de Gràcia



CosmoCaixa



Esteve e Robert Terradas



1904 / 2008 (Construção do edifício original / Reforma)



Carrer d'Isaac Newton, 26



Ter. a Dom.: 10h às 20h | Seg.: fechado



O CosmoCaixa é um museu de ciências construído no mesmo terreno da construção anterior, que funcionava em um edifício do arquiteto Josep Domènech i Estapà, ainda presente no espaço. O edifício original, construído em 1904 no estilo modernista catalão, acolheu pessoas cegas durante sete décadas (1909 – 1979), quando, em 1981, foi transformado em museu dedicado à divulgação científica. Em 2004, depois de uma grande ampliação, foi inaugurado o atual Museu CosmoCaixa, um dos museus mais importantes da Europa. Localizado na parte alta de Barcelona, no bairro de Sarrià St. Gervasi, de onde é possível ver o mar, a montanha de Montjuïc e a cidade, o museu ocupa uma superfície de 47.600 m², sendo que 30.000 m² estão destinados aos visitantes.

Projetado pelos irmãos Terradas, o edifício possui nove pavimentos, seis deles subterrâneos. As áreas de exposição contemplam oito temas que abrangem toda a era da ciência, desde a teoria do Big Bang até a era atual da informática. Uma das principais atrações é a reprodução de um trecho inundado da floresta amazônica, habitado por uma variedade de espécies animais e vegetais. O museu também abriga biblioteca, livraria, café, exposições temporárias, auditório, planetário e uma grande praça pública para diferentes atividades.

A implantação está determinada por alguns elementos preexistentes, como o edifício original, as ruas adjacentes e a topografia, porém, em diálogo com as intenções técnicas e espaciais do edifício. Os arquitetos criaram um volume que se adapta à pendente, criando uma grande plataforma-praça de formato retangular, ocupando todo o terreno disponível. O acesso ao edifício se dá pelo térreo do edifício original. Um volume prismático que contém a rampa de acesso aflora da plataforma, do lado nordeste, sem tocá-la, abrindo-se ao sudeste (pátio e mirante) e usufruindo da transparência, que joga um papel importante ao aproveitar-se dessa orientação. Os espaços expositivos do museu estão localizados nesse volume-plataforma sob a praça.



O volume prismático destacado, em estrutura de aço e fechamentos de vidro, proporciona excelente qualidade de luz natural no interior do acesso ao museu. O edifício dispõe de uma grande rampa em espiral que "abraça" uma árvore da Amazônia, por onde o visitante acessa diretamente o pavimento expositivo, no andar mais inferior. Os pavimentos são contínuos, interligados por rampas e elevadores.



A rampa outorga grande identidade ao edifício ao marcar fortemente a experiência do acesso. A ideia dos arquitetos ao projetá-la foi criar um dispositivo de “desaceleração” para os grupos escolares que visitam regularmente o museu. A transparência desse elemento é também compartilhada pelo resto do edifício, permitindo ver todas as partes que compõem a espacialidade do museu, inclusive algumas das propostas científicas expostas. O módulo estrutural tem 1.125 metros, organizando a planta a partir de múltiplos dessa dimensão e em função do programa. O pórtico estrutural está formado por um sistema de vigas e pilares em “V” repetidos a cada 9 metros. A altura da sala de exposições principal é de 14.625 metros, dimensão também múltipla do módulo básico.



Embora exista uma multiplicidade de materiais presentes no edifício, aço e vidro se misturam como materiais principais, cada um tratado de forma diferente em função das necessidades técnicas e estruturais do museu, porém, também operando como configuradores de uma espacialidade e vivência integradora, na qual percorrer e contemplar são os atos protagonistas. A estrutura metálica, apesar de sua robustez, é atenuada pela pintura preta que a cobre, pela iluminação dos dispositivos expositores e pela luz exterior. A madeira protagoniza os pavimentos dedicados ao programa complementar do museu (auditório e planetário), que funciona como um mezanino para o andar expositivo, criando ricas relações visuais.

Biblioteca Joan Maragall



Baena Casamor Arquitectes - BCQ Arquitectes



2007 - 2014



Carrer de Sant Gervasi de Cassoles, 85



Seg. a Sex.: 10h às 20h30 | Sáb.: 10h às 14h | Dom: fechado

A Biblioteca Joan Maragall está localizada no bairro de Sant Gervasi, na rua Sant Gervasi de Cassoles, entre as ruas Reus e Bisbe Sivilla, construída sob o Jardim de Villa Florida, onde também há um centro cívico. O projeto surgiu de um concurso de ideias cujo vencedor foi o escritório BCQ Arquitectes. O tema da proposta dos arquitetos no concurso foi o “Jardim de Luz”, no qual pretendiam melhorar o jardim existente e, ao mesmo tempo, proporcionar espaços atrativos e bem iluminados para abrigar a biblioteca e uma pequena galeria.

A implantação da biblioteca considerou a situação existente, um jardim elevado a aproximadamente seis metros da rua Sant Gervasi de Cassoles, contido por um muro de pedra voltado a ela. O gesto utilizado para a implantação foi o de “enterrar” a biblioteca na topografia do terreno, sob o jardim, mantendo-o na mesma cota e estabelecendo um acesso a ela por essa rua.

O partido arquitetônico consiste em prismas irregulares intercalados por espaços vazios - pátios - também prismáticos, implantados seguindo, de

forma descontínua, o alinhamento da rua. O acesso à biblioteca é realizado em nível, por um dos vazios, enquanto o jardim é acessado por uma escada e uma rampa. Segundo texto dos autores, o edifício é conformado através dos “pátios de luz e silêncio” e dos “pátios de livros e conhecimento”. Os primeiros, cercados por vidro, iluminam e ventilam o interior da biblioteca, ao passo que a separam da rua, e os segundos, prismas sólidos repletos de livros, fazem parte da estrutura da biblioteca. Entre os pátios e os volumes se articulam os espaços internos de leitura e de trabalho.

O edifício possui três pavimentos - térreo, inferior e superior -, este último contém somente o volume da galeria no nível do jardim, além de uma claraboia que ilumina a área infantil. O edifício tende a desaparecer quando se transforma no embasamento do jardim preexistente. A presença desse

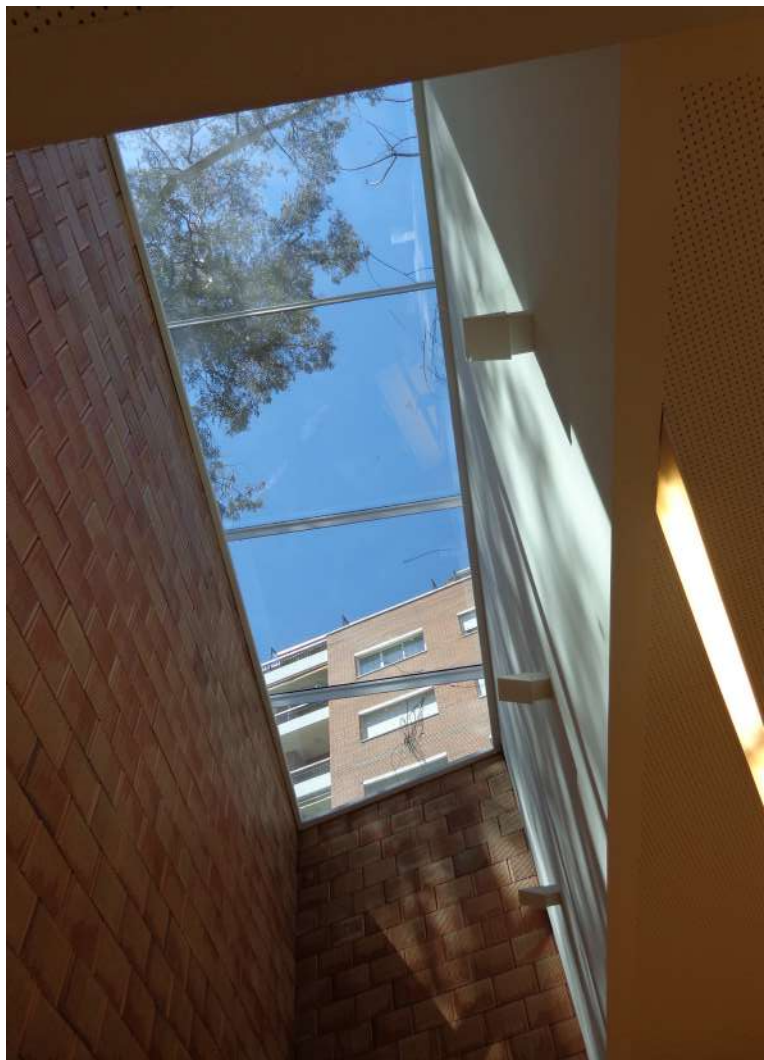




volume escavado se revela por meio do acesso e da escada, elementos que anunciam a existência da biblioteca.

A principal característica da espacialidade interna é a presença da luz natural, que entra pelos pátios e ilumina a área de leitura. Os pátios, as “janelas” da biblioteca, fazem a articulação do edifício com a rua, e permitem relações visuais entre o espaço público e os dois pavimentos do edifício.

A materialidade externa se caracteriza pela solidez e pela opacidade. Os volumes cegos para a rua são os novos “muros”, que substituem o antigo muro de pedra existente, porém, reinterpretados e interrompidos pelos pátios de luz. No interior, domina o revestimento de tijolos cerâmicos aplicado às empenas estruturais de concreto, complementado com ambientes geralmente brancos: forros, pisos, móveis e paredes.



Biblioteca Jaume Fuster



Josep Llinás



2001-2005



Plaça de Lesseps, 20-22



Ter. a Sex.: 10h às 21h | Sáb.: 10h às 14h - 16h às 21h

Dom.: 10h às 14h | Seg.: 10h às 14h - 16h às 21h

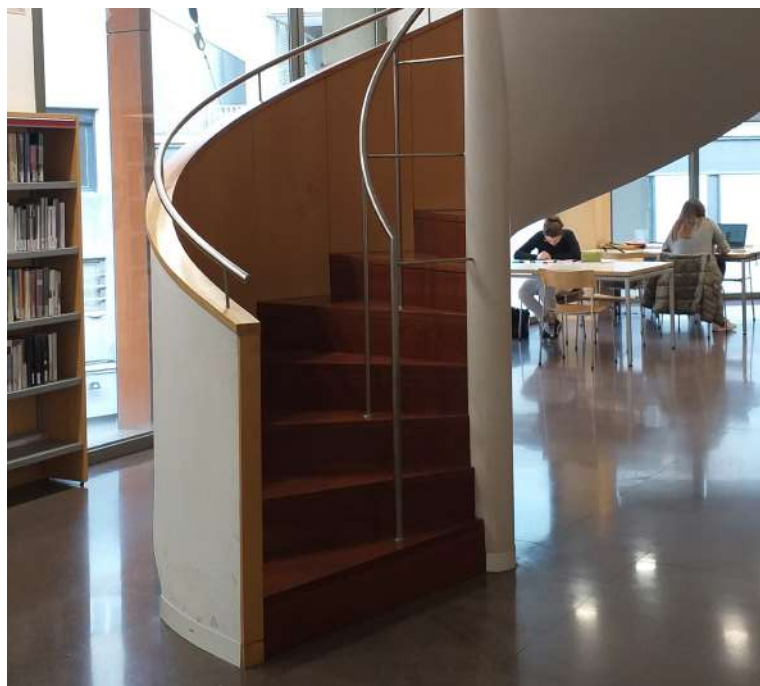


A Biblioteca Jaume Fuster está situada na Praça de Lesseps, no extremo norte do bairro de Gràcia. O edifício, projetado por Josep Llinás, além das áreas de leitura, possui em seu programa auditório, sala polivalente, anfiteatro, sala de exposições, bar-cafeteria e área infantil, em uma superfície de 5.636 m² distribuída em quatro pavimentos. É uma das maiores bibliotecas da cidade, tendo recebido o Prêmio FAD em 2006.

O edifício se encontra em uma praça que é um ponto de inflexão entre a malha consolidada da cidade e a trama adaptada à topografia, em um pendente que conecta a cidade à montanha, um espaço conflitivo que carecia de melhor conformação espacial. A implantação complementa a quadra existente, construindo uma esquina ampla e, ao mesmo tempo, desenhando uma continuidade da praça em direção ao acesso, criando um recuo que funciona como área de transição. A grande marquise que cobre o acesso é o elemento que define o novo desenho da quadra e que medeia a passagem do grande espaço público exterior ao espaço público interior. Assim, o edifício “fecha” a praça e opera como um pano de fundo, visível para quem por ali trafega.

A relação da cidade com a montanha foi o ponto de partida do projeto. A volumetria responde a um escalonamento acompanhado por uma inclinação de plataformas, coberturas que se fragmentam e planos que se desdobram, abrindo novas perspectivas para a praça onde se implanta. O resultado dessas operações formais é o dinamismo visual, que dota o edifício de uma expressividade volumétrica e de um caráter referencial de equipamento público, coerente com a dinâmica dos fluxos da praça.

O dinamismo volumétrico do edifício se reflete no interior, criando uma grande complexidade e riqueza espacial dos ambientes, integrados visualmente por meio de pés-direitos duplos e mezaninos. As diferentes alturas das coberturas criam delimitações espaciais que particularizam cada ambiente, e as grandes entradas de luz da fachada permitem a iluminação natural, além de enquadrar vistas do exterior. A relação entre interior e exterior é tratada com a mesma riqueza, incorporando a calçada como um componente fundamental na relação entre o caráter público da biblioteca, como equipamento, e a cidade, como contexto público. No acesso, abrigadas pela marquise, me-



As mesas e cadeiras da cafeteria, distribuídas próximas ao edifício, geram permanência, como uma projeção da praça ao edifício e vice-versa.

A materialidade se expressa, de maneira geral, pela fuga da monumentalidade e pela aproximação com a escala humana. Dessa forma, no exterior, o uso dos materiais define um embasamento que cria estímulos para o usuário, enquanto os grandes painéis contínuos de revestimento se restringem aos volumes elevados. No interior, da mesma maneira, paredes e pilares brancos recebem revestimento de madeira até certa altura, buscando ambientes mais acolhedores para a leitura.





Vil.la Urània



SUMO Arquitectes SLP | Yolanda Olmo



2017



Carrer de Saragossa, 29



Seg. a Sex.: 9h às 22h | Sáb.: 10h às 14h e 16h às 20h
Dom.: fechado



A Vil.la Urània é um equipamento municipal do bairro de Sarrià-Sant Gervasi, situado na quadra entre a via Augusta e a rua Saragossa, na altura das ruas Madrazo e Sant Eusebi. Neste terreno, existe uma pequena residência que data de finais do século XIX, de importância patrimonial, que resistiu ao adensamento do bairro, resultando emparelhada entre dois edifícios altos, cujas empenas se voltam a ela. O desafio do projeto foi ressignificar essa edificação preexistente e seus jardins, incorporando-a a um novo edifício. O programa de aproximadamente 3.200 m² conta com um espaço familiar aberto a crianças de várias idades, um centro cívico e uma galeria de arte. O projeto, inaugurado em 2017, é dos escritórios SUMO Arquitectes SLP e Yolanda Olmo.

O projeto parte da implantação de um novo volume contra a empena norte que se volta ao terreno, abrindo uma fachada orientada ao sudeste e criando uma rua interna, que conecta as duas vias confrontantes. O volume segue o alinhamento e o gabarito dos edifícios adjacentes, criando uma pequena inflexão no térreo da fachada voltada para a rua Saragossa, marcando um encaminhamento para o interior. Por meio de um jogo de rampas e escadas, é feita a conexão entre as ruas, sendo realizado o acesso aos edifícios, tanto no nível térreo quanto no subsolo.

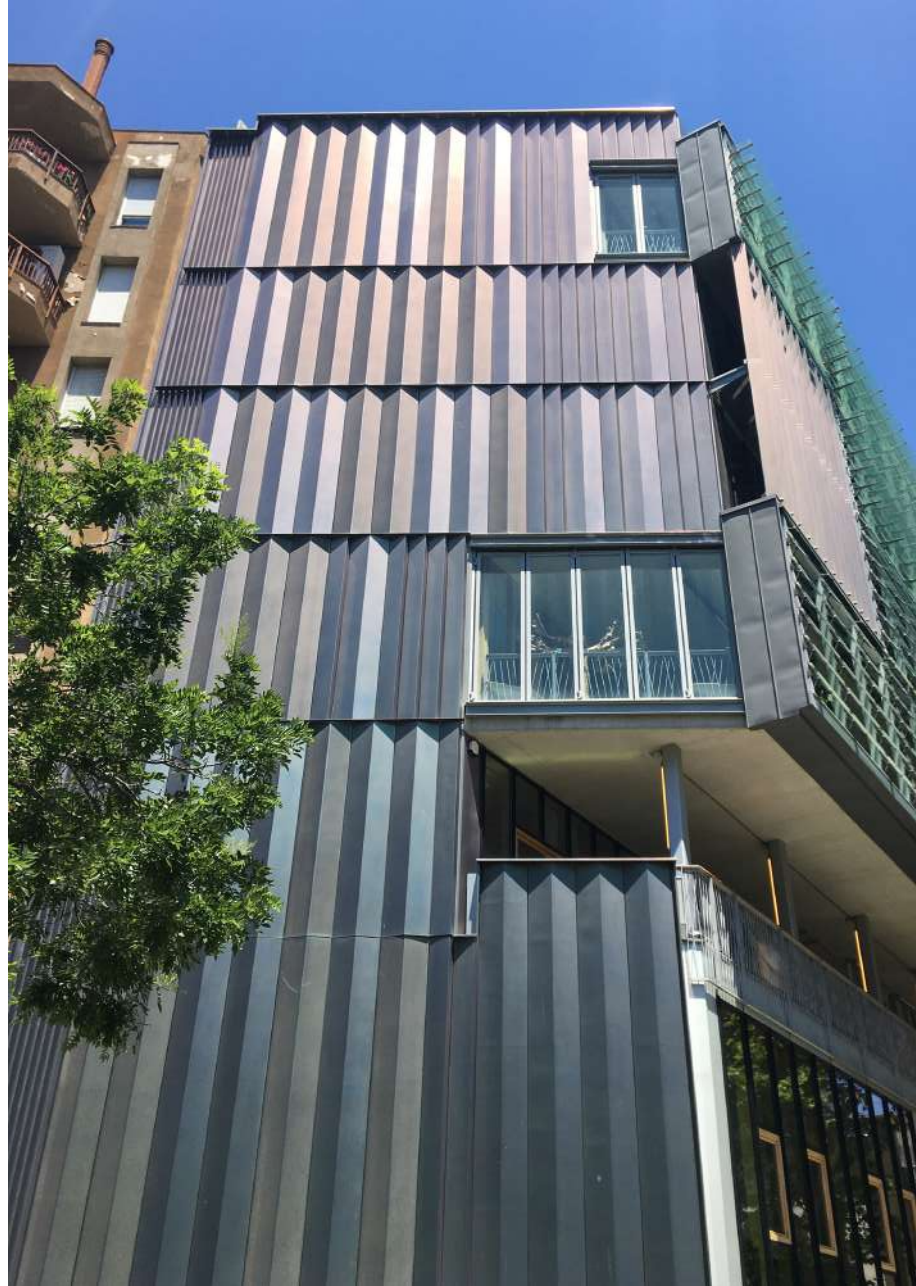
O novo edifício se caracteriza por um volume alto e estreito, de aproximadamente 50 x 10 metros de planta, que conta com sete pavimentos e subsolo. A presença da antiga edificação definiu a criação de um embasamento de dois pavimentos, ligeiramente recuado, que cria um “anteparo” permeável articulado ao edifício preexistente. Os andares superiores assumem um segundo alinhamento, delimitado por uma galeria longitudinal perimetral que dá acesso a todos os espaços. Uma circulação vertical aberta, associada a um pátio interno alinhado ao prisma interno do edifício vizinho, conecta todo o conjunto verticalmente e permite uma maior aeração da quadra como um todo.

A espacialidade do edifício é caracterizada por um espaço intermediário envolvido por uma fachada formada por vários filtros superpostos que se adaptam, por meio de sensores, às condições climáticas exteriores, ge-

rando uma climatização natural no interior. Esse espaço, que constitui a galeria perimetral de circulação, funciona como um pergolado no verão e uma estufa no inverno, atuando como um colchão térmico, que reduz o consumo de energia do edifício. Nos pavimentos do embasamento, essa circulação perimetral é mais aberta, dialogando com o exterior e permitindo o acesso ao terraço da edificação antiga.

Com relação à materialidade, a fachada de vidro é a grande protagonista do edifício, conformada por uma pele de brises horizontais e verticais, formando uma composição. Nas fachadas voltadas às duas ruas, os fechamentos são realizados em chapas metálicas. O embasamento é executado em concreto com grandes esquadrias de vidro contendo partes móveis em marcos de madeira. As escadas e circulações horizontais são metálicas. Destacam-se os materiais de baixo impacto ambiental, reciclados e renováveis, como madeira, alumínio e bambu.

O edifício foi concebido como um exemplar de consumo energético quase nulo, onde grande parte da energia utilizada é produzida no próprio edifício: a calefação, a refrigeração e a água quente são produzidas por um sistema de bomba de calor geotérmica, as coberturas possuem placas fotovoltaicas que geram energia elétrica e uma cisterna enterrada permite o reaproveitamento das águas pluviais para manutenção da vegetação.





Biblioteca Vila de Gràcia



Josep Llinàs



2002



Carrer del Torrent de l'Olla, 104




Seg. e Qui.: 16h às 21h | Ter. e Sex.: 10h às 14h - 16h às 21h | Qua.: 10h às 21h | Sáb.: 10h às 14h | Dom.: fechado



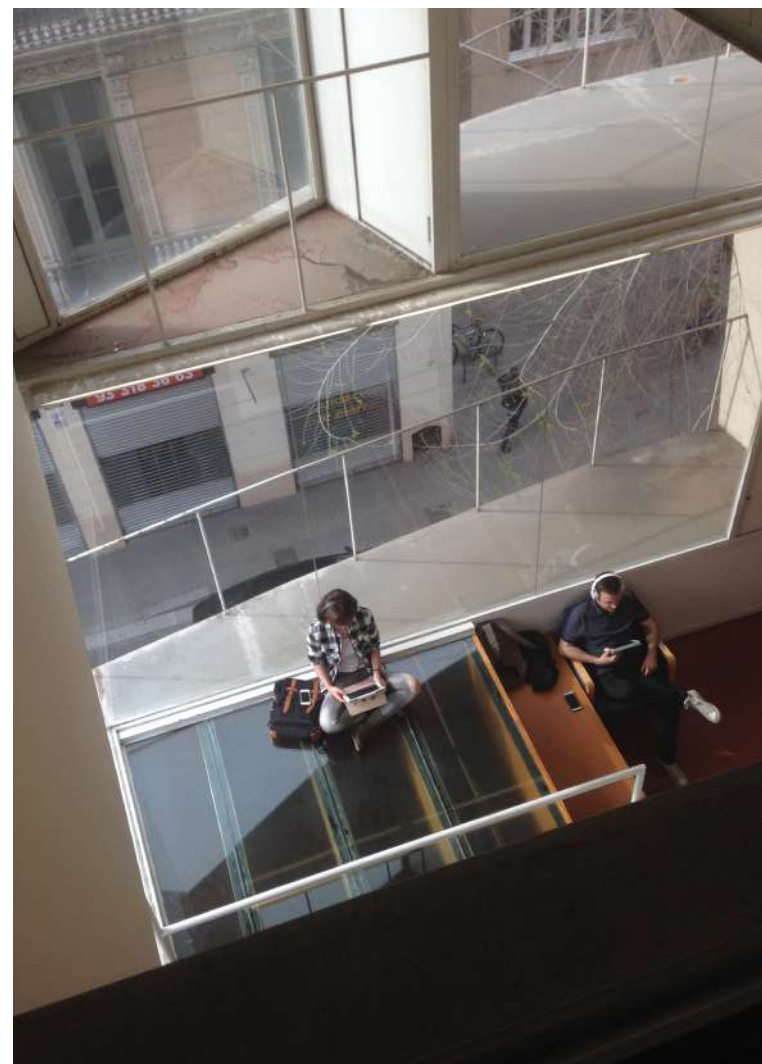
A Biblioteca Vila de Gràcia está localizada no distrito de Gràcia, bairro histórico de Barcelona, na esquina das ruas Torrent de l'Olla e Travesera de Gràcia. Foi inaugurada em maio de 2002, com projeto do arquiteto Josep Llinàs, dispendo de 1.029 m² de espaços de consulta e leitura distribuídos em cinco pavimentos.

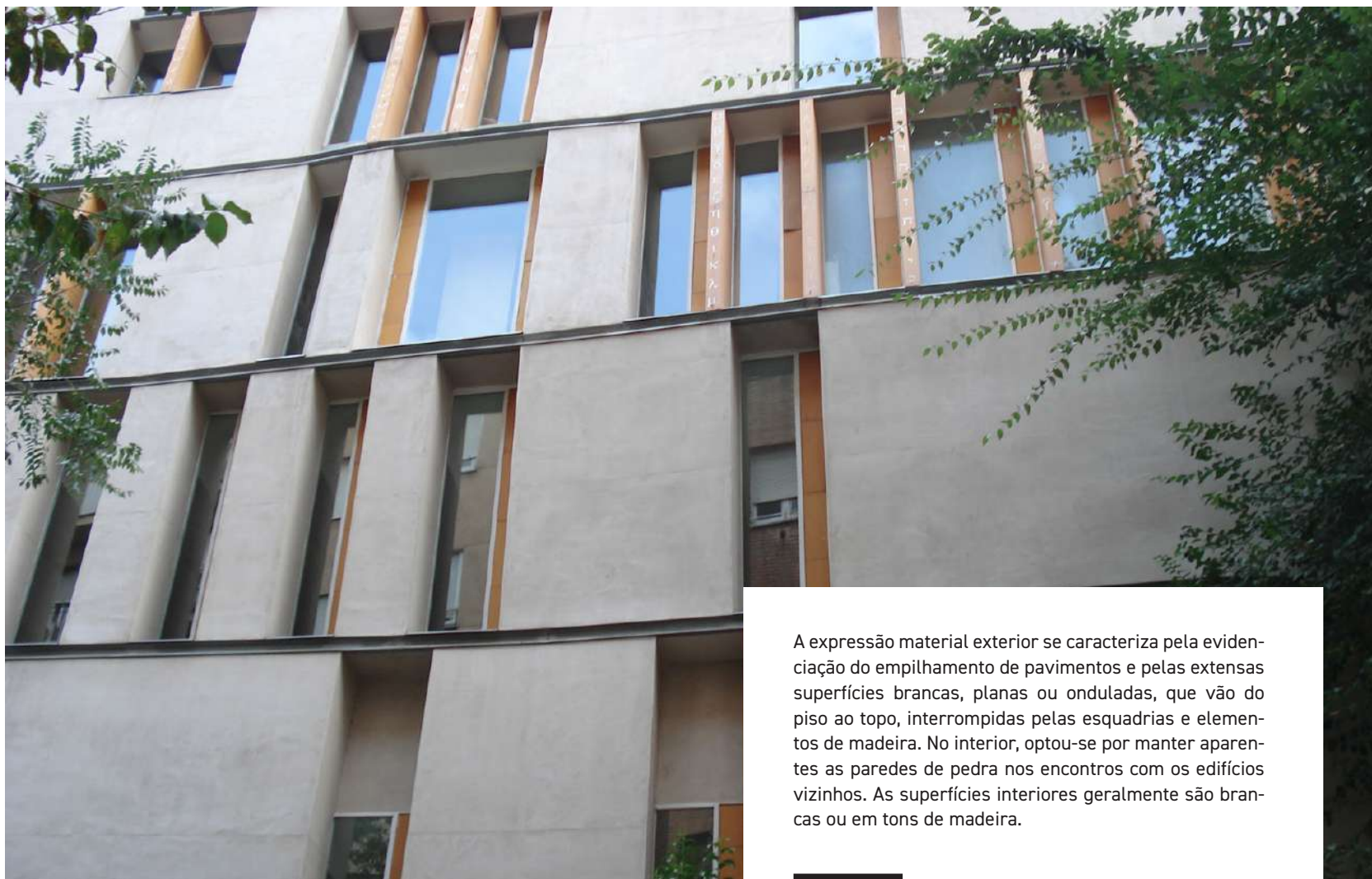
O bairro de Gràcia se caracteriza por um tecido de ruas estreitas e quadras regulares, conformadas por lotes de pequena testada e grande profundidade, sendo marcado pela presença de praças de pequenas dimensões distribuídas de forma mais ou menos uniforme na trama. O edifício da biblioteca se insere na quadra respeitando as mesmas dimensões da malha urbana - alinhamentos e gabarito -, complementando e conformando importante esquina. Segundo Llinàs, "este cruzamento é, de todos os pontos de vista, mas principalmente do circulatório, uma conexão de primeira ordem entre Gràcia e a cidade". O acesso está localizado na esquina, realizado por meio de uma operação de subtração que amplia a calçada em direção ao interior do lote, um vazio que acontece também nos dois pavimentos superiores, dentro do perímetro do edifício, criando um volume vertical livre.

O desafio do projeto foi inserir um equipamento público, de caráter representativo, em um lote de características domésticas. A volumetria, portanto, parte da reprodução do potencial construtivo das arquiteturas vizinhas, porém, ganha ondulações na fachada que deformam sua geometria prismática. Segundo o autor, a incompatibilidade entre o molde comum da arquitetura privada (tamanho reduzido do lote) e o uso público (edifício de grande dimensão) orientou a introdução de vários graus de "bombeamento" da fachada, um sistema para expressar a importância e o uso excepcional do interior: "algo semelhante acontece quando uma mala apresenta mais roupas do que é possível: o molde geométrico é deformado e o limite é carregado." Essa forma final encontra os edifícios vizinhos com sutileza, onde, de um lado, a fachada mais cega emoldura a sequência de edifícios existentes, e, do outro lado, a forma se afasta, expressando de forma mais livre a volumetria do equipamento.



O interior do edifício é caracterizado pela abundância de luz natural, facilitada pela pouca espessura do volume e pela integração entre os pavimentos junto à fachada mais extensa e também a mais vazada. A volumetria adotada gera uma complexidade espacial interior, criando recantos diferenciados para a leitura e para o estudo. O tamanho discreto do acesso, considerando que se trata de um equipamento público, a esquina relativamente ampla em comparação às demais esquinas do bairro, porém, não excessivamente extensa, e a presença de um banco acompanhando a curva da esquina, criam permanência e uma proximidade entre a biblioteca e o espaço público, favorecendo a atmosfera do bairro.





A expressão material exterior se caracteriza pela evidência do empilhamento de pavimentos e pelas extensas superfícies brancas, planas ou onduladas, que vão do piso ao topo, interrompidas pelas esquadrias e elementos de madeira. No interior, optou-se por manter aparentes as paredes de pedra nos encontros com os edifícios vizinhos. As superfícies interiores geralmente são brancas ou em tons de madeira.

Ateneu de Fabricació de Gràcia



Oliveras Boix Arquitectes



2016-2019



Carrer del Perill, 8



Seg. a Sex.: 10h às 14h | Qua. e Sex.: 16h às 20h

O Ateneu de Fabricació de Gràcia é um equipamento público baseado no modelo FabLab, integrante de uma rede que opera em cinco bairros da cidade e atende cidadãos, entidades, organizações, universidades e empresas. É um espaço de criação e formação dedicado às novas tecnologias, especialmente à fabricação digital em 3D.

O equipamento ocupa uma antiga nave industrial do bairro de Gràcia, construída na década de 1910, que já abrigou diferentes tipos de indústrias em sua história. O edifício, que se encontrava em desuso, foi remodelado com projeto de Oliveras Boix Arquitectes, abrindo as portas no final de 2019.

A estratégia utilizada no projeto foi a da “caixa dentro da caixa”. O volume da nave, de aproximadamente 13 x 30 metros, teve sua estrutura de treliças de madeira restaurada, recebeu nova cobertura e serviu de contenedor para a implantação de oito módulos autoportantes de madeira em

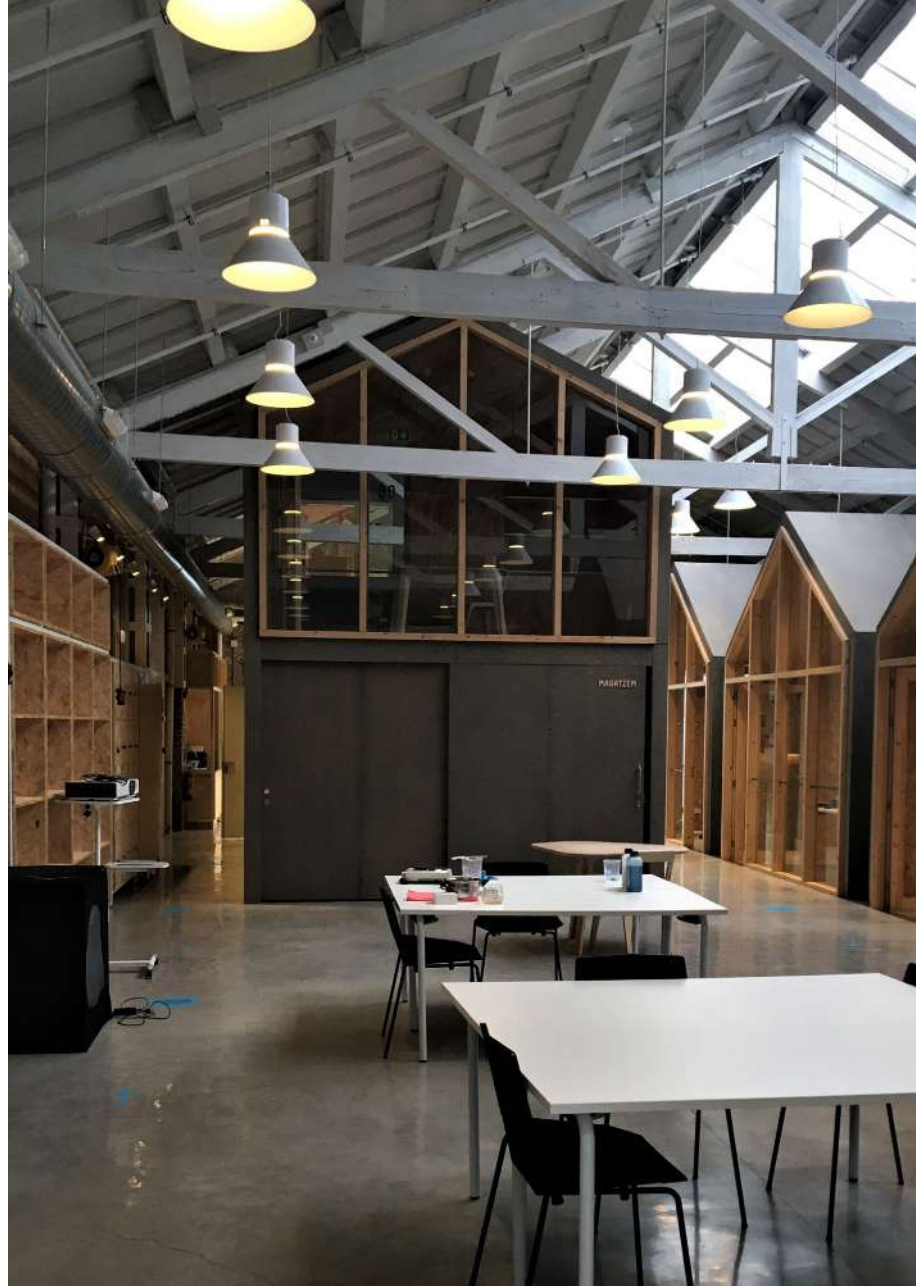


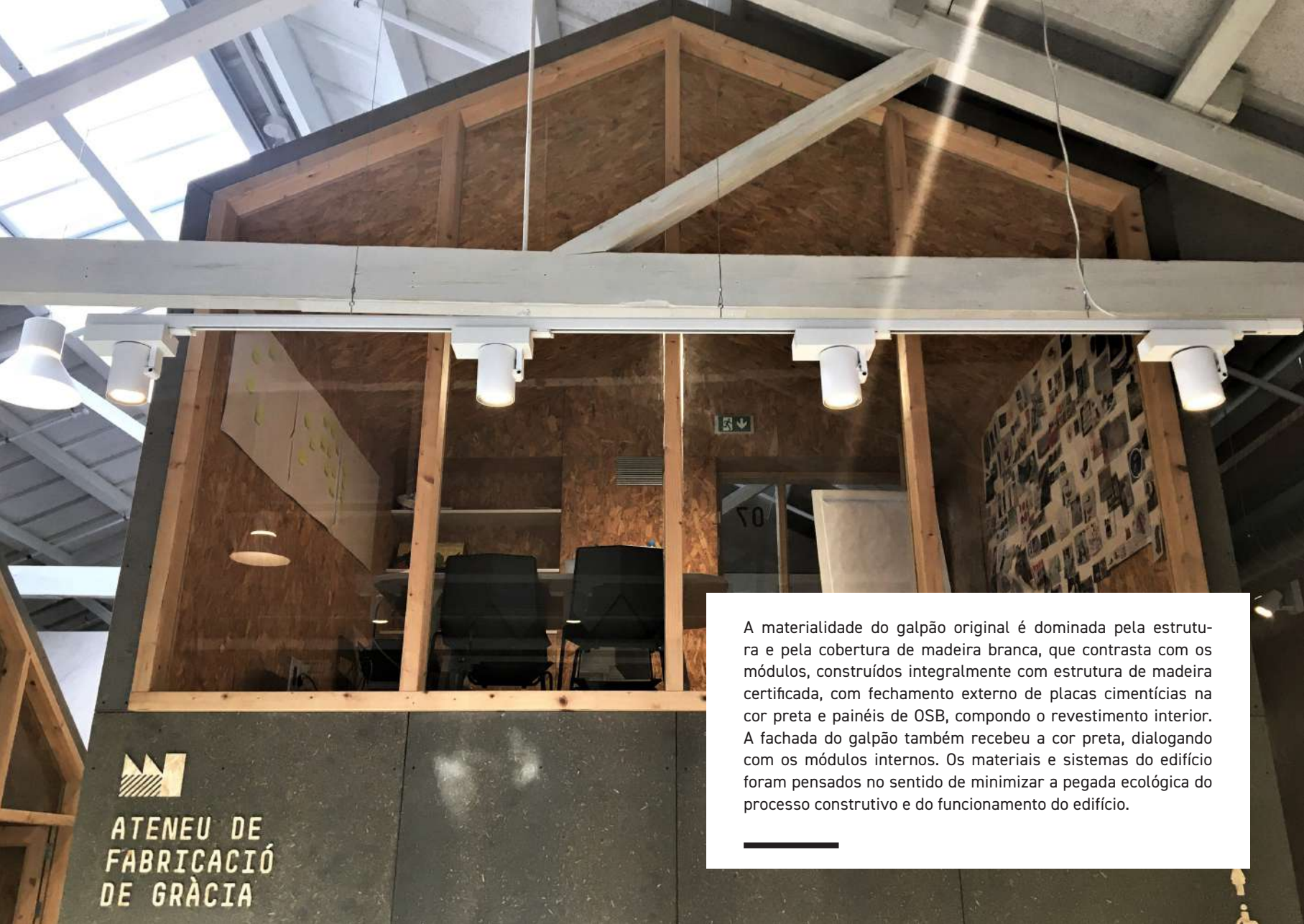
seu interior. Esses novos elementos estão implantados em uma linha de seis módulos do lado esquerdo e dois módulos conjugados do lado direito, criando uma espécie de rua interna. O volume do lado direito, devido ao seu posicionamento, formaliza uma pequena recepção, voltada para a fachada principal, e um espaço comum, multiuso, localizado no interior do galpão, uma espécie de ágora onde são realizadas exposições, oficinas e palestras. Os oito módulos assumem a volumetria sequencial de pequenas casas com telhado de duas águas, fechadas em três lados e abertas com grandes esquadrias de vidro para o espaço comum, suportando os distintos espaços de trabalho definidos pelo programa. Diferentemente dos demais, o volume destacado do lado direito possui dois pavimentos e um pequeno balcão voltado para o interior.

Os módulos internos não tocam o volume principal, permitindo que o espaço interno do antigo galpão seja percebido em sua totalidade, gerando uma



espacialidade fluida e diáfana. Uma claraboia corta o telhado do volume principal, iluminando a rua interna e a ágora, operação que se repete no interior dos módulos, permitindo a visão do telhado antigo e favorecendo a entrada de luz natural nos espaços de trabalho. Dessa forma, a atmosfera do espaço promove a integração e a troca entre as diferentes atividades, estimulando a colaboração e a consequente inovação nos trabalhos desenvolvidos.





A materialidade do galpão original é dominada pela estrutura e pela cobertura de madeira branca, que contrasta com os módulos, construídos integralmente com estrutura de madeira certificada, com fechamento externo de placas cimentícias na cor preta e painéis de OSB, compondo o revestimento interior. A fachada do galpão também recebeu a cor preta, dialogando com os módulos internos. Os materiais e sistemas do edifício foram pensados no sentido de minimizar a pegada ecológica do processo construtivo e do funcionamento do edifício.



ATENEU DE
FABRICACIÓ
DE GRÀCIA

Lycée Français Maternelle

 b720 Fermín Vázquez Arquitectos

 2018

 Carrer de Munner, 5

O novo edifício do Lycée Français Maternelle é resultado da substituição de uma série de edifícios provisórios, construídos como anexos do edifício escolar original. Está implantado de forma paralela à sede, sobre uma plataforma elevada em relação à rua que o conecta ao antecessor e serve de pátio, aflorando em um volume de três pavimentos com terraço, além de um pavimento inferior, no nível da rua e com acesso direto. A volumetria, caracterizada pelo volume maciço com esquinas arredondadas, remete ao edifício original, porém, é tratado com materialidade e expressão contemporâneas.


O projeto situa todas as salas de aula no novo edifício, liberando a sede para os usos comuns: midiateca, sala de música e áreas administrativas. Uma grande varanda localizada no terceiro pavimento faz a conexão física com a sede, por meio do prolongamento do embasamento. A fachada se reveste de brises em tons de branco, amarelo e laranja nos três níveis superiores e, no nível da rua, adota-se a madeira.



Residencial Lesseps

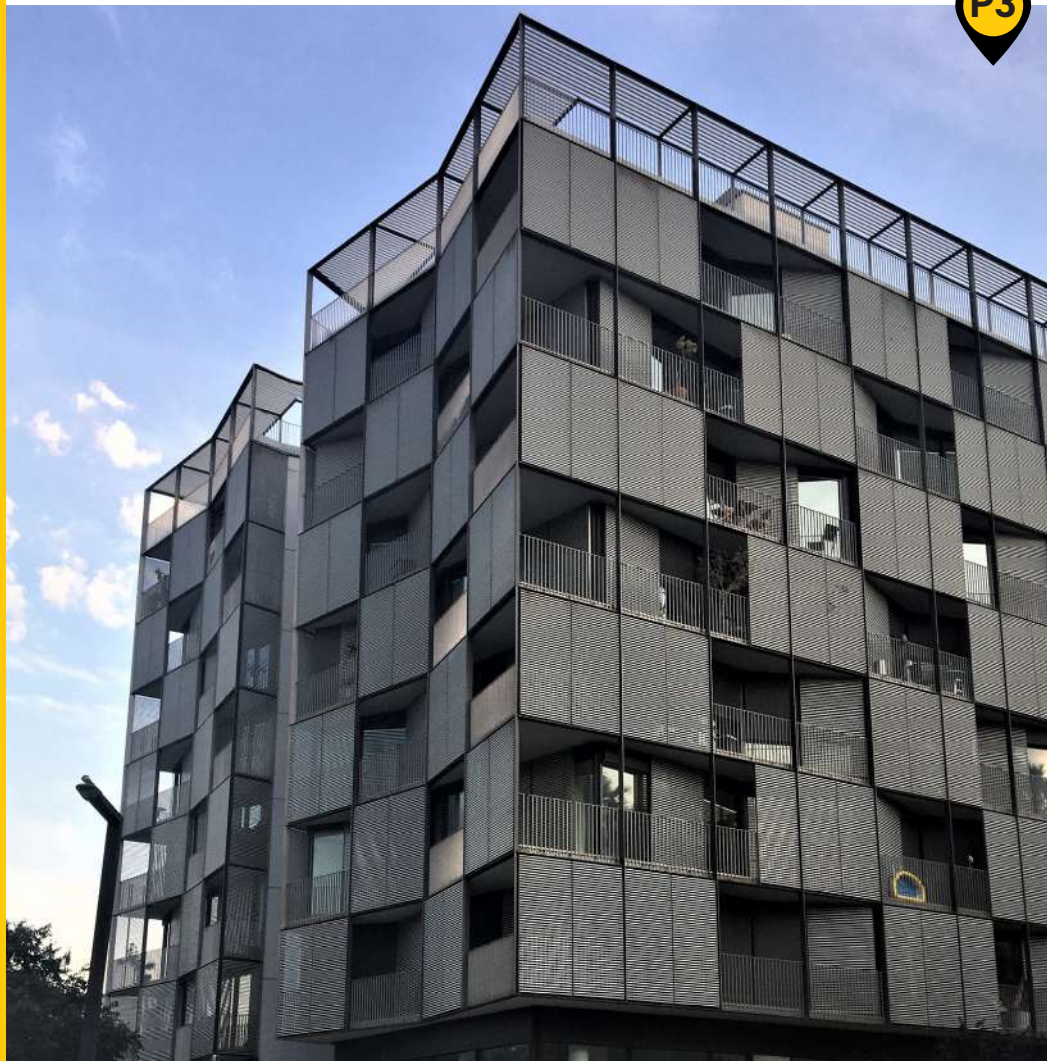
 OAB - Carlos Ferrater, Lucía Ferrater e Xavier Martí

 2004-2007

 Carrer de Munner, 5

O Residencial Lesseps é um edifício composto por dois volumes paralelos, separados por um espaço livre, implantados de topo para a avenida principal de acesso. As lâminas, de aproximadamente 12 x 33 metros, são uma tipologia que favorece a ventilação direta de todos os cômodos, auxiliando também na verticalidade dos blocos quando vistos da rua.

O edifício se ergue sobre um embasamento envidraçado, sendo caracterizado por uma volumetria facetada, composta por inflexões que oferecem uma imagem sinuosa ao conjunto. As fachadas são modulares, refletindo a divisão das unidades, sendo compostas por painéis móveis de brises metálicos, que preenchem o grid das varandas, estabelecendo uma integração interior-exterior, que permite graduar a entrada de luz natural nos apartamentos.



DIA 3

PORT VELL E VILA OLÍMPICA

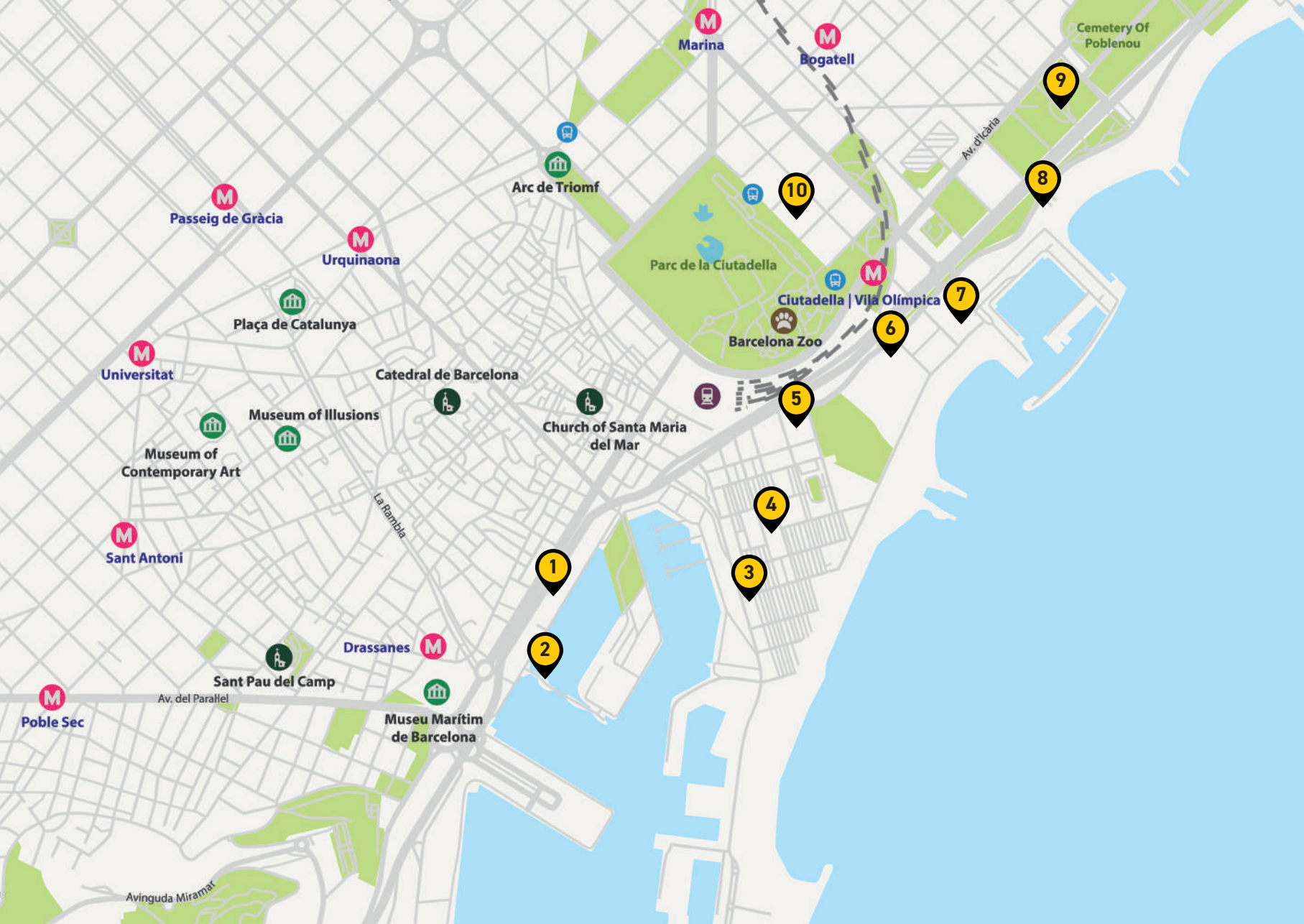


ROTEIRO ARQUITETÔNICO

- 1 Moll de la Fusta
- 2 Rambla del Mar
- 3 Instituto Social de la Marina
- 4 Mercado La Barceloneta
- 5 Torre Mare Nostrum
- 6 Parc de Recerca Biomèdica
- 7 Peixe Dourado
- 8 Centro Meteorológico
- 9 Residencial Plaça Tirant lo Blanc
- 10 Biblioteca Universidad Pompeu Fabra

PONTOS DE INTERESSE

Praia Barceloneta



Poble Sec

Av. del Paral·lel

Avinguda Miramar

Sant Pau del Camp

Drassanes

Museu Marítim de Barcelona

Sant Antoni

Museum of Contemporary Art

Museum of Illusions

Universitat

Plaça de Catalunya

Urquinaona

Passeig de Gràcia

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Arc de Triomf

Parc de la Ciutadella

Barcelona Zoo

Ciutadella | Vila Olímpica

Catedral de Barcelona

Church of Santa Maria del Mar

Marina

Bogatell

Cemetery Of Poblenou

Av. d'Icaria



Moll de la Fusta

 Manuel de Solà-Morales

 1982-87 (Remodelação)

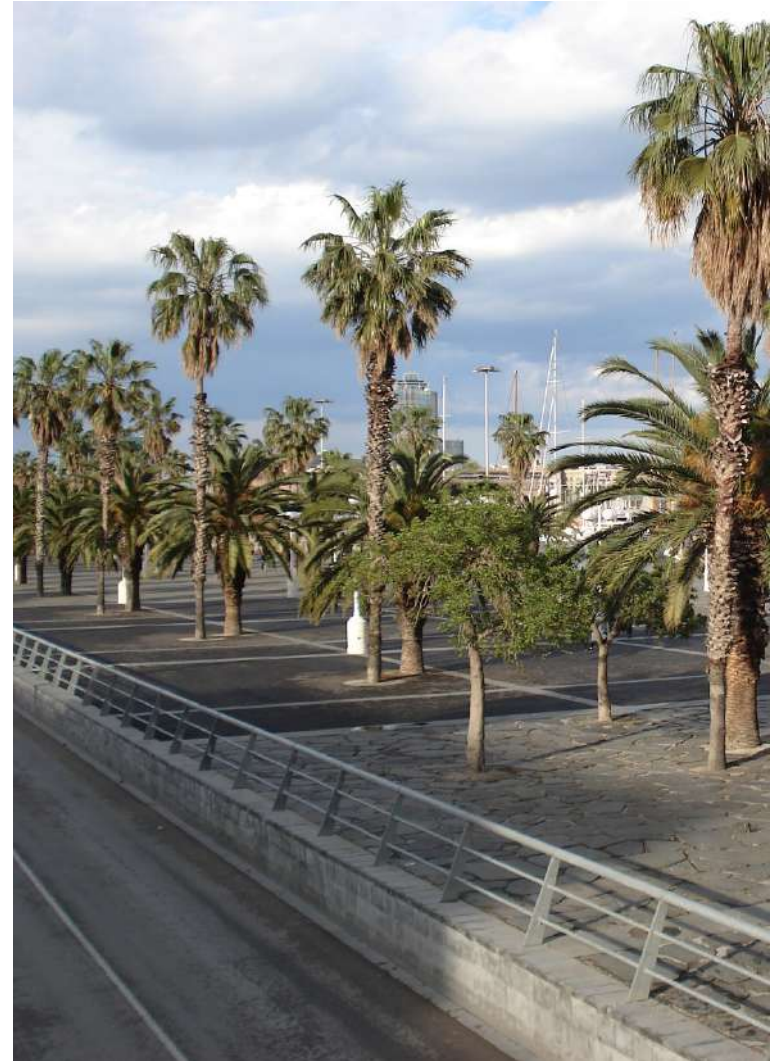
 Passeig de Colom, 1



O Moll de la Fusta é um passeio peatonal, projetado por Manuel de Solà-Morales e inaugurado em janeiro de 1987, que se converteu em um dos símbolos da Barcelona Olímpica. Ocupa a orla Paseo de Colón e situa-se na fronteira entre o bairro Gótico e o mar, conectando a Rambla com a área da Barceloneta. Desde o século XIX, essa região foi uma barreira que separava a cidade do mar devido à atividade portuária. Assim, o projeto surge dos esforços de reestabelecer um passeio reservado a pedestres na orla e de reestruturar o tráfego que circulava no litoral devido ao porto, na tentativa de recuperar o contato direto entre a cidade e a água, criando, nesse novo espaço, uma grande área para uso recreativo, esportivo, institucional e marítimo. O Moll de la Fusta tem aproximadamente 600 m de extensão por 85 m de largura, considerando todas as faixas de circulação.

Entre as principais ações para sua implantação está a supressão da linha férrea que cortava a área e a construção da Ronda do Litoral, em um nível inferior, para o tráfego rodoviário. Com isso, foi possível a criação de dois níveis de passeios peatonais, um no nível do mar e outro sobre a Ronda em nível mais elevado, uma espécie de observatório, ambos conectados transversalmente por pontes. O passeio superior é uma superfície seca com a pavimentação mais homogênea, enquanto o inferior é arborizado e com diferentes revestimentos e mobiliário, além de algumas esculturas que pontuam os espaços. Do passeio inferior, é possível acessar alguns barcos que são atrações turísticas da cidade.

O projeto previa que o nível superior concentrasse restaurantes com “terrazas”, e, assim, foram construídas estruturas para abrigar tal atividade, porém, o uso não funcionou e houve a desativação dos espaços, restando somente os pergolados. Atualmente, a Prefeitura busca uma atualização do lugar por considerar que seja um espaço livre pouco aproveitado da cidade, que poderia ter mais atrativos para os moradores do bairro Gótico.





Rambla del Mar



Albert Viaplana e Helio Piñón



1994



Passeig de Colom, 1



A Rambla del Mar é um passeio peatonal sobre a água, uma ponte, projetada em 1994 pelos arquitetos Albert Viaplana e Helio Piñón, que funciona como a continuação natural das Ramblas de Barcelona. A estrutura conecta o Portal de la Pau até o Muelle d'Espanya, onde se encontra o centro comercial Maremagnum, abrindo em dois pontos para a passagem das 300 embarcações atracadas no Real Club Marítimo e no Real Club Náutico. O lugar é popular para caminhadas pelo porto e muitas vezes é utilizado para concertos, feiras e eventos culturais de todos os tipos.

Implantada de forma transversal ao Moll de la Fusta, a Rambla contém 330 metros de comprimento e uma largura entre 8 e 30 metros, totalizando a área de 6 mil m². Segundo os autores, funciona como uma praia onde as pessoas podem sentir a proximidade com o mar.

A superfície da ponte tem desenho sinuoso, formando bolsões onde é possível sentar e apreciar a paisagem. Duas estruturas também sinuosas direcionam o fluxo e servem de elementos esculturais de iluminação, que podem ser vistos de longe. O piso configura pequenas declividades em direção às bordas, sendo composto de tábuas de madeira. O desenho não contém muitos elementos, além dos painéis quebra-vento de vidro e o metal dos guarda-corpos e do mobiliário.





Instituto Social de la Marina



José Antonio Coderch de Sentmenat e Manuel Valls Vergés



1951-1955



Passeig de Joan de Borbó, 43

O edifício residencial Instituto Social de la Marina, também conhecido como "Casa de la Marina", é projeto dos arquitetos José Antonio Coderch e Manuel Valls, construído entre os anos de 1951 e 1955 no bairro pesqueiro de Barceloneta. Coderch foi um dos arquitetos catalães que revolucionou a arquitetura espanhola dos anos 50. Membro do CIAM, mostrava especial interesse pela arquitetura popular, e, com esse projeto de vanguarda, demonstrou que é possível criar habitação social de alta qualidade.


O bairro da Barceloneta se caracteriza por um tecido regular de quadras longas e estreitas, com edifícios colados uns aos outros e de alturas homogêneas, que se abrem a duas ruas. O edifício se localiza nas esquinas entre a avenida principal, o Passeig de Joan Borbó, e as ruas de L'Almirall Cervera e del Mar, implantando-se de forma a complementar e fechar a quadra, conformando duas esquinas. Sua geratriz opera longitudinalmente em relação à quadra, gerando uma solução arquitetônica espelhada, na qual uma coluna de apartamentos se abre para o Passeig de Joan Borbó e a outra para a rua



3

interior. A continuidade da volumetria da quadra é reforçada pela marquise da cobertura, em seguimento ao friso do edifício antigo vizinho, e, pelos balanços do embasamento, que seguem os vizinhos das três ruas confrontantes. O acesso às residências se dá pela avenida principal.

O edifício é um volume prismático caracterizado por inflexões geradas pela rotação das paredes estruturais. Esses leves giros buscaram aproveitar melhor o espaço interno, porém, também demonstram uma clara intenção de dotar o edifício de uma expressividade especial. O volume é demarcado pelo embasamento recuado e de grande altura - elevado internamente e destinado ao uso comercial -, e pelo corpo homogêneo de seis pavimentos, dedicados aos 12 apartamentos de 72 m², que abrigam até seis pessoas cada.



Especial atenção foi dada aos espaços internos, onde os arquitetos buscaram aproveitar ao máximo a área e, ao mesmo tempo, trazer a sensação de amplitude visual. Assim, a circulação vertical é concentrada no centro do volume e as paredes são giradas, otimizando as circulações e as superfícies de fachada, gerando quebras que complexificam a geometria. Outros recursos auxiliam na sensação de amplitude visual, como a visada diagonal proposta a partir do vestíbulo distributivo até a janela da sala, que, por sua disposição na esquina, amplia o contato com o exterior. As ligeiras inflexões das fachadas dotam os espaços domésticos de distintas relações visuais e efeitos

de luz, que se dão de acordo com o movimento do sol e como a luz solar incide nas paredes.

Seu invólucro é caracterizado pelas venezianas de madeira orientáveis (brises) que vão do piso ao teto e alternam-se com os revestimentos cerâmicos, materiais que fazem menção à tradição construtiva e artesanal catalã, combinando áreas vazadas e partes cegas. Particularmente, a cerâmica é recorrente nas obras de Coderch. O embasamento ganha um revestimento de maior peso, o tijolo cerâmico, que se alterna com as grandes superfícies envidraçadas.

Mercado La Barceloneta



Josep Miàs



2007



Plaça de la Font, 1



Ter. a Sáb.: 09h30 às 23h | Dom.: 09h às 17h

O Mercado La Barceloneta foi construído em 1884, projeto do arquiteto Antoni Rovira i Trias, sendo um dos mercados centenários de Barcelona. Entre 2005 e 2007 foi totalmente reformado, com projeto do arquiteto Josep Miàs, vencedor do concurso para sua remodelação, edifício que lhe rendeu o Prêmio Ciudad de Barcelona de Arquitectura y Urbanismo de 2008. A obra está localizada no centro do bairro de Barceloneta, e sempre foi um elemento de coesão social do antigo bairro de pescadores. Segundo Miàs, “uma referência às vezes quase secreta e somente visível para seus habitantes”. O mercado é pequeno e marcado pelas bancas de peixe, muito tradicionais no bairro.

O edifício está implantado na parte norte da Plaça de la Font, com aberturas para os quatro lados, gerando atravessamentos internos nos dois sentidos, além de uma pequena praça na rua Maquinista. A característica principal do projeto é a preservação da estrutura do edifício original com a remodelação completa da cobertura, que passa a ser a principal caracte-



4

terística identitária do mercado. É ela a responsável pela criação de novos espaços exteriores intermediários em ambas as praças, que criam lugar para a expansão dos bares e restaurantes para o exterior.

A estrutura do edifício original foi mantida, porém, a cobertura e as fachadas de ferro foram reestruturadas com novos elementos, resultando em uma nova volumetria, assimétrica, múltipla, distorcida e fragmentada, que escapa à estrutura rígida do bairro de Barceloneta. A nova cobertura sinuosa se destaca na paisagem e funciona, segundo o arquiteto, como “um grande lençol que ondula por cima da praça”. As formas metálicas introduzidas criam uma nova configuração no mercado sem tocar o chão, somente se apoiando na velha estrutura e estendendo-se sobre a praça.

A introdução dos novos elementos metálicos altera as espacialidades interna e externa do mercado. No exterior, cria grandes “guarda-chuvas” sob os quais as pessoas podem se encontrar, tal como era o objetivo original

do arquiteto. No interior, permite novas e surpreendentes entradas de luz e diferenciações de altura. Um elemento importante, parte do edifício original, é sua posição na praça, gerando uma extensa explanada que faz com que as novas formas do mercado ganhem força e protagonismo. De longe, o mercado irrompe na paisagem quase como uma escultura sobre seu pedestal e, à medida que essa distância diminui, na aproximação à fachada e ao acesso, essas formas vão se transformando em abrigo e revelando os restaurantes que, com mesas e cadeiras, também ocupam a praça.

A materialidade se dá predominantemente na combinação do metal - seja da estrutura original da nova cobertura, seja dos novos elementos de vedação - com o vidro. Estão expostos poucos elementos de alvenaria, localizados na fachada lateral da rua Baluard. Vale ainda mencionar que a cobertura está equipada com painéis solares que produzem cerca de 30% da energia utilizada no mercado.





Torre Mare Nostrum



Enric Miralles e Benedetta Tagliabue - EMBT2017



2003-2005



Plaça del Gas, 1; Carrer del Doctor Aiguader, 38-54

A Torre Mare Nostrum é a sede da Companhia de Gás Natural, empresa responsável pela administração do gás de toda a cidade de Barcelona. É um projeto dos arquitetos catalães Enric Miralles e Benedetta Tagliabue, do escritório EMBT, fruto de um concurso fechado realizado em 1999, do qual participaram oito equipes de arquitetos, e concluído em 2005. O edifício se localiza no limite do bairro da Barceloneta, entre o mar e o parque da Ciutadella, em um grande terreno na avenida Doctor Aiguader, esquina com o passeio Salvat Papasseit. Está relativamente próximo às duas torres da orla, Mapfre e Hotel Arts, sendo facilmente visualizado a partir de seu entorno.

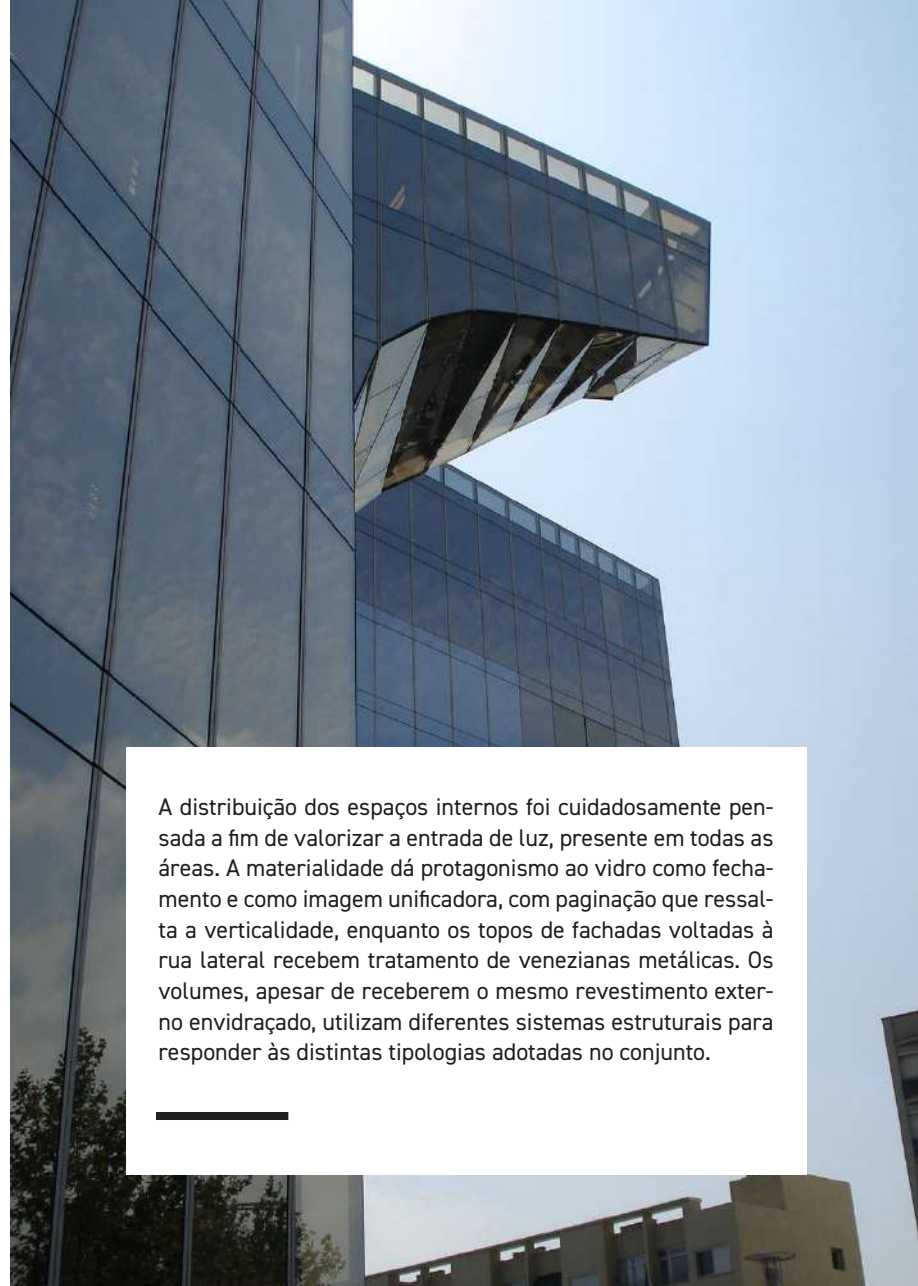
5



A implantação do edifício busca uma integração articulada com as áreas edificadas vizinhas. O conjunto se assenta de forma a incorporar o edifício existente da companhia, alinhado ao passeio Salvat Papasseit, dando continuidade ao alinhamento da av. Doctor Aiguader por meio do edifício em balanço, que tem volumetria semelhante aos seus vizinhos, porém, encontra-se elevado 20 metros do solo, construindo uma espécie de “porta” para o bairro da Barceloneta. Já a torre está destacada desse alinhamento e busca relacionar-se com as outras duas torres da orla, construindo com elas um ritmo de alturas. O conjunto edificado se concentra no lado leste do terreno, liberando o lado oeste para uma praça, e uma “rua” de pedestres corta o conjunto, criando um caminho coberto que resolve seu acesso.

Segundo os autores, o processo formal e conceitual partiu de uma reflexão sobre um conjunto desordenado de rochas junto ao mar, assim, o complexo é composto por seis volumes articulados: torre, porta-aviões, capitel, cascata, pétala e ponte. A torre de 20 pavimentos é o volume principal, com destaque na paisagem urbana. O volume denominado de porta-aviões é o elemento de maior ousadia, elevado a 20 metros formando um balanço de 40 metros que cobre parcialmente a praça, assim como o volume do capitel, também em balanço, mas com aparência escultórica e multifacetada. O volume em cascata incorpora o edifício existente e conecta-se à pétala, que é a base do volume do porta-aviões, formando uma espécie de embasamento, que se relaciona diretamente com a praça. Por fim, a ponte é o bloco curvo que atravessa sobre a rua interior e apoia-se no volume do porta-aviões. O conjunto resulta em uma estruturação parcialmente amorfa, porém, de grande potência visual.

A possibilidade de aproximação é o que destaca sua espacialidade, com uma monumentalidade fragmentada em volumes que deixam brechas pelas quais é possível atravessar. É o espaço público atravessando o edifício, o que possibilita compreender o construído por meio do espaço habitado entre os volumes e da proximidade às características materiais, como cores, texturas e reflexos.



A distribuição dos espaços internos foi cuidadosamente pensada a fim de valorizar a entrada de luz, presente em todas as áreas. A materialidade dá protagonismo ao vidro como fechamento e como imagem unificadora, com paginação que ressalta a verticalidade, enquanto os topos de fachadas voltadas à rua lateral recebem tratamento de venezianas metálicas. Os volumes, apesar de receberem o mesmo revestimento externo envidraçado, utilizam diferentes sistemas estruturais para responder às distintas tipologias adotadas no conjunto.

Parc de Recerca Biomèdica



Pinearq e Brullet-De Luna Arquitectes



2005



Carrer del Doctor Aiguader, 88



O edifício Parc de Recerca Biomèdica está situado na primeira linha marítima de Barcelona, em uma área marcada pela presença de vários edifícios singulares, formando uma grande quadra com o Hospital del Mar e com os edifícios das Universidades Pompeu Fabra e Autònoma de Barcelona. É um projeto dos escritórios Pinearq e Brullet-De Luna Arquitectes, finalizado no ano de 2005.

A implantação partiu da criação de uma plataforma sobre a qual o volume do edifício se eleva, recuado em relação à rua de acesso, criando um pátio interno e uma praça, que cobre também um centro esportivo, incorporado ao projeto e construído no subsolo. Uma cobertura leve dá continuidade ao alinhamento do hospital, junto ao Passeio Marítimo, conformando e “fechando” a praça.

O volume do edifício se abre em direção ao mar, conectando o pátio interno à praça e criando um microclima no interior. O térreo é pouco edificado e permite o atravessamento pelo pátio, por meio de três acessos, de onde é possível observar o interior do centro esportivo, no subsolo, através de um vazio localizado perto do acesso principal. A volumetria é caracterizada como um tronco de cone de base elíptica, cortado diagonalmente e elevado do solo, com o objetivo de dialogar com os grandes edifícios do entorno, sem competir em altura com eles, apesar de sua grande dimensão de aproximadamente 35.000 m².

O embasamento é recuado sete metros, deixando o volume principal destacado, projetando-se de forma côncava e escalonada para o mar e convexa para a cidade, suavizando a frente marítima e relacionando-se de forma mais imponente com a cidade. O volume elevado do auditório marca o acesso principal, localizado na fresta de abertura do volume para a praça.

A espacialidade mais marcante é a do pátio interno, emoldurado por circulações/varandas que variam de profundidade, na parte central, criando diferenciações de pés-direitos. Essas circulações controlam as vistas para o mar e permitem regular a entrada do sol. O pátio, utilizado principalmente pelos funcionários dos escritórios e laboratórios sediados no edifício, é aberto também para acesso público, criando um retiro, uma área intermediária de convívio e descanso.



Externamente o edifício é todo recoberto por uma segunda pele de brises de madeira que, por não tocar o solo, dá destaque e leveza ao volume. Internamente as fachadas são todas de vidro, opondo-se ao exterior opaco e reforçando o microclima interno. A pavimentação da plataforma é feita de blocos de concreto, apesar do desenho remeter a um deck de madeira, causando certo estranhamento.



Peixe Dourado



Frank Gehry



1992

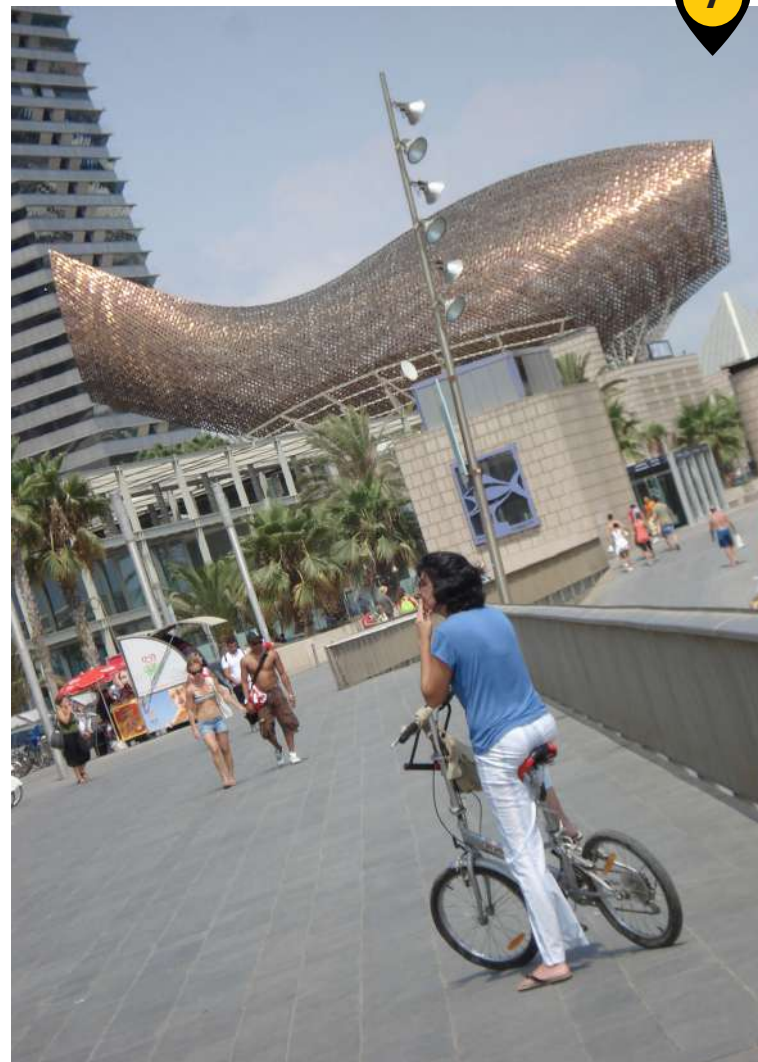


Passeig Marítim de la Barceloneta

O Peixe Dourado, projeto de 1992 do arquiteto Frank Gehry, é um dos símbolos pós-olímpicos de Barcelona. Encontra-se na região do Porto Olímpico, a frente marítima que foi totalmente remodelada na ocasião dos Jogos Olímpicos de 1992.

A imagem do peixe é recorrente na obra de Frank Gehry, utilizada em alguns de seus projetos, desde a década de 1980. O Peixe Dourado, no entanto, foi o primeiro teste realizado pelo arquiteto com softwares paramétricos, tecnologia adequada para materialização de suas formas sinuosas e complexas.

Trata-se de uma escultura de grandes dimensões, elevada do solo, que marca o início do calçadão do Porto Olímpico, sendo observada à distância devido ao material escolhido, que brilha sob a incidência solar. A estrutura possui 56 metros de comprimento e 35 metros de altura, funcionando como uma “cobertura” para a área do cassino e dos restaurantes da orla. A complexa estrutura está composta por tiras de aço inoxidável entrelaçadas formando uma superfície curva, sustentada por uma estrutura metálica branca apoiada no solo. Com a incidência solar, a superfície adquire uma tonalidade dourada, simulando o efeito das escamas de um peixe.





Centro Meteorológico



Alvaro Siza Vieira



1992

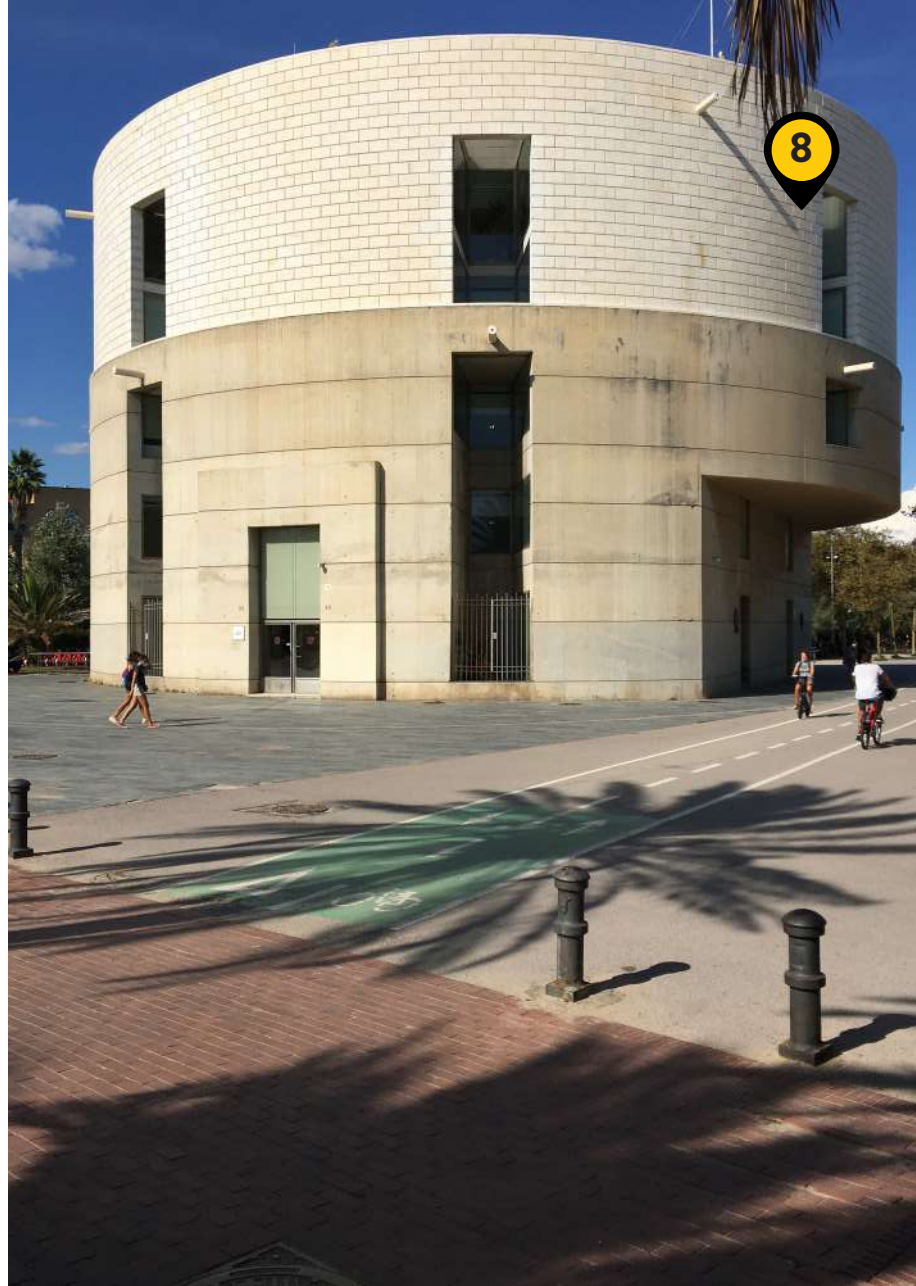


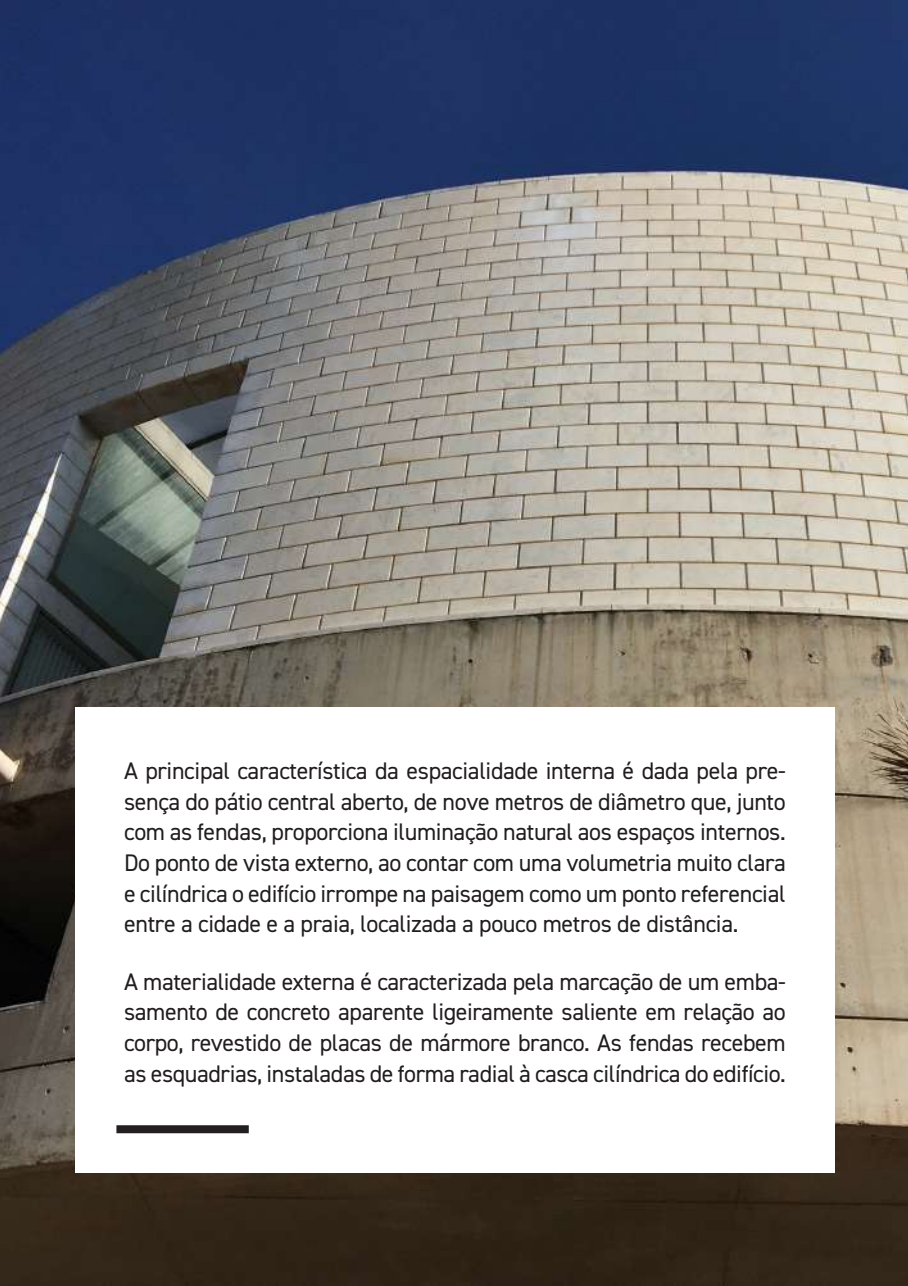
Av. del Litoral, 38

O Centro Meteorológico se localiza no Passeio Marítimo de Barcelona, bem próximo à praia e logo após o Porto Olímpico. Foi projetado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira para sediar o serviço de meteorologia das provas ao ar livre dos Jogos Olímpicos de 1992 e hoje abriga a sede do Departamento Meteorológico e a Autoridade Portuária de Barcelona. É um importante marco arquitetônico da costa da cidade, apesar de ser uma obra pouco comentada do arquiteto.

O edifício foi implantado de forma isolada sobre uma superfície pavimentada, marcando o ponto de início da praia de Nova Icària. Os acessos ao edifício são marcados por duas subtrações no volume, paralelas à via principal e ao mar.

O edifício possui volumetria cilíndrica, de 33 metros de altura por 33 metros de diâmetro, formando uma espécie de farol e contendo cinco pavimentos. No térreo, as subtrações secantes geram pequenos balanços organizados simetricamente no volume. A planta circular é recortada por oito nichos ou fendas verticais profundas, que acomodam terraços e pequenos pátios cobertos, rompendo a massa compacta da edificação.





A principal característica da espacialidade interna é dada pela presença do pátio central aberto, de nove metros de diâmetro que, junto com as fendas, proporciona iluminação natural aos espaços internos. Do ponto de vista externo, ao contar com uma volumetria muito clara e cilíndrica o edifício irrompe na paisagem como um ponto referencial entre a cidade e a praia, localizada a pouco metros de distância.

A materialidade externa é caracterizada pela marcação de um embaçamento de concreto aparente ligeiramente saliente em relação ao corpo, revestido de placas de mármore branco. As fendas recebem as esquadrias, instaladas de forma radial à casca cilíndrica do edifício.



Residencial Praça Tirant lo Blanc



José Antonio Martínez Lapeña e Elías Torres



1991



Plaça Tirant lo Blanc



O edifício residencial Praça Tirant lo Blanc ocupa uma das “superunidades” propostas por Martorell, Bohigas, Mackay e Puigdomenech para a Vila Olímpica de Barcelona. Essa operação, que propunha a construção de um bairro com mistura de usos compostos por edifícios desenhados por diferentes arquitetos, foi a intervenção de maior relevância para a cultura urbanística realizada para os Jogos Olímpicos de 1992, pela proposta de intervenção em um espaço consolidado da cidade e sua abertura para o mar. O critério para seleção das equipes foi a premiação com o Prêmio FAD, assim, a construção do edifício foi realizada pelos arquitetos Torres e Martínez Lapeña em 1991.

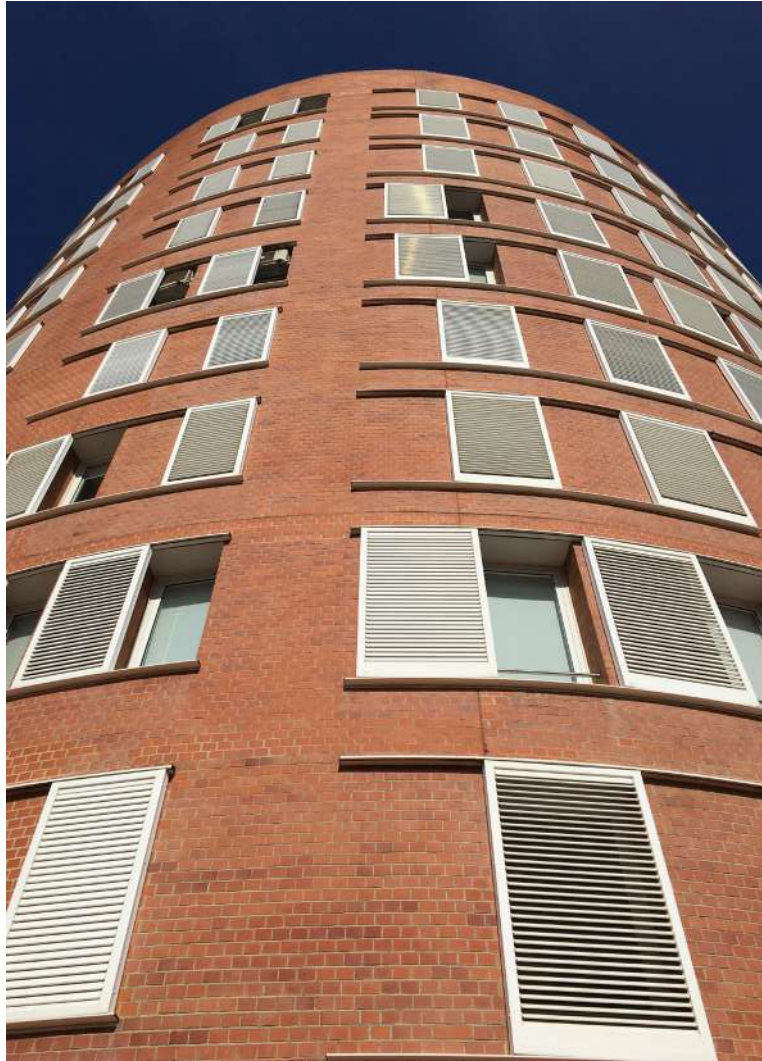
A ocupação da Vila Olímpica teve como fundamentação a ideia das “quadras quase fechadas e as ruas quase corredores”, uma conciliação histórica do traçado do Ensanche Cerdá com as conquistas do Movimento Moderno e com as essências da cidade mediterrânea. Assim, o projeto recuperou a noção de “macroquadra”, união de duas ou três quadras em uma única unidade, e abordou o espaço público como o grande protagonista do projeto.

O edifício residencial Praça Tirant lo Blanc compõe a última superunidade do plano e está implantado em uma configuração circular de forma a conformar uma praça de espacialidade cilíndrica. É composto por dez edifícios colados uns nos outros, formando uma fita contínua, e por uma torre isolada pontuando o acesso à praça. O conjunto atravessa sobre a rua Àvila, unindo duas quadras e criando um túnel para a passagem dos carros. Cada unidade que conforma o edifício possui seu próprio acesso, realizado por uma plataforma elevada em relação à calçada, acessada por rampas e escadas, que configura um embasamento para o conjunto.

A volumetria do sinuoso edifício é caracterizada pelas sucessivas inflexões que criam um movimento na fachada. A torre, por sua vez, é formada pelo rebatimento de um volume curvo, criando um vértice que aponta para o mar. Os edifícios que formam a fita contêm sete pavimentos, enquanto a torre conta com dez pavimentos, contendo apartamentos amplos, que variam entre três a cinco quartos.



Uma das características que se destaca no conjunto é seu amplo e integrado espaço público, fortalecendo o bairro, a atmosfera de vizinhança e a continuidade entre a cidade e esse “pátio”, que pode ser utilizado tanto pelos residentes como pelos pedestres que por ali circulam. O conjunto é caracterizado pelo revestimento cerâmico e pelos painéis de correr de venezianas brancas, que reforçam o dinamismo das fachadas.



Biblioteca Universidad Pompeu Fabra



Lluís Clotet e Ignacio Paricio



1994-1999



Carrer Wellington, 50



Seg. a Sex.: 8h às 21h | Sáb.: 10h às 15h | Dom.: fechado

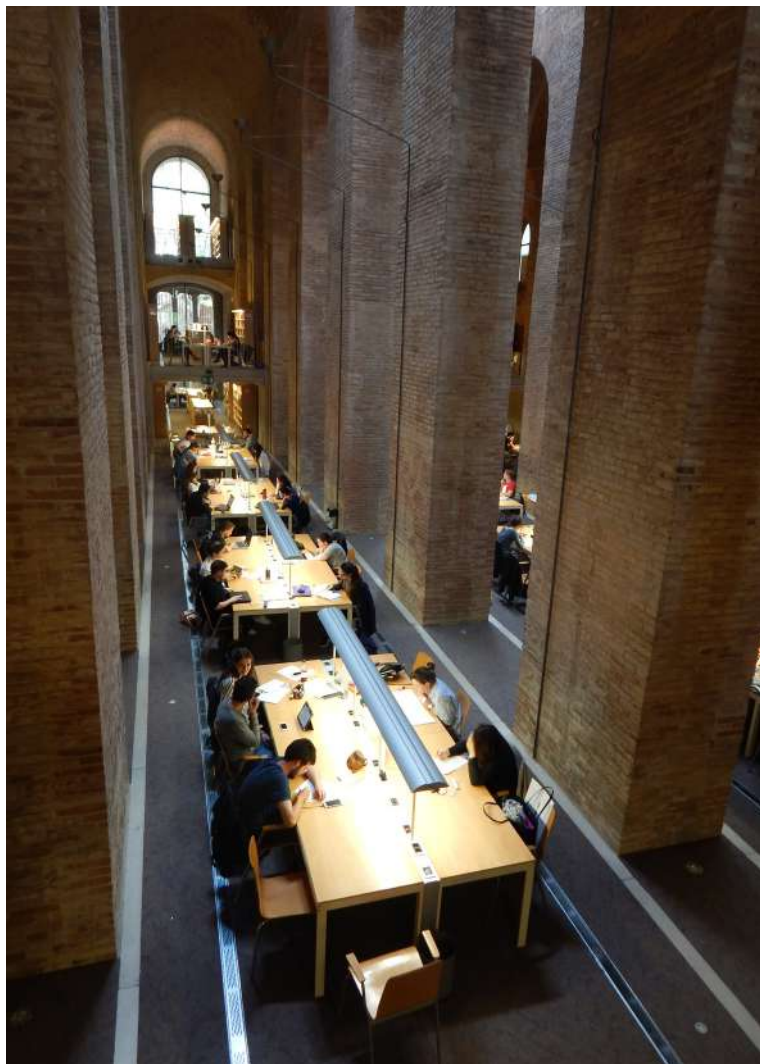


A biblioteca da Universidad Pompeu Fabra é um espaço construído sob a antiga cisterna do Depósito das Águas do parque da Ciudadela, reutilizando a estrutura de sustentação desta grande piscina. O parque da Ciudadela está localizado no distrito de Ciutat Vella e, durante muitos anos, foi o único parque público da cidade, localizado nos antigos terrenos da fortaleza e inspirado no jardim de Luxemburgo, em Paris. Foi projetado por José Fontseré, calculado pelo então estudante de arquitetura Antoni Gaudí, sendo inaugurado em 1881, tendo, em 1888, sediado a Exposição Universal de Barcelona. Além dos jardins e da abundante vegetação, dois elementos se destacam no parque: um lago e uma cascata. O Depósito das Águas foi criado para abastecer a cascata e permitir a rega do parque. Após mais de cem anos com distintos usos (asiló, armazém, corpo de bombeiros, departamento de polícia, arquivo de justiça), só em 1992 foi adquirido pela universidade.

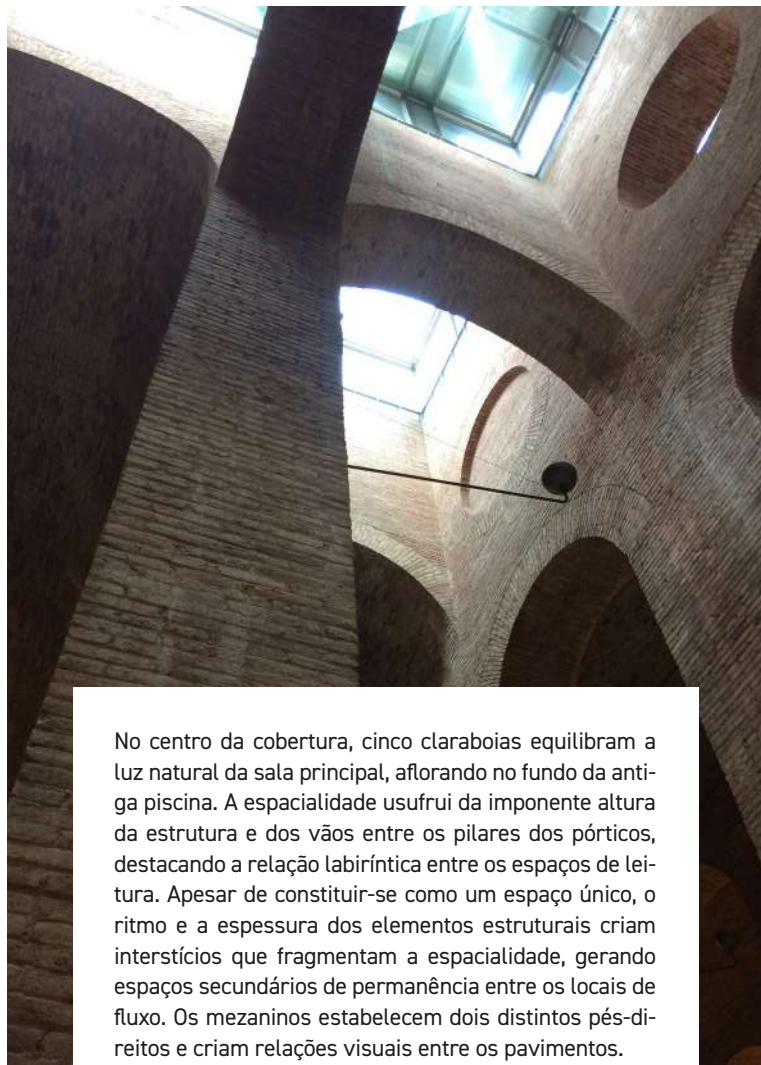
Os arquitetos Lluís Clotet Ballús e Ignacio Paricio Ansuátegui, autores do projeto de reabilitação, além do restauro do edifício original, optaram por destinar o espaço sob a cisterna exclusivamente para a sala de leitura, propondo também uma conexão entre a biblioteca e o edifício principal da universidade por meio de uma passagem subterrânea. A biblioteca começou seu funcionamento em 1999.

O edifício é um quadrilátero de 67 metros de lado e 19 metros de altura. Mantido sem maiores alterações em sua estrutura e volumetria, a implantação continuou respeitando a relação original com o entorno, determinada pela presença do parque da Ciudadela, localizado do lado oposto da rua Wellington, uma das ruas que delimita seu perímetro. Transversal a essa rua, a rua Ramon Turró separa o Depósito das Águas dos demais edifícios do Campus da UPF, mantendo, desta forma, a situação original isolada do edifício.

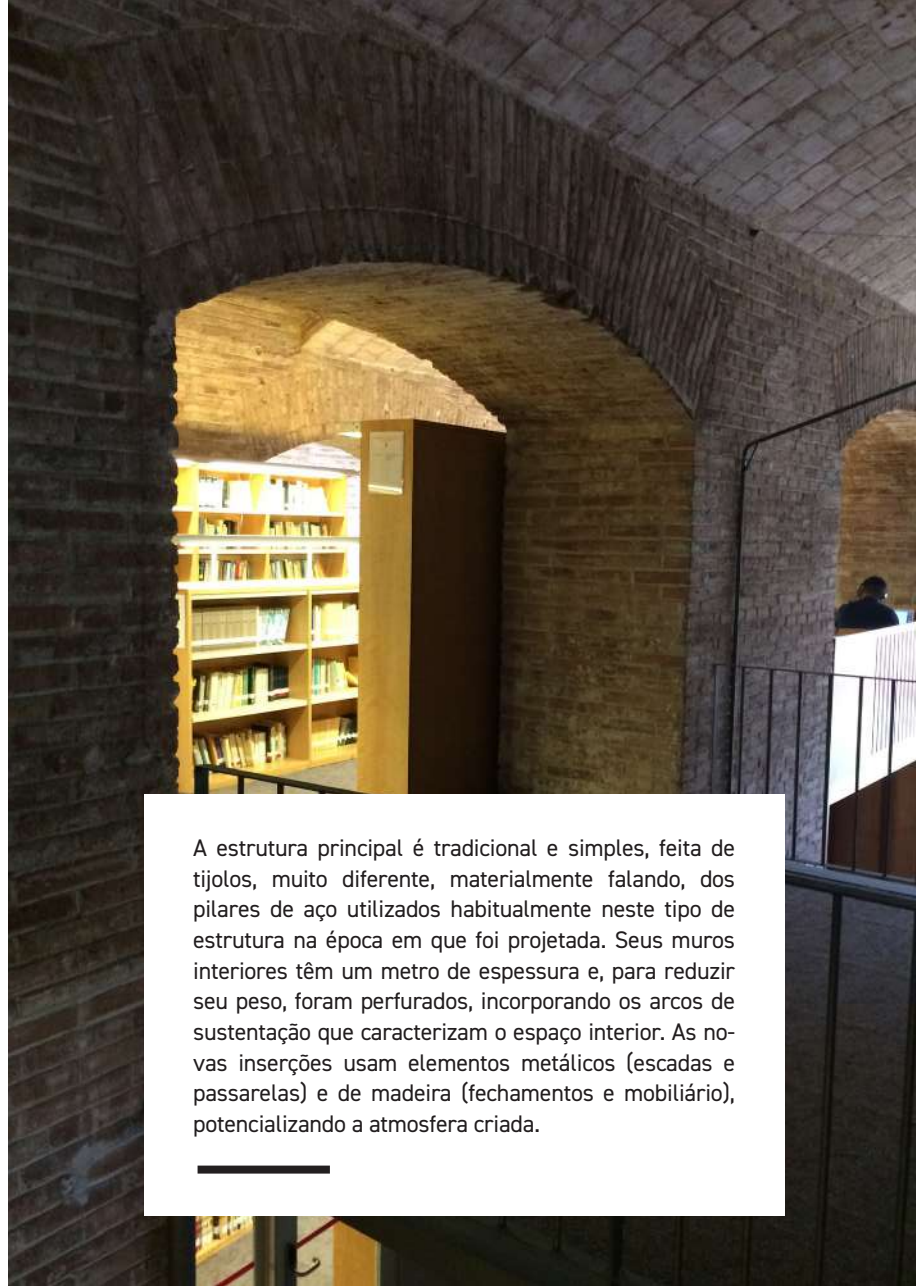
A sensação ao chegar no interior da biblioteca é a de entrar em um templo. A altura e a materialidade, além do silêncio próprio de uma biblioteca com uma luz cuidadosamente tratada para beneficiar a leitura e para destacar a estrutura criam uma ambiência acolhedora, que poderia parecer difícil de alcançar considerando uma estrutura dessa imponência. Com uma superfície de 4.320 m² organizada em dois pavimentos (térreo e mezanino), a biblioteca ocupa o



labirinto de arcos paralelos de 14 metros de altura formados pela estrutura, que se estendem ao longo de 65 metros de profundidade. Para conformar a espacialidade interna e potencializar ao máximo o espaço entre os elementos estruturais originais, foram retiradas as divisórias internas e os tetos intermediários adicionados à obra original ao longo dos anos.



No centro da cobertura, cinco claraboias equilibram a luz natural da sala principal, aflorando no fundo da antiga piscina. A espacialidade usufrui da imponente altura da estrutura e dos vãos entre os pilares dos pórticos, destacando a relação labiríntica entre os espaços de leitura. Apesar de constituir-se como um espaço único, o ritmo e a espessura dos elementos estruturais criam interstícios que fragmentam a espacialidade, gerando espaços secundários de permanência entre os locais de fluxo. Os mezaninos estabelecem dois distintos pés-direitos e criam relações visuais entre os pavimentos.



A estrutura principal é tradicional e simples, feita de tijolos, muito diferente, materialmente falando, dos pilares de aço utilizados habitualmente neste tipo de estrutura na época em que foi projetada. Seus muros interiores têm um metro de espessura e, para reduzir seu peso, foram perfurados, incorporando os arcos de sustentação que caracterizam o espaço interior. As novas inserções usam elementos metálicos (escadas e passarelas) e de madeira (fechamentos e mobiliário), potencializando a atmosfera criada.

DIA 4

SANT ANTONI E MONTJUIC

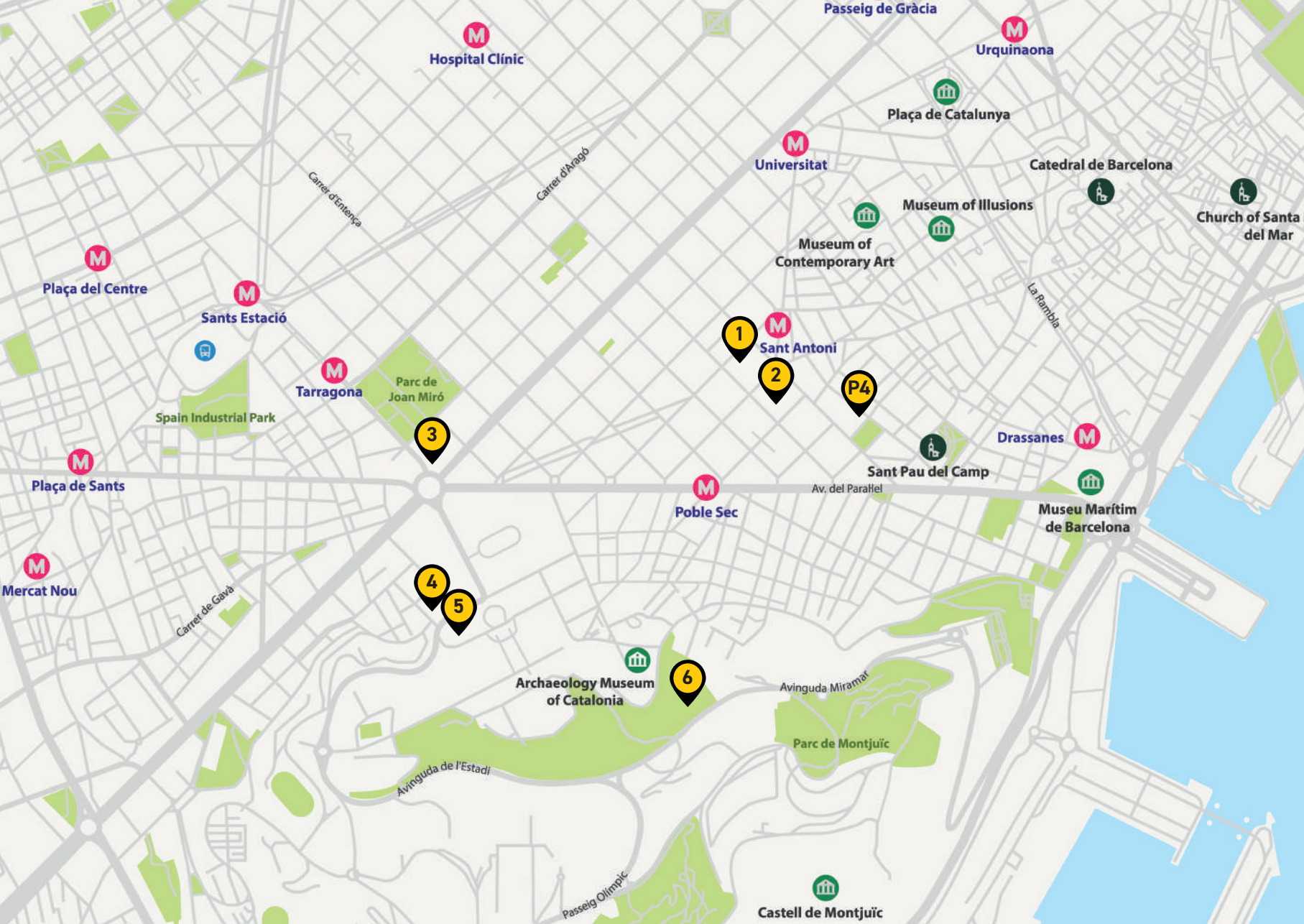


ROTEIRO ARQUITETÔNICO

- 1 Mercado de Sant Antoni
- 2 Biblioteca Sant Antoni
- 3 Las Arenas
- 4 CaixaForum
- 5 Pavilhão Alemão de Barcelona
- 6 Fundação Joan Miró
- P4 Residencial Reina Amàlia

PONTOS DE INTERESSE

- Superilla Sant Antoni
 - Anella Olímpica de Montjuic
 - Palau Sant Jordi
 - Jardim Botânico de Barcelona
 - Castell de Montjuic
 - Fuente Mágica de Montjuic
-



Hospital Clínic

Urquinaona

Plaça de Catalunya

Catedral de Barcelona

Church of Santa del Mar

Universitat

Museum of Illusions

Museum of Contemporary Art

Plaça del Centre

Sants Estació

Tarragona

Parc de Joan Miró

Spain Industrial Park

1

Sant Antoni

2

P4

Drassanes

Plaça de Sants

Sant Pau del Camp

Museu Marítim de Barcelona

Poble Sec

Av. del Paral·lel

4

5

Archaeology Museum of Catalonia

6

Avinguda Miramar

Parc de Montjuïc

Mercat Nou

Carret de Gava

Avinguda de l'Estadi

Passeig Olímpic

Castell de Montjuïc



Mercado de Sant Antoni



Ravetllat Ribas Arquitectes



2012-2018



Carrer del Comte d'Urgell, 1



Seg. a Sáb.: 8h às 20h | Dom.: fechado



O Mercado de Sant Antoni está localizado no Ensanche Cerdá e foi construído pelo arquiteto Antoni Rovira i Trias junto com o engenheiro José M. Cornet y Más em 1882. Ocupa uma quadra inteira do Plan Cerdá, sendo um dos mais emblemáticos mercados de Barcelona. Sua reabilitação, que esteve a cargo dos arquitetos Pere Joan Ravetllat e Carme Ribas, demorou uma década pela complexidade de restauração do edifício e pelo trabalho com os achados arqueológicos da antiga muralha da cidade, tendo sido reinaugurado em 2018.

A ideia do projeto foi integrar o mercado de produtos frescos com os mercados que cresceram durante os anos em seu perímetro. Na verdade, hoje o mercado são três: aquele original de produtos frescos, o mercado Encants, que ocupa os corredores mais perimetrais com produtos têxteis, e o mercado dominical sob as novas coberturas, no exterior. O programa conta com 53.388 m² distribuídos em 235 estabelecimentos, contando com supermercado e academia de ginástica no subsolo, além de estacionamento e áreas de carga e descarga.

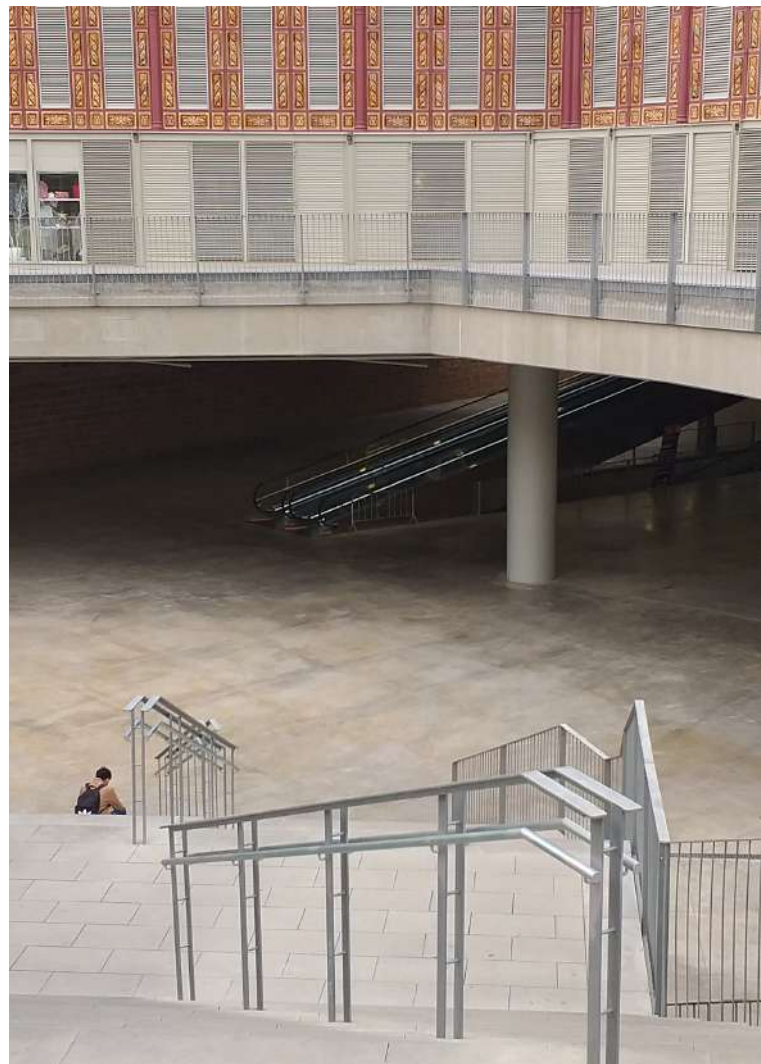
O edifício original, cuja geometria surgiu das dimensões do vazio de um cruzamento padrão de duas ruas da trama Cerdá, possui uma planta em cruz grega implantada diagonalmente na quadra, criando quatro pátios triangulares no exterior. O projeto consistiu em uma reordenação do mercado, preservando e restaurando sua arquitetura, mas com a criação de um novo térreo e um subsolo público. Sua configuração surge dos muros arqueológicos encontrados nas escavações, que correspondem a um trecho do baluarte de Sant Antoni, encontrado em ótimas condições, e de uma contraescarpa: ambos os muros definiam o antigo fosso da muralha, que é configurado como uma praça subterrânea, onde conecta as ruas Urgell e Manso, criando um percurso ladeado pelas muralhas medievais.

Os quatro pátios triangulares se convertem em quatro novas praças para a cidade, definidas por coberturas móveis construídas sobre o alinhamento da quadra, criando delimitações permeáveis que abrigam os usos complementares. O conjunto possui vários acessos: uma entrada em cada uma das quatro esquinas, quatro no octógono central, conectado às quatro praças, e outros acessos exclusivos para o Mercado Encants.

A volumetria original do edifício foi preservada, sofrendo uma reformulação no térreo, que ganhou “espessura” com tratamento contemporâneo, avançando ligeiramente para o exterior para abrigar o mercado periférico. Internamente os boxes foram reorganizados, aumentando em dimensão e reduzindo em número, de forma a permitir maior conforto. As circulações foram ampliadas e foram criadas circulações perimetrais que permitem novos usos, como a venda dos produtos têxteis do mercado Encants. A espacialidade original do edifício foi potencializada com as reformulações, que incluíram a valorização das ruínas dos antigos muros no subsolo. Desta forma, essas camadas preexistentes, tanto materiais quanto históricas, participam de uma sobreposição de níveis por meio de uma verticalidade aparente, visível da rua, gerando também a possibilidade de permanecer no espaço, utilizando as arquibancadas construídas no desnível entre a cidade e o subsolo.

Uma estrutura robusta de concreto faz a contenção dos subsolos e sustenta a laje do térreo. Com relação aos materiais de revestimento empregados, o novo embasamento foi tratado com painéis metálicos na forma de venezianas que podem estar fixas ou móveis, abrindo-se em vitrines para expor os produtos do mercado Encants. Também as coberturas externas são de elementos metálicos leves. De maneira geral, a intervenção nas praças do entorno é austera, dotando o edifício de destaque e monumentalidade.





Biblioteca Sant Antoni



RCR Arquitectes



2007



Carrer Comte Borrell, 44



Seg. e Sex.: 16h às 20h30 | Ter. e Qui.: 10h às 14h - 16h às 20h30
Qua.: 10h às 20h30 | Sáb.: 10h às 14h | Dom.: fechado



A Biblioteca Sant Antoni se localiza na rua Comte Borell, no bairro de Sant Antoni, ocupando um lote em uma quadra do Ensanche Cerdá, que teve seu interior desapropriado para abrigar um jardim público, como ocorreu em muitas quadras do Ensanche. No caso, o jardim conserva a antiga chaminé da fábrica de doces que ocupava anteriormente o local. O projeto do escritório RCR Arquitectes foi o vencedor de um concurso público. O desafio colocado pela Prefeitura de Barcelona foi dinamizar o conjunto urbano e recuperar o espaço interior da quadra por meio de um programa variado. Assim, o edifício consiste em um complexo, que reúne biblioteca, um centro social para idosos e um jardim interno.

A principal força motriz do projeto foi a ruptura da continuidade da rua, criando uma “porta” de acesso ao jardim interno. Desta forma, o edifício funciona como um espaço de transição entre a rua e o interior da quadra, inserindo-se no lote, preenchendo-o e, simultaneamente, liberando uma passagem de acesso ao conjunto, com pés-direitos variáveis (em um primeiro momento duplo e, em seguida, simples), propondo transições espacialmente complexas. Nessa passagem está localizado o acesso à biblioteca. Enquanto o volume da biblioteca atua como porta, o centro social de idosos opera como fachada do espaço público, contornando-o, dinamizando-o e permitindo o contato entre os idosos do centro e as crianças que brincam no *playground* do jardim.

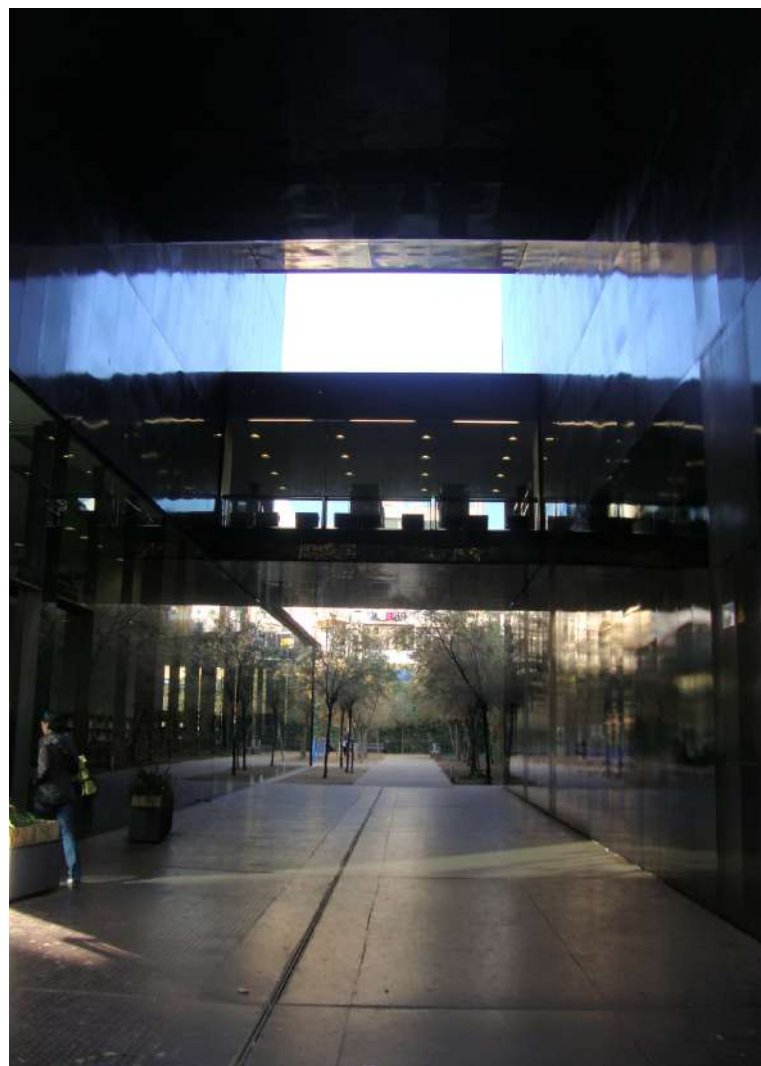
A volumetria se adequa à massa edificada da quadra, respeitando alinhamentos e gabaritos, porém, liberando um trecho da largura do lote para a rua interna, coberta por “pontes” que atravessam os dois volumes verticais da biblioteca. A primeira ponte assume a forma da arquibancada interna, conformando um teto inclinado para a passagem. A segunda corresponde ao espaço infantil, sendo um volume prismático que comprime a passagem na vertical, propondo uma segunda transição. Já o centro social de idosos é um edifício que se desprende do térreo do volume da biblioteca e penetra como um *cul de sac* no interior da quadra, dando unidade ao conjunto.

O interior da biblioteca explora a integração entre os quatro pavimentos, caracterizando-se por uma sucessão de vazios gerando diferentes pés-direitos

e relações visuais. Todos os espaços têm contato direto com o exterior, sendo amplamente iluminados, contando com filtros que controlam a incidência solar em grande parte das fachadas. A integração entre a biblioteca e o pátio interno da quadra faz com que esses filtros não só funcionem com um regulador ambiental entre interior e exterior, mas também como dispositivos de integração. Fora e dentro, pátio e biblioteca, funcionam como um sistema que integra o público e o coletivo, o aberto e o fechado, de forma complementar. De dentro é possível perceber o que acontece fora e vice-versa.

A marca principal do edifício é sua materialidade de chapa metálica na cor preta, que aparece em diversas interpretações: chapas lisas de revestimento, chapas perfuradas onduladas compondo os filtros, ou brises metálicos. O embasamento é envidraçado e, a partir do ponto em que se desprende em direção ao pátio, recebe um brise metálico e uma marquise que resolvem as fachadas internas da quadra.





Las Arenas



Richard Rogers, Luis Alonso e Sergio Balaguer



2011



Gran Via de Les Corts Catalanes, 373-385



Seg. a Sáb.: 10h às 22h | Dom.: fechado

O centro comercial Las Arenas ocupa o edifício onde funcionou a primeira arena de touradas de Barcelona, projeto de August Font i Carreras, de 1899. O espaço recebeu touros até 1977, quando as corridas migraram para a arena Monumental, maior e mais moderna. Após sediar outros eventos esportivos, a construção em estilo neomudéjar permaneceu fechada entre 1989 até 2000, quando teve início o projeto para sua recuperação como espaço coletivo, de autoria de Richard Rogers junto aos arquitetos catalães Alonso y Balaguer. A estratégia para abordar o edifício histórico aliou o respeito ao patrimônio arquitetônico com a aposta tecnológica. O edifício se localiza em uma das esquinas da praça España e contém 105 mil m2, abrigando lojas, restaurantes, cinemas, academia de ginástica com 300 metros de pista de corrida, centro de convenções, escritórios e observatório com vista panorâmica para a cidade.

O edifício ocupa uma quadra do Ensanche Cerdá, limitada pela Gran Via e as ruas Tarragona, Diputació e Llança. Originalmente a arena se encontrava elevada a 4 metros em relação à calçada, contendo um embasamento de pedra. Uma das principais características do projeto foi a manutenção da fachada da arena, porém, com a retirada desse embasamento e o estabelecimento de uma “permeabilidade cidadã”, resolvendo o térreo do centro comercial no nível da calçada e estabelecendo vários acessos. Outros elementos foram

3





acrescidos à edificação: um elevador com acesso direto ao observatório, na cobertura, implantado no limite onde estaria o chanfro da quadra, e um volume anexo que tangencia a arena e alinha-se à rua Llança, criando uma fachada urbana para essa via.

A operação principal do projeto foi o esvaziamento de todo o interior da arena mantendo-se a fachada monumental, que passa a funcionar como uma segunda pele exterior que não toca a nova edificação no interior. Essa casca foi resolvida estruturalmente com a criação de uma viga circular de concreto que a apoia e descarrega o peso sobre pilares metálicos em “V”. O volume ganha como coroa uma plataforma que não se apoia na fachada, mas em quatro pilares de grandes dimensões no interior do edifício, parecendo “flutuar” sobre o conjunto, além de uma cúpula de 92 metros de diâmetro. O volume do centro comercial conta com seis pavimentos, além de quatro níveis de estacionamento no subsolo, e o volume do anexo é uma lâmina de quatro pavimentos com esquinas arredondadas, apoiada sobre um embasamento de restaurantes e que abriga escritórios.

Um vazio circular central caracteriza o interior do centro comercial. Um jogo de escadas rolantes lineares e passarelas criam diferentes relações visuais, dotando o espaço de uma complexidade que, por um lado, favorece o passeio, esse deambular de quem observa e circula entre lojas sem um destino fixo, mas que, por outro, conserva e reforça a clara espacialidade cilíndrica da arena original. O pavimento dos cinemas possui pé-direito duplo, marcando uma diferenciação no átrio. Na cobertura, a plataforma dá espaço a um passeio perimetral de 360 graus, elevado a 27 metros de altura, que forma um observatório de onde é possível contemplar toda a cidade.

O projeto se destaca pela ousadia da solução estrutural. A fachada de tijolos original foi mantida por meio de uma inteligente logística para escoramento, demolições, contenção e escavação. A estrutura se caracteriza predominantemente por quatro pilares metálicos em árvore que sustentam a cobertura, pela estrutura de concreto que suporta os pavimentos do edifício e pela estrutura mista (viga de concreto e pilares metálicos) para o apoio da fachada. A estrutura exterior leva a cor vermelha, enquanto a interior é pintada de amarelo.



A cúpula foi construída de madeira laminada de forma a reduzir seu peso, e o vidro marca o fechamento dos edifícios anexos e da fachada interna do centro comercial, constituído por um edifício que leva inserções metálicas coloridas para resolver os sistemas técnicos.

CaixaForum



Arata Isozaki



2002



Av. Francesc Ferrer i Guàrdia, 6-8



Seg. a Dom.: 10h às 20h

CaixaForum é um centro cultural localizado na antiga fábrica de tecidos Caramona, construída em 1911 com projeto de Josep Puig i Cadafalch. A obra foi designada como patrimônio cultural espanhol em 1976, sendo reconhecida como um importante exemplar do modernismo catalão na arquitetura de Barcelona. A conversão do edifício em centro cultural teve várias fases: a restauração, a cargo do arquiteto Francisco Javier Asarta; a criação do vestíbulo subterrâneo e as salas de exposição nos espaços fabris, desenvolvida pelos arquitetos Roberto Luna e Robert Brufau; e a última, em 2002, com a criação dos demais espaços (auditório e miateca), do novo acesso e da integração ao vestíbulo existente, assinada por Arata Isozaki.

O edifício se localiza na rua Marqués de Comillas. O projeto consistiu na criação de um novo acesso ao edifício sem interferir na fachada existente por meio da criação de um pátio de caráter público, construído diante do edifício e abaixo da cota da rua, com acesso direto ao vestíbulo. Localizado próximo à esquina principal, o acesso ao pátio se dá por meio de escada rolante, es-



cada e elevador, sendo marcado por uma cobertura que remete a duas árvores, cuja sombra cobre as escadas e convida o visitante a entrar no recinto.

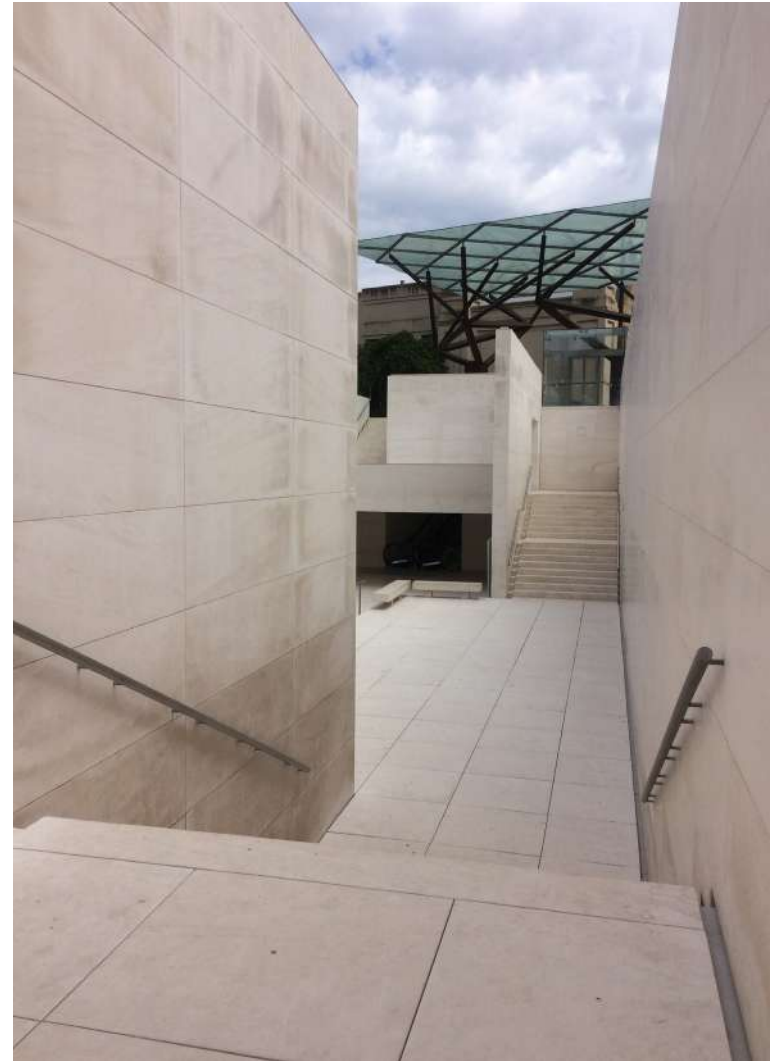
O pátio é composto unicamente por muros de pedra de calcário que formam volumes em distintos planos horizontais, fazendo uma clara homenagem ao Pavilhão Alemão, de Ludwig Mies van der Rohe e Lilly Reich, que se encontra do outro lado da rua. O pátio é retangular, com dimensões totais aproximadas de 60 x 15 metros, alcançando uma profundidade aproximada de 7 metros. As escadas e os muros configuram um percurso pontuado por espaços estratégicos em diferentes níveis, como o Jardim Secreto, um pátio dentro do pátio, destinado a exposições ao ar livre.

A intervenção propõe um percurso da calçada até o vestíbulo, atravessando o pátio, onde em um primeiro momento se tem a visão total do edifício. A partir da descida das escadas (convencional ou rolante), alcança-se outra atmosfera, em que o edifício modernista progressivamente desaparece, para

reaparecer somente após o acesso ao museu, já no pavimento superior. A atmosfera interior do pátio é marcada pela geometria dos muros e por seu revestimento branco, que oferecem um jogo de luz e sombras ao percurso. No Jardim Secreto, o reflexo e o som da água reforçam essa experiência espacial e sensorial, confrontando as formas e texturas da arquitetura modernista catalã com uma espacialidade limpa, de geometrias e planos puros. Atravessar o pátio para acessar o edifício é uma experiência de transição em suspensão, que recebe e prepara o visitante antes de ingressar na obra.

O arquiteto conectou o pátio ao vestíbulo através de um pano de vidro, que dilui os limites entre interior e exterior, reforçado pela continuidade dos revestimentos entre os espaços. A estrutura que marca o acesso é de aço cortén e vidro, contrastando com o tratamento do pátio e marcando o acesso.





Pavilhão Alemão de Barcelona



Ludwig Mies van der Rohe e Lilly Reich



1929



Av. Francesc Ferrer i Guàrdia, 7



Seg. a Dom.: 10h às 20h



O Pavilhão Alemão para a Exposição Internacional de Barcelona de 1929 é um edifício projetado pelo arquiteto Mies Van Der Rohe e pela designer Lilly Reich. É considerado um importante marco na história da arquitetura moderna mundial e inspirou as obras de várias gerações de arquitetos. Foi projetado para abrigar a recepção oficial das autoridades alemãs, presidida pelo Rei Alfonso XIII, no dia 27 de maio de 1929, sendo utilizado oficialmente somente naquela vez. A obra foi desmontada no final da exposição, em 1930, mas se tornou uma referência fundamental na história da arquitetura do século XX. Por essa razão, em 1980, surgiu a ideia, impulsionada por Oriol Bohigas, de reconstruir o edifício em seu local original, sendo os trabalhos iniciados em 1983 e concluídos em 1986. A coordenação da reconstrução foi dos arquitetos Ignasi de Solà-Morales, Cristian Cirici e Fernando Ramos.

O edifício está assentado sobre um grande pódio, elevado a aproximadamente 1,5 metro do solo, implantado de forma transversal à rua e aberto para uma área livre. Um espelho d'água domina o lado esquerdo do pódio, enquanto as áreas cobertas ocupam o lado direito. O acesso a essa plataforma se dá por uma pequena escadaria localizada de forma convidativa, voltada para a calçada.

Oito pilares de aço, cujo desenho em cruz grega tornou-se célebre na arquitetura moderna, criam uma grade cartesiana de pontos que amarram a cobertura plana, enquanto os planos de fechamento são posicionados livremente, de forma ortogonal e deslocada, formando um recinto “fechado”, porém, conectado de forma fluida ao exterior. Como elementos de vedação verifica-se o uso de panos de vidro assim como planos opacos revestidos de mármore, delimitando os espaços internos e externos. As duas extremidades do pódio são delimitadas por dois muros em “U” que fecham o conjunto e criam, na extremidade direita, um pátio interno.

Na espacialidade do pavilhão, “tudo é aberto, nada está oculto”. Segundo o crítico Philip Johnson, as paredes, organizadas de forma assimétrica, não limitam fisicamente o espaço, mas, sim, sugerem um movimento fluido e não dividem, mas conectam, trazendo o interior para o exterior e vice-versa. Mies van der Rohe e Lilly Reich projetaram, especialmente para o pavilhão,



uma poltrona de couro e aço inox que se converteu em um ícone do design moderno, cujo nome é Cadeira Barcelona. O pátio interno, dominado por um segundo espelho d'água, recebe uma reprodução da escultura de bronze de Georg Kolbe, artista contemporâneo de Mies.



O pavilhão é marcado pela geometria depurada, pela precisão de suas peças e pela racionalidade construtiva. São usados materiais tradicionais, como os quatro tipos de mármore (travertino romano, verde dos Alpes, verde antigo da Grécia e ônix dourado do Atlas), além de materiais industrializados, novos para aquela época, como o aço inoxidável e o vidro. O Pavilhão pode ser entendido como uma das mais perfeitas expressões do pensamento projetual de Mies van der Rohe, resumido pela sua célebre frase: "menos é mais".

Fundação Joan Miró



Josep Lluís Sert



1975



Parc de Montjuïc, s/n



Ter., Qua., e Sex.: 10h às 18h | Qui.: 10h às 2h | Sáb.: 10h às 20:00h
Dom.: 10h às 14h30 | Seg.: fechado



A Fundação Joan Miró, situada no Parque de Montjuïc, foi proposta pelo próprio Joan Miró e por seu amigo Joan Prats, em 1975, com a finalidade de abrir um centro dedicado ao estudo e experimentação da arte contemporânea. O edifício foi projetado por Josep Lluís Sert, arquiteto racionalista de vanguarda e primeiro arquiteto espanhol de fama internacional, fundador de GATPAC (Grup d'Arquitectes i Tècnics per al Progrés de l'Arquitectura Contemporània). O edifício é o cenário ideal para as animadas esculturas e para as pinturas de cores vivas de Joan Miró, expondo também obras de artistas célebres como a Fonte de Mercúrio de Alexander Calder. Em 1986, o edifício da fundação foi ampliado por Jaume Freixa, seguindo as pautas deixadas por Sert na década de 1970.

O edifício se situa na borda de uma colina, com uma vista soberba da cidade. Configura-se como um sistema ortogonal de volumes e pátios internos e externos, em que um pátio central quadrado organiza os diferentes volumes das salas de exposição ao redor, como o claustro característico da arquitetura mediterrânea. O acesso se encontra no volume paralelo à rua, em frente ao pátio central e marcado por uma marquise.

Sert pensou o edifício como uma conjugação da arquitetura racionalista com a arquitetura presente na cultura mediterrânea. Assim, a volumetria se caracteriza pela associação de vários volumes brancos distintos, fechados para o exterior e abertos ao interior, unidos por uma contínua e bem definida circulação. Os volumes, organizados de forma a gerar uma série de nichos e saliências no conjunto, partem do chão e afloram na cobertura na forma de sheds curvos, responsáveis pela iluminação indireta dos espaços. Os volumes criados posteriormente, na ampliação do edifício, fecham a lateral do segundo pátio, criando uma nova fachada para o nordeste. Os pátios têm grande importância no projeto, organizando o percurso e dotando as salas de exposição de iluminação natural por meio de aberturas ritmadas nas fachadas.

As circulações foram determinantes para evitar que os visitantes atravessassem o edifício inúmeras vezes pelo mesmo espaço. O percurso é realizado em uma espiral ascendente, atravessando rampas, mezaninos, escadas e



pés-direitos duplos, resultantes de um dinamismo de níveis. A relação entre esses elementos arquitetônicos se dá por meio de um percurso que permite diversos pontos de vista das obras, especialmente as de grande porte, que, pelo seu tamanho, integram-se à arquitetura.

Todos os espaços são abundantemente iluminados graças às engenhosas claraboias que afloram no terraço habitado, espaço que abriga esculturas ao ar livre. A materialidade predominante são o concreto armado, as paredes brancas e os tetos em abóbadas catalãs.



Associadas às claraboias elegantemente curvas, essas características lhe emprestam certo ar mediterrâneo que complementa o trabalho de Miró.



Residencial Reina Amàlia

 Bru Lacomba Setoain

 2005-2011

 Carrer de la Reina Amàlia 31-33

O Residencial Reina Amàlia é um edifício destinado à residência de idosos, localizado nos limites do centro histórico. Implanta-se de forma perimetral à quadra, conformando uma esquina e abrindo fachadas para duas ruas. A fachada principal se abre para uma grande praça, que tem a dimensão de uma quadra, permitindo a visualização do edifício a uma grande distância, enquanto a fachada lateral se volta para uma rua de dimensões reduzidas.

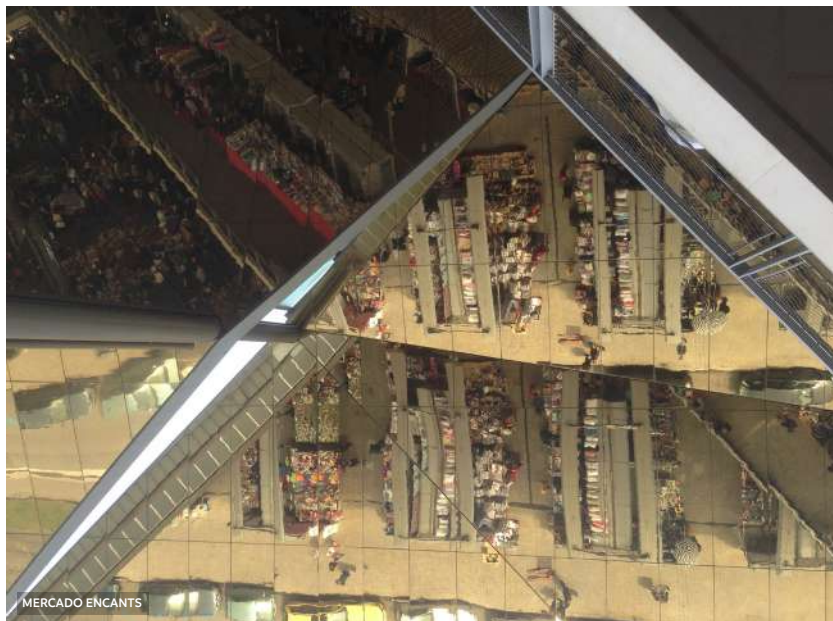
O edifício é conformado por dois volumes principais: um bloco em “L” de seis pavimentos, implantado sobre os alinhamentos, que compõe a esquina e percorre as duas ruas, e um volume elevado e recuado em relação à fachada principal, contendo mais quatro pavimentos. Essa operação reduz o peso do conjunto e facilita sua inserção no entorno. O térreo conta com espaços comerciais e uma passagem, que atravessa a quadra, conectando a praça à rua posterior.



O corpo conta com uma abordagem austera, composto por uma repetição de esquadrias e balcões de proporção vertical, rompida por determinados elementos especiais em pontos estratégicos.

DIA 5

GLÒRIES, POBLENOU E FORUM



ROTEIRO ARQUITETÔNICO

- 1 Mercado Encants
- 2 Disseny Hub
- 3 Torre Agbar
- 4 Superilla Poblenou
- 5 Edifício Media-TIC
- 6 Museu Can Framis
- 7 Ca l'Alíer
- 8 Parque Diagonal Mar
- 9 Edifício Fórum
- 10 Parque dos Auditórios
- P5 Edifício Vertex
- P6 Biblioteca Gabriel García Márquez

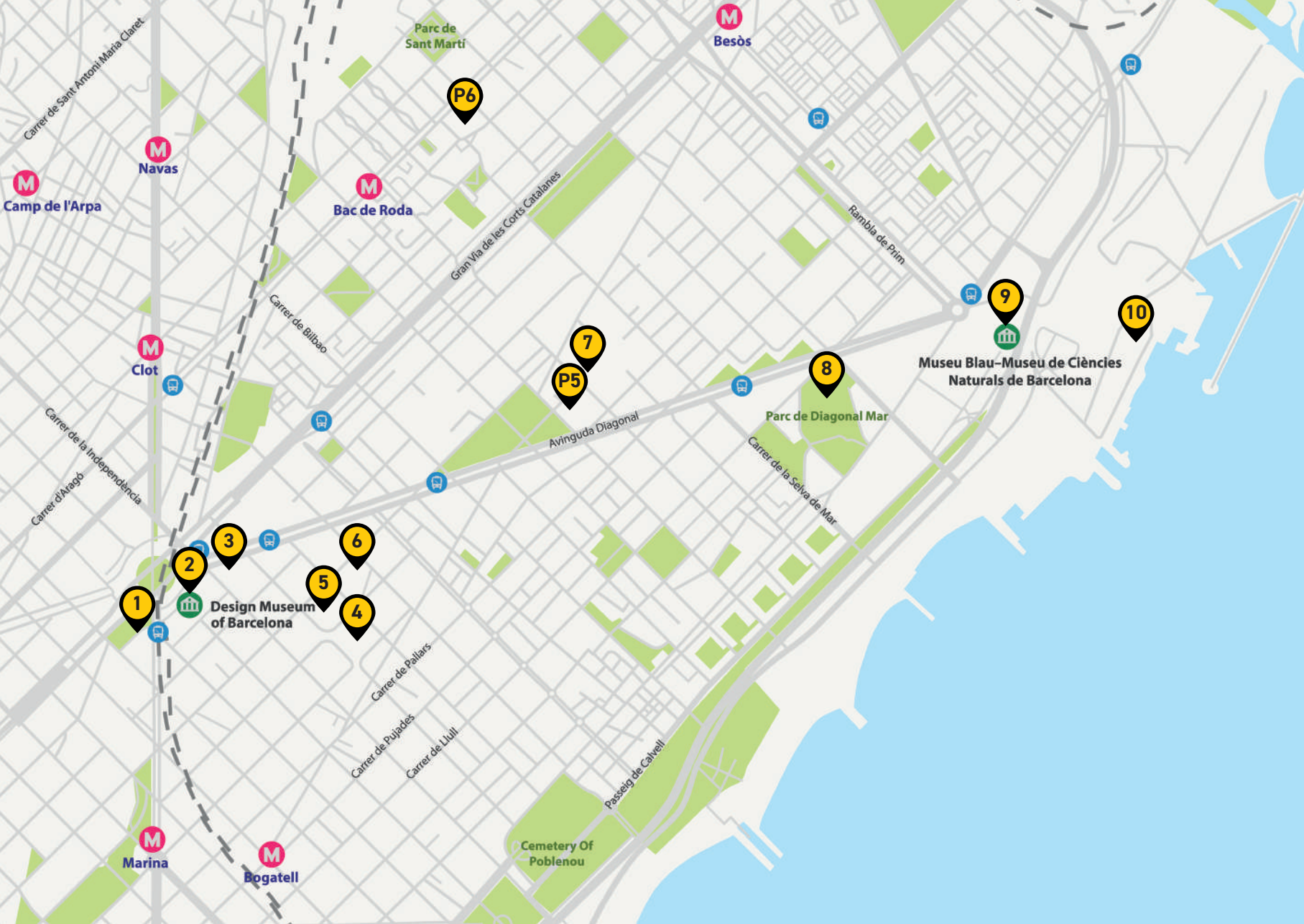
PONTOS DE INTERESSE

Rambla del Poblenou

Parque del Litoral e quadras residenciais

Esplanada del Forum

Centro de Convenciones Internacional de Barcelona



Carrer de Sant Antoni Maria Claret

M
Camp de l'Arpa

M
Navas

M
Clot

Carrer de la Independència
Carrer d'Aragó

1

2

3

Design Museum of Barcelona

5

4

6

M
Marina

M
Bogatell

Carrer de Pallars
Carrer de Pujades

Carrer de Lluís

Cemetery Of Poble Nou

Parc de Sant Martí

M
Bac de Roda

Gran Via de les Corts Catalanes

P6

P5

7

Avinguda Diagonal

8

Parc de Diagonal Mar

M
Besòs

Rambla de Prim

Museu Blau - Museu de Ciències Naturals de Barcelona

9

10

Passatge de Carvell



FONTE: GOOGLE EARTH

Mercado Encants



Estúdio - b720 Fermín Vázquez Arquitectos



2013

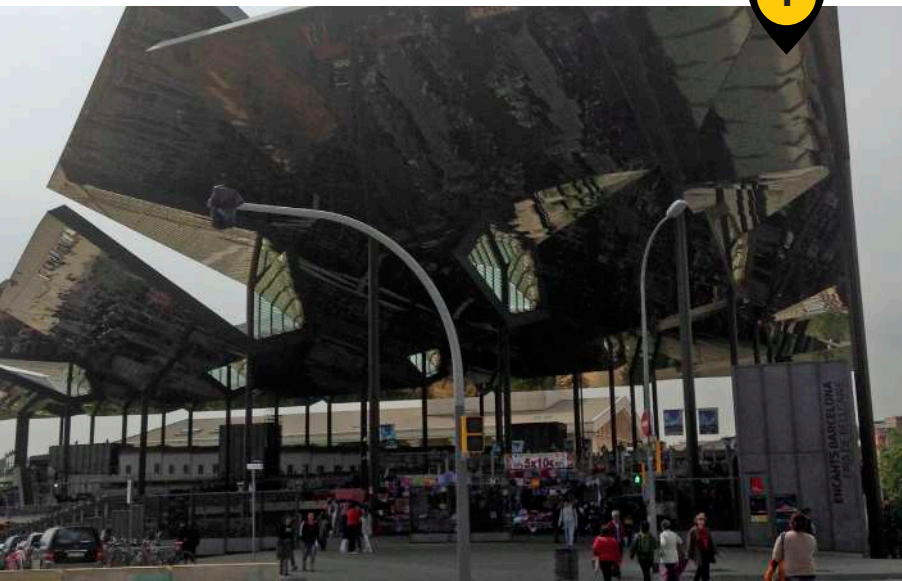


Carrer de los Castillejos, 158



Seg., Qua., Sex. e Sáb.: 09h às 20h | Dom., Ter. e Qui.: fechado

1



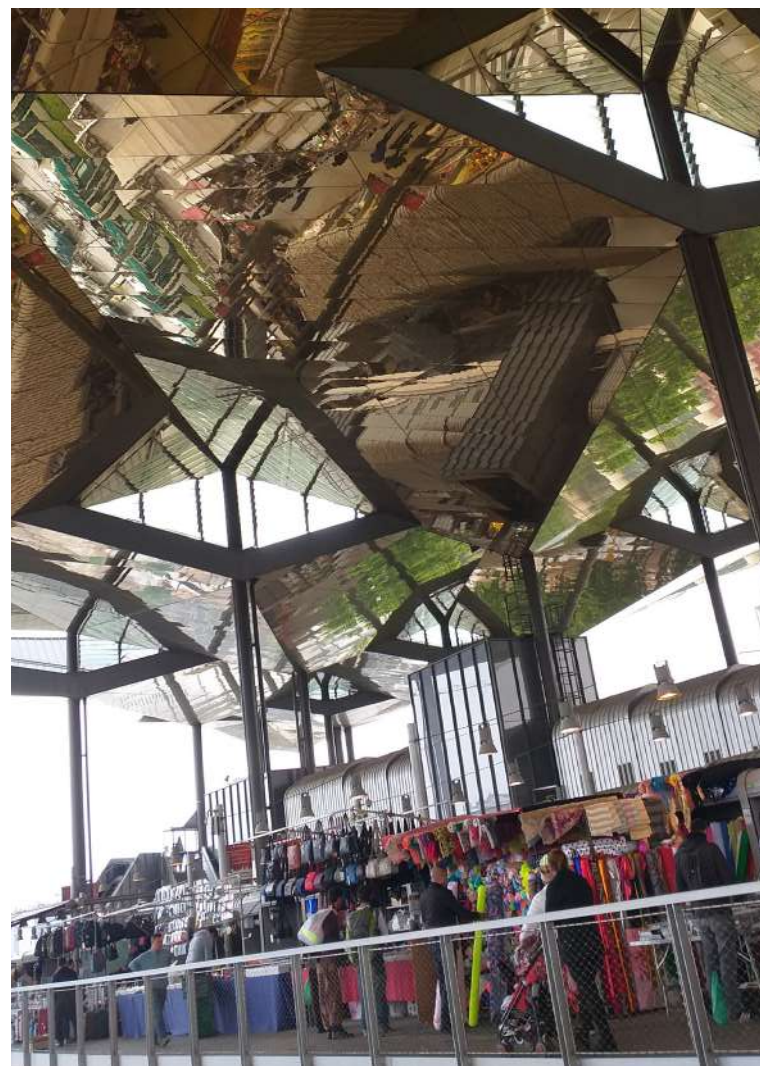
O Mercado Encants Vells é um dos mercados mais antigos da Europa, tradicionalmente informal e ao ar livre. É um equipamento público dedicado à venda de produtos de segunda mão, a leilões e reúne algumas lojas especializadas de utensílios de culinária, tecidos, entre outras. Até seu traslado à nova localização, o mercado ocupava um terreno baldio, com uma infraestrutura bastante degradada e insuficiente. Em setembro de 2013, ganhou uma nova sede, próxima da localização original, com uma arquitetura contemporânea que se destaca na paisagem, projeto da equipe de arquitetura b720, conduzido por Fermín Vázquez. O terreno possui uma área de aproximadamente 8.000 m² e abriga um programa comercial que contém o dobro dessa área, recebendo cerca de 100.000 visitas semanais. O principal objetivo do projeto foi manter o caráter aberto e de mercado de rua, preservando sua identidade.

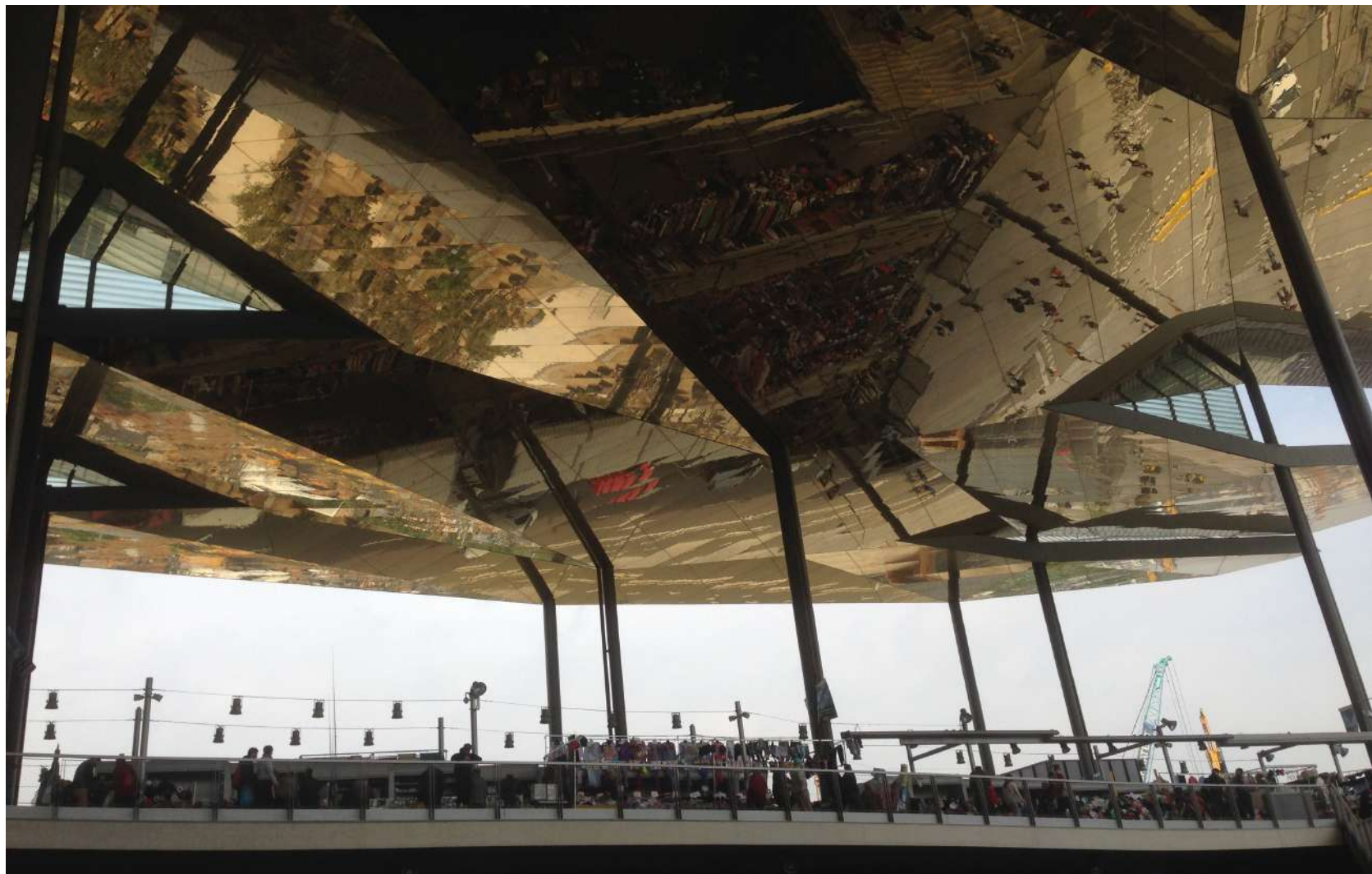
O novo local se situa na praça das Glòries, em um terreno triangular e em declive, conformado pelas avenidas Gran Via e Meridiana e pela rua Castillejos, atuando como um dispositivo que articula a praça próxima com seu entorno edificado. Por meio de calçadas que se desdobram ao longo de um percurso expositivo de lojas e boxes do mercado, conciliam-se os diferentes níveis das ruas perimetrais, absorvendo-se essas diferenças topográficas dentro do mercado, praticamente desaparecendo a percepção do nível "zero" da cidade. O percurso se realiza em uma espiral ascendente e desce, circundando um pátio interno localizado em um nível inferior ao acesso principal. O edifício conta ainda com dois níveis no subsolo, sendo o primeiro destinado à própria logística do mercado, enquanto o segundo dedica-se ao estacionamento público para os usuários da instalação.

A cobertura de quase 25 metros de altura é o elemento principal de reconhecimento urbano que define a volumetria do conjunto. Um grande pátio coberto, porém, aberto em uma das laterais, gera a sensação de permeabilidade em sua relação com a cidade. Os boxes comerciais formam espécies de vagões que circundam o pátio interno, fechando duas laterais e conformando as fachadas para a cidade. A superfície inferior da cobertura funciona como um grande espelho onde se projeta o entorno, amplificando a presença da cidade e a altura do espaço interno, além de permitir a entrada de iluminação natural em alguns pontos.

Sob a cobertura, organizada em fitas de larguras variáveis, o espaço funciona como uma grande praça coberta e aberta na qual vão surgindo os postos e lojas, que se organizam em circulações variáveis em função do trecho, tornando o percurso mais intuitivo, intercalando pontos de encontro e detenção. O solo é um plano inclinado que, embora esteja em diferentes níveis, apresenta-se com algo contínuo e ininterrupto, criando diferentes relações visuais, estimulando a curiosidade do passeio e a troca entre vendedores e visitantes, uma característica espacial da feira. Dessa forma, a articulação espacial entre percurso e cobertura faz com que percorrer o mercado seja uma sensação híbrida entre estar abrigado, protegido, mas também exposto a uma vida urbana comercial intensa.

A cobertura, elemento principal que identifica o mercado na paisagem, está conformada por uma estrutura de pilares e vigas metálicas esbeltas. A estrutura principal, que define as plataformas onde estão distribuídas as lojas, é composta por pilares e lajes de concreto. A superfície inferior reflexiva da cobertura, associada a essa combinação entre solidez das plataformas e leveza da estrutura metálica, gera a sensação de um teto flutuante sobre o mercado, uma nuvem de espelhos. Os boxes também são elementos metálicos que, combinados com trechos de vidro, compõem as fachadas ora opacas, ora transparentes para as ruas do entorno.





Disseny Hub



MBM Arquitectes – Martorell, Bohigas e Mackay



2014



Plaça de les Glòries Catalanes, 37



Ter. a Dom.: 10h às 20h | Seg.: fechado



O Museu do Design é um edifício projetado pelo estúdio catalão MBM Arquitectes, localizado na Plaça de les Glòries, entre a Torre Agbar e o Mercado Encants. Inaugurado em 2014, seu programa abriga e combina principalmente três artes: cerâmica, têxteis e coleções de design gráfico, com o intuito de promover o conhecimento e a compreensão destas expressões no mundo do design. Além de salas de exposição e oficinas, o museu possui uma biblioteca, salas de pesquisa e ensino, loja, livraria, cafeteria e restaurante, além das áreas técnicas de uso restrito.

O Disseny Hub é composto por dois volumes, um subterrâneo, aproveitando a diferença de nível gerada pela urbanização da Plaça de les Glòries, e outro elevado a 14,50 metros sobre a cota da rua superior. Devido a essa diferença de nível, o edifício tem acessos públicos para duas ruas opostas, em dois pavimentos distintos. O volume subterrâneo funciona como uma plataforma, que opera como uma praça para as Glòries, mas como um embasamento para a rua oposta. O volume elevado está implantado sobre esse embasamento, como uma continuidade da rua Àvila, contendo a mesma largura dessa e projetando-se de topo sobre a Plaça de les Glòries. Assim, funciona como um arremate da rua Àvila e um indicador das relações urbanas entre a malha do bairro e o vazio da praça. O balanço na fachada, projetado sobre a via em direção à praça, e a pérgola localizada na plataforma, complementam as relações com o bairro e com a Avenida Meridiana. Um grande espelho d'água, na parte baixa, constrói uma distância entre o bairro e o edifício, que reforça a presença marcante do conjunto e amplifica sua condição de elemento urbano.

Os acessos, ao localizarem-se em dois níveis distintos, conformam um lobby também em dois níveis, criando um atravessamento público pelo interior do edifício. A parte inferior, mais volumosa, encontra-se enterrada, sendo composta por paredes de vidro e um telhado verde, enquanto a parte superior é uma estrutura mais pesada e opaca, com a volumetria de um paralelepípedo inclinado. O edifício se destaca na paisagem urbana pela sua geometria de arestas marcantes, pelo balanço projetado sobre a calçada do acesso principal e pela localização isolada na praça.

As principais instalações se encontram no volume inferior do edifício, em dois pavimentos, contendo a sala de exposição principal, salas dedicadas à gestão e à preservação de acervos do DHUB, os principais escritórios, salas para pesquisa e para ensino, biblioteca e serviços como bar, loja e restaurante. O volume elevado contém os quatro pavimentos de exposição permanente.

O subsolo recebe luz natural através de uma trincheira que é elaborada em diferentes níveis do solo. A iluminação é reforçada por meio de seis claraboias que se debruçam sobre o espaço público e ainda podem ser utilizadas como vitrines para conteúdos e atividades do museu. O exterior do edifício utiliza somente dois materiais organizados em conjunto: as placas metálicas e o vidro que geram uma aparência industrial.



Torre Agbar



Jean Nouvel e Estudio b720



2005



Av. Diagonal, 211

A Torre Agbar, de 144 metros de altura e 31 pavimentos, é obra do arquiteto Jean Nouvel em parceria com o Estúdio b720. O imóvel pertenceu ao grupo Agbar, companhia multinacional que gerencia recursos hídricos, sendo vendida, em 2013, para um grupo imobiliário que transformou a torre em um hotel de luxo. A torre está localizada no bairro de El Parc i la Llacuna del Poblenou, no distrito de Sant Martí. O edifício originalmente contava com um auditório no subsolo, e os diferentes pavimentos abrigavam escritórios dispostos em uma trama ortogonal, organização que outorgava versatilidade para adaptar-se a diferentes usos.

Um profundo fosso irregular circunda a base do edifício, criando a sensação de que a torre emerge do subsolo. Pela situação urbana na qual está implantada, ela se impõe na paisagem da cidade, sendo um elemento marcante tanto do skyline de Barcelona quanto do contexto urbano do bairro das Glòries, especialmente da Plaça de les Glòries, que articula outros edifícios e espaços públicos marcantes da área, como o Mercado Encants e o Disseny Hub.



3

O acesso ao edifício se dá pela avenida Diagonal e está marcado por uma cobertura que nasce do solo e cobre o acesso em um movimento sinuoso.

A torre tem a volumetria cilíndrica que se afina suavemente conforme ganha altura, para arrematar-se com uma cúpula. A principal característica da torre é sua evidente altura, um projétil que irrompe na amplitude da paisagem da área da Plaça de les Glòries, que pode ser vista a grandes distâncias. Estruturalmente, o projeto consiste em dois cilindros ovais não concêntricos coroados por uma cúpula de vidro e aço, que se consolidam e unificam estruturalmente por meio de vigas que conectam os dois corpos. Como o cilindro interior concentra o sistema de circulação vertical (dois elevadores e duas escadas) e os serviços gerais, os pavimentos resultam livres de pilares, com um pé-direito de 2,60 metros. A cúpula está perfurada no extremo superior, para se projetar ao céu, onde estão localizados os espaços de socialização do edifício.



Especialmente existe uma separação abrupta entre interior e exterior, fortalecendo a hierarquia de separação entre espaço público e privado. Em seus 31 pavimentos, a organização das plantas está caracterizada pela ausência de arestas, e a fachada é coberta por mais de 4.500 janelas retangulares com 56.619 peças de cristal translúcido. A luz e o jogo de reflexos são um elemento marcante da identidade arquitetônica do edifício.

Até o 26º andar, a torre possui a forma de um cilindro construído em concreto e vidro. A partir desse ponto até a cúpula, trecho em que a seção vai mudando, foram utilizados aço e vidro. Jean Nouvel descreveu o cilindro oval como a união de dois conceitos opostos: por um lado o peso de um material como o concreto e a leveza do vidro, resultando em uma aparência final de “uma torre colorida”, e por outro, uma segunda pele que funciona como brise-soleil e cria um sistema de proteção térmica, isolando o frio e o calor. Os painéis de vidro têm diferentes inclinações e opacidades, criando jogos de luzes dependendo da hora do dia e da estação do ano. Os tons avermelhados dominam a parte inferior, enquanto os azuis e brancos estão na parte superior.



Superilla Poblenu



Prefeitura de Barcelona



2016



Carrer Badajoz, Pallars, Llacuna e Tànger

As Superilles consistem na reunião de nove quadras em uma única superquadra (400 x 400 metros), com tráfego reduzido e prioridade para pedestres em seu interior. Foram criadas com o objetivo de enfrentar o tema da escassez de espaços públicos e da contaminação da poluição em Barcelona, visando reduzir o uso de veículos e ampliar a quantidade de espaços para uso de pedestres e ciclistas.

A Superilla Poblenu foi a primeira superquadra implantada na cidade. O bairro histórico de Poblenu tem origem industrial e vem sofrendo um processo de transformação com a construção de novos edifícios e reabilitação de imóveis históricos, sendo, até o momento, um local de baixa densidade populacional e pouca circulação. O projeto-piloto foi implantado nas nove quadras delimitadas pelas ruas Badajoz, Pallars, Llacuna e Tànger, e consistiu no amansamento dos quatro trechos das vias, cujo limite de velocidade passou a ser de 30 Km/h, transformando os quatro cruzamentos internos em novas áreas de lazer de grandes dimensões – praças -, buscando incrementar a quantidade de área verde.



4

O processo de implantação foi constituído por três fases: efêmera, temporária e permanente. A fase efêmera durou 15 dias e consistiu nas ações táticas de curta duração, de caráter mais “festivo”, voltadas a esclarecer a população sobre as possibilidades desses espaços livres de aproximadamente 20 mil m². A fase temporária, com duração de seis meses, representou o estágio intermediário de média duração, no qual o traçado da fase final já estava lançado, porém, realizado de forma provisória e com baixo investimento, voltado a permitir a convivência da população com as mudanças e avaliar seus impactos. Já a fase permanente consiste nas reformas estruturais de caráter duradouro, consolidadas após as análises das duas fases anteriores. Essa fase ainda não foi terminada em sua totalidade.

Na fase efêmera, os espaços sofreram intervenções temporárias por meio de ações reversíveis, ou seja, medidas de gestão, mobiliário, pintura e revitalização das áreas, tais como a inserção de parques infantis, mesas de piquenique, áreas de descanso e circuitos de jogos, utilizando materiais de baixo custo, como pneus, mobiliário leve de madeira e pintura de piso.

A fase temporária apostou em uma superquadra multifacetada, sediando também atividades de bairro, feiras, mercados e projetos culturais, mantendo as ações criadas na etapa anterior, porém, usando materiais mais duradouros e mobiliário fixo. A fase permanente consolidou o desenho aprovado nas fases anteriores em alguns trechos, construindo novas calçadas, arborização, jardins, parques infantis e mobiliário, utilizando os materiais comumente empregados nos espaços públicos de Barcelona.

Cabe salientar que durante a pandemia da Covid-19, em 2020, estes lugares ganharam relevância como parte das estratégias da prefeitura na conformação de espaços públicos mais seguros, em resposta à necessidade de distanciamento físico e da disponibilização de lugares de uso coletivo e abertos próximos aos lugares de residência.





Edifício Media-TIC



Cloud 9



2007-2009



Carrer de Sancho de Ávila, 133

5



O Edifício Media-TIC, localizado no distrito 22@, na esquina das ruas Roc Boronat e Sancho de Ávila, foi concebido para funcionar como uma sede do mundo digital e como um veículo para a divulgação de novas tecnologias. Projetado pelo escritório Cloud 9, dirigido por Enric Ruiz-Geli, o edifício funciona como um ponto de comunicação entre empresas e instituições do mundo das TICs, assim como do setor de mídia e do audiovisual. É composto por três blocos programáticos, organizados por pavimentos: um equipamento cidadão, preparado para receber reuniões e eventos, com espaços como auditório e restaurante; pequenos espaços para incubadoras de empresas de tecnologia; e pavimentos livres para empresas e instituições. O partido arquitetônico procurou fazer a relação entre o conteúdo e o contenedor, resultando em um edifício de geração e fabricação digital.

O edifício está construído nos alinhamentos das demais construções da quadra, sendo acessado pela rua Sancho de Ávila por meio de um recuo na fachada principal. Como está implantado na esquina de uma quadra aberta, situação que permite a permeabilidade entre os edifícios, é possível circundá-lo e observar suas quatro fachadas.

A volumetria, que tende a um cubo, é formada por quatro pórticos de grandes dimensões e espaçamentos regulares, organizados de forma transversal à fachada principal. Os trechos formados pela largura dos pórticos criam duas áreas espessas, voltadas para as fachadas principal e oposta, que permitem a tridimensionalidade das mesmas e concentram as circulações verticais. As fachadas não surgem da ideia da construção industrial em série, mas da fabricação digital, que parte da informação, por isso, elas são distintas e de plasticidades diversificadas.

A espacialidade interna é composta por três setores distintos, que respondem à subdivisão programática interna do edifício, totalizando oito pavimentos de planta livre. O térreo, um espaço público de 36 x 44 metros, é livre de estrutura e tem pé-direito duplo em grande parte da sua extensão. O pavimento superior é praticamente um mezanino para esse espaço principal, relacionado diretamente a ele, e o terceiro pavimento abriga o auditório sendo o único de maior altura. Os quatro pavimentos seguintes são



configurados na forma de "U", formando um átrio que se volta à fachada lateral interna da quadra, sendo subdivididos em pequenos espaços. Já os três pavimentos superiores são organizados em torno de um pequeno vazio central, estando dois deles contidos na altura do pórtico. Os rasgos na fachada principal, organizados em diferentes níveis, abrem distintas visadas para o exterior ao mesmo tempo em que do exterior é possível ver partes dos espaços internos.

A estrutura principal é composta por quatro pórticos metálicos que suportam toda a carga das lajes do edifício por meio de pilares tirantes. Há uma estrutura secundária para sustentação das fachadas, que diferem de acordo com os fechamentos utilizados. A fachada principal é uma dupla pele que recebe fechamento externo de membrana ETFE, espécie de inflável, que fecha e ao mesmo tempo revela trechos da fachada interna envidraçada. Seu revestimento é utilizado também como um instrumento funcional para regular a luz e temperatura.



Museu Can Framis



Jordi Badia



2007-2009



Carrer de Roc Boronat, 116



Ter. a Sáb.: 11h às 18h | Dom.: 11h às 14h | Seg.: fechado



O Museu Can Framis da Fundación Vila Casas está localizado no bairro do Poblenou, antiga área industrial de Barcelona, que vem sofrendo uma remodelação completa, com a substituição das antigas fábricas por um setor terciário de alta tecnologia, área hoje denominada de Distrito 22@. O edifício ocupa uma quadra limitada pelas ruas Tànger, Roc Boronat, Sancho de Àvila e Llacuna. O projeto, concluído em 2009, é do arquiteto Jordi Badia que propôs a reabilitação de duas naves industriais existentes e a construção de um novo edifício que as conecta transversalmente, configurando um pátio. As naves estão posicionadas de acordo com o antigo traçado agrícola, anterior à implantação do Plano Cerdá, conferindo uma obliquidade em relação à quadra e definindo a forma trapezoidal do pátio, fechado em seu quarto lado por um dispositivo de passagem espesso, uma espécie de varanda, que une as duas naves e converte o pátio em um recinto, um vestíbulo exterior do museu. Há uma marquise em "L", localizada no novo edifício, que marca o acesso ao museu.

O conjunto está ligeiramente recuado em relação ao alinhamento da quadra, rodeado por um jardim público densamente arborizado e cortado por uma trama de caminhos. Como os edifícios preexistentes estão localizados em uma cota 1,5 metro inferior em relação às ruas, o jardim cumpre a função de absorver as respectivas diferenças de níveis, assumindo uma configuração topográfica. O gesto de implantação define também um segundo pátio, do lado oposto em relação ao primeiro, delimitado pelas demais construções da quadra, que tem como elemento principal a chaminé preservada da antiga fábrica. Ambos os pátios são interligados por uma passagem pública localizada em um dos encontros de blocos, gerando uma quadra aberta e permeável.

As naves existentes são volumes longitudinais com uma pequena diferença de altura, assim, o novo volume une as duas naves criando tensão nos encontros, resolvidos por meio de articulações envidraçadas. O bloco transversal criado é um volume sólido com térreo envidraçado, em cuja extremidade sul configura-se um balanço que se abre como uma enorme moldura para o exterior.

Os volumes possuem poucas aberturas. As naves existentes tiveram seus vãos originais fechados e contam com poucas janelas ocupando alguns desses vãos, além de alguns rasgos e inserções de elementos para iluminação, enquanto o novo volume possui aberturas estratégicas para os pátios e uma janela sacada, na fachada posterior. As antigas naves receberam arremates nos topos, sendo um deles uma torre de circulação vertical. O museu propõe um percurso descendente que atravessa os três volumes, integrando os espaços, marcados pela neutralidade, pela entrada estratégica de luz natural e pela relação com os pátios externos.

O ponto alto do projeto são as fachadas antigas, tratadas como uma colagem de texturas, vazios e vedações que refletem os diferentes tempos do edifício. Uma pintura branca unifica essa colagem, compondo com o concreto aparente dos novos volumes. Como espaço vestibular do museu, o pátio é pavimentado em concreto para que possa ser usado como um local para eventos públicos, contendo, em alguns pontos, hortas circulares que interrompem a pavimentação.





Ca l'Alíer

 A+M /Arquitectes - Jaume Arderiu e Tomàs Morató

 2015-2018

 Carrer de Pere IV, 362

 Seg. a Sex.: 8h às 20h | Sáb. e Dom.: fechado

Ca l'Alíer é uma antiga fábrica de estampados construída entre 1875 e 1876, no bairro industrial do Poblenou, situada na quadra conformada pelas ruas Pere IV, Fluvià, Cristóbal de Moura e Provençals. Trata-se de um dos 115 edifícios com proteção patrimonial existentes na zona, tendo hoje aproximadamente um terço do tamanho original. Entre 2005 e 2007, o edifício passou por um grande incêndio que o destruiu completamente, ficando em um estado de ruína por alguns anos. Em 2011, a Prefeitura de Barcelona decidiu recuperar o conjunto, destinando-o à instalação de um equipamento público, o Centro de Innovación Urbana de Barcelona, espaço para potencializar a inovação e a tecnologia “smart” na cidade. O premiado projeto de revitalização é do escritório A+M Arquitectes, inaugurado em 2018.

O edifício, composto por três naves, está implantado de forma ligeiramente oblíqua em relação às vias confrontantes. O projeto de reabilitação partiu de três elementos principais: as praças, a rua interna e o eixo distribuidor transversal. As primeiras definem os acessos, sendo uma de caráter mais representativo e urbano, voltada para a rua Pere IV, e a outra de feição mais



doméstica, abrigando o acesso principal e conectando-se ao recente corredor verde criado na rua Cristóbal de Moura. A rua interna ocupa a nave central, atravessando-a e conectando os dois acessos localizados nas ruas opostas. É composta por uma parte descoberta e por outra coberta, comportando os espaços mais públicos do edifício (recepção e área expositiva), e servindo como espaço de distribuição do conjunto. Finalmente o eixo transversal é composto pelas circulações verticais e pela chaminé original, localizada em um pequeno pátio interno.

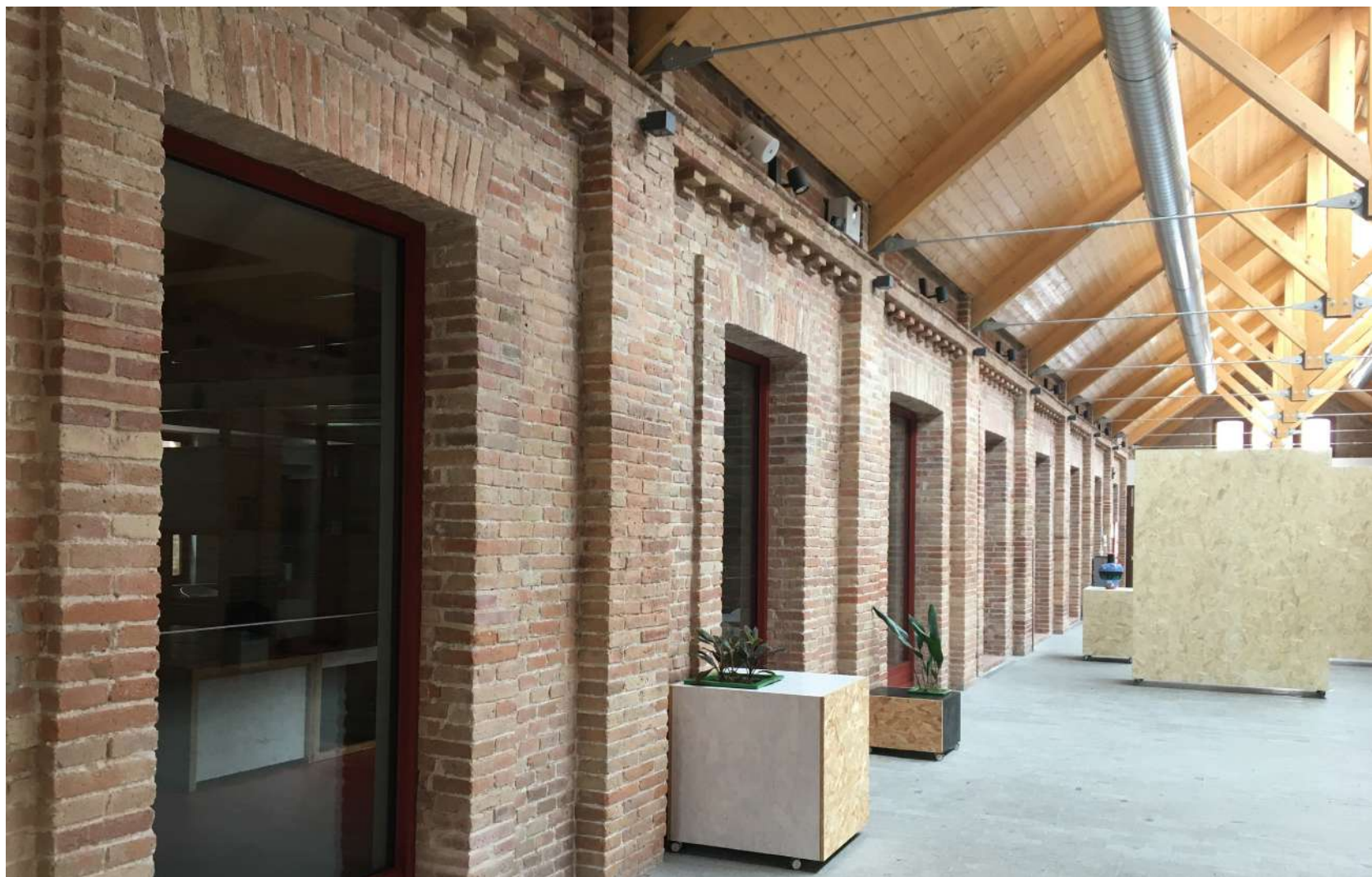
A volumetria do conjunto é composta por naves de nove, seis e onze metros de vão por 82 metros de comprimento. A nave central, que conforma a rua interna, é menos extensa, estando localizada entre as naves laterais. A nave mais ao norte do conjunto é descoberta na extremidade voltada para a rua Cristóbal de Moura, contendo um jardim interno. A nave sul é a única que contém dois pavimentos.

O projeto parte do respeito à tipologia e à espacialidade originais, mantendo, restaurando ou construindo boa parte das paredes e abóbadas catalãs do antigo edifício. O programa se espacializa em espaços de trabalho, conformando uma sequência de salas diáfanos e de estrutura flexível, de forma a abrigar eventos em um espaço único de grande dimensão.

Houve a preocupação de recuperar os elementos que explicam a história desse importante edifício patrimonial, mantendo-se a essência arquitetônica e compositiva sem renunciar à incorporação de novos elementos de expressão contemporânea em sua materialidade. Assim, na restauração das fachadas, foram utilizados os próprios tijolos recuperados das partes demolidas. As coberturas foram reconstruídas com estrutura de madeira e contam com lanternins e claraboias para entrada de luz, além de placas fotovoltaicas nas águas voltadas à orientação sul. Algumas fachadas contam com brises metálicos, como no topo envidraçado da nave sul, voltado para a rua Cristóbal de Moura, e outras são cobertas por muros vegetais. Os interiores das naves laterais são predominantemente brancos, contando com elementos metálicos e forros de madeira. A nave central, tratada mais como espaço público, assume os tijolos e a madeira.



Por fim, trata-se de um edifício sustentável, caracterizado pela emissão zero e por estratégias de autossuficiência e gestão inteligente dos recursos, como a reutilização de água, inclusive para manutenção dos muros vegetais, as energias renováveis, o aproveitamento de materiais de obra e o conforto acústico dos espaços.



Parque Diagonal Mar



Enric Miralles e Benedetta Tagliabue - EMBT



2002



Carrer de Llull, 362

O Parque Diagonal Mar faz parte das obras de recuperação da zona industrial da cidade, impulsionadas pelo Fórum Universal das Culturas, em 2004. Foi construído em um antigo terreno industrial e tem a dimensão de 14 hectares, correspondente à área aproximada de nove quadras do Plano Cerdá. É cortado pelo Paseo Taulat e, considerando seu tamanho, conta com diferentes acessos: pelas ruas Selva de Mar, Llull, Josep Pla e pelos passeios Taulat e García Faria. O projeto é dos arquitetos Enric Miralles e Benedetta Tagliabue, do escritório EMBT.

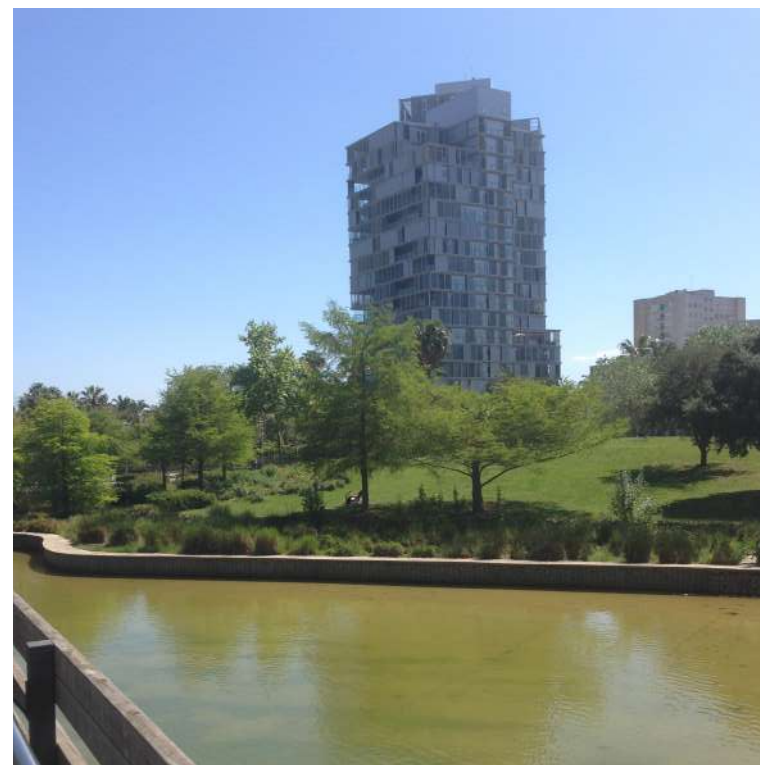
O parque estabelece a conexão entre a cidade e o mar e, ao mesmo tempo, marca uma transição entre as malhas da cidade, das quadras tradicionais até a área do Fórum, composta por grandes equipamentos. Devido ao corte pelo passeio Taulat e aos cinco edifícios que se implantam livremente no espaço do parque, há a formação de três setores principais, dois menores, no trecho voltado para o mar, e um maior voltado para a cidade. O parque nasce no mar e bifurca-se como um tronco de árvore, definindo dois eixos que se diferenciam em vários espaços. O acesso mais marcado se dá na esquina das ruas Llull e Josep Pla, no encontro com a avenida Diagonal, onde existe uma grande praça que funciona como uma antessala para o parque.



Os elementos estruturadores são a água, os caminhos, a vegetação e a topografia. O lago une os três setores, em menor dimensão nos setores do mar e em grande dimensão no setor da cidade, acontecendo segundo um desenho sinuoso e cortado por uma passarela, também sinuosa e ligeiramente elevada do nível do parque. Os principais caminhos cortam o parque nas duas diagonais, conectando os diferentes espaços. A vegetação é abundante, principalmente nas bordas, e a topografia aparece de forma mais evidente em um morrote no setor da cidade, em uma posição mais ou menos central. O entorno do lago é repleto de pérgolas que lançam jatos d'água, além de desníveis criando áreas sentáveis. O parque conta ainda com áreas de jogos e escorregadores.



Houve a preocupação dos arquitetos com a sustentabilidade do parque e, nesse sentido, a água da chuva é armazenada no subsolo e usada para irrigar a vegetação. O mobiliário possui formas sinuosas que se integram ao espaço urbano, à anatomia humana e à paisagem do próprio parque, sendo composto por pergolados metálicos que formam composições de geometrias abstratas e elementos pré-moldados de concreto, originando os bancos e as bordas do lago.



Outros elementos que aparecem são a madeira da passarela, os gabiões que fazem pequenas contenções e os elementos cerâmicos, seja na forma de vasos de revestimento, seja no piso. Chama a atenção o fato de que alguns elementos e materiais do parque estão também presentes no Cemitério de Igualada, projeto de Miralles e Pinós, porém, lá aparecem utilizados de diversas formas, fato que destaca a versatilidade interpretativa dos arquitetos.



Edifício Fórum



Herzog e De Meuron



2004



Plaza Leonardo da Vinci, s/n



Ter. a Sáb.: 10h às 19h | Dom.: 10h às 20h | Seg.: fechado



O Edifício Fórum foi o principal protagonista do complexo construído para o Fórum Universal das Culturas, realizado em 2004. Está localizado no fim da avenida Diagonal, no ponto em que ela chega ao mar, sendo projetado pelos arquitetos suíços Herzog e De Meuron. Foi construído para abrigar a sede do evento, contendo espaços para convenções, reuniões, concertos, restaurante e um grande auditório. Em 2009, foi adotado para um novo uso, passando a abrigar o Museu Blau de Ciências Naturais.

Uma plataforma artificial inclinada, projetada para cobrir a área industrial e a autopista, conforma a esplanada peatonal que organiza o Fórum e o Centro de Convenções, os dois principais edifícios do evento, conectados pelo subsolo. O edifício se eleva sobre essa plataforma, deixando o térreo livre e criando uma praça coberta, atravessável em várias direções. Além do acesso ao edifício, o térreo contém vários núcleos de circulação vertical, pilares e demais apoios estruturais. Também, a partir desse espaço, é possível visualizar alguns pátios localizados no subsolo.

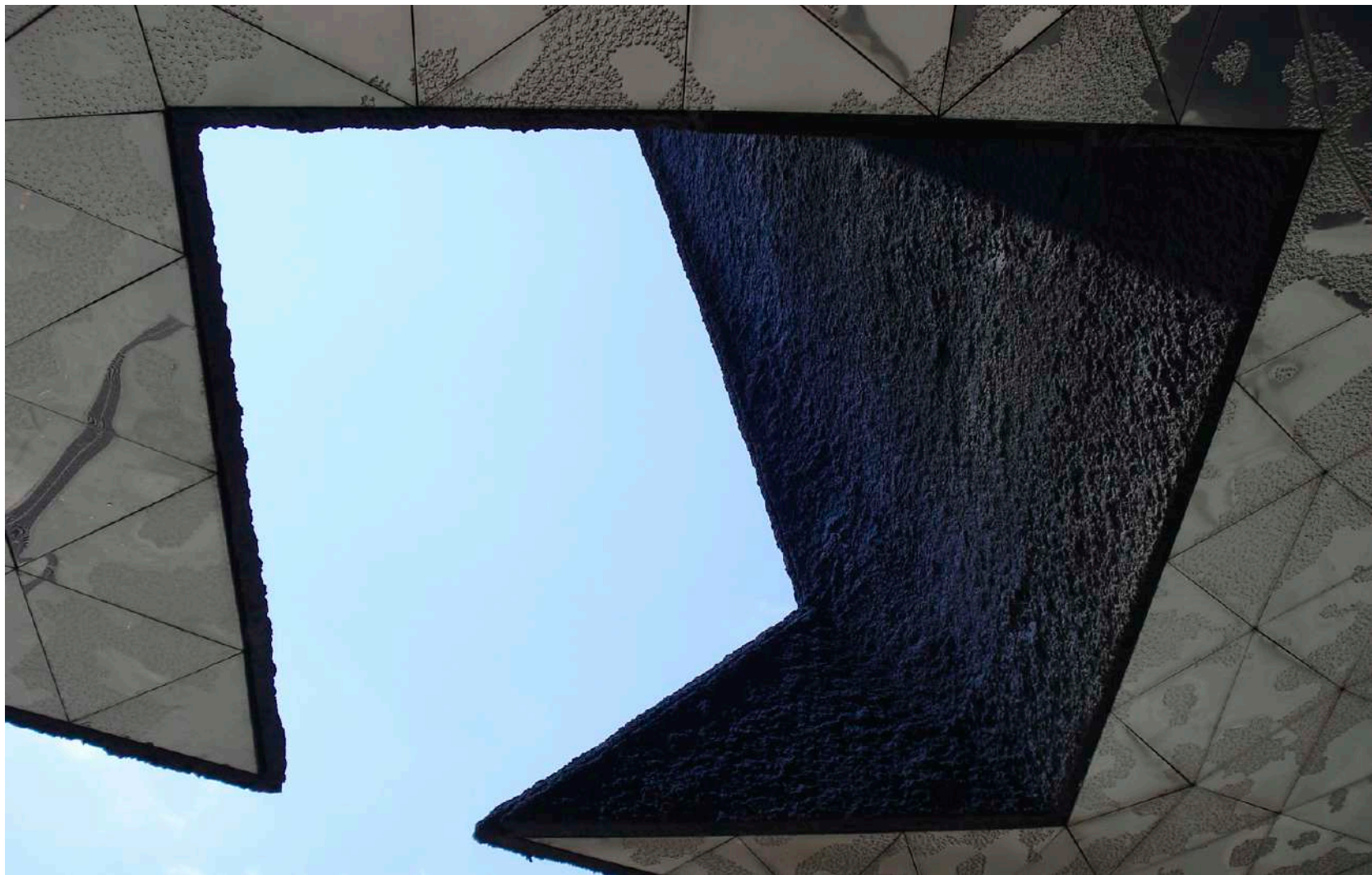
O volume se configura como um triângulo equilátero elevado do solo, de 180 metros de lado e 12 metros de altura, que surge do prolongamento das ruas que o cercam: a avenida Diagonal e a Rambla de Prim. Essa grande massa triangular elevada, que contém somente um pavimento, é perfurada por vários pátios que permitem a iluminação natural e diferentes relações visuais.

O elemento principal do interior é o auditório, que corta os três níveis: subsolo, térreo e planta principal. O espaço interno é fluido e circunda esse "vazio" do auditório, que na planta principal é coberto por uma arquibancada. Os rasgos e os pátios configuram diferentes claraboias que percorrem todo o edifício, trazendo luz até pontos estratégicos do térreo. Ao percorrer o amplo térreo aberto e coberto, as claraboias surgem como ilhas de luz e céu nesse solo sombreado, quebrando a homogeneidade do percurso, gerando dinamismo e pontos notáveis nessa continuidade. Uma vez localizado sob a abertura da claraboia, o revestimento prateado intensifica ainda mais essa presença de céu e luz, como um vazio esculpido por ela.




A estrutura é mista de concreto e treliças metálicas, formando um grid que alcança grandes vãos. O edifício possui somente 14 apoios estruturais, sendo cinco pilares e nove núcleos de concreto. A grande massa triangular é marcada pela textura rugosa, formada por um chapisco de cimento na cor azul, pelo forro de placas de aço inox que simulam o movimento das ondas e pelos profundos rasgos verticais que, devido ao revestimento de placas de aço do forro, trazem movimento e jogo de luzes.





Parque dos Auditórios

 Alejandro Zaera Polo e Farshid Moussavi – Foreign Office Architects

 2004

 Praça Fórum, 1

10



O Parque dos Auditórios faz parte do conjunto de projetos realizados para o Fórum Universal das Culturas, em 2004, quando se recuperou a zona de Besós, no trecho em que a avenida Diagonal encontra o mar. Localiza-se entre a Esplanada Fórum e o mar, em uma área de forte declive, constituindo-se em um grande espaço multifuncional, com auditórios ao ar livre, onde se celebram vários eventos. O projeto é de Alejandro Zaera Polo e Farshid Moussavi, do extinto escritório Foreign Office Architects (FOA).

O parque resolve o acentuado declive estruturando-se por meio de cinco grandes dunas artificiais que vencem a topografia, ordenam e distribuem os espaços. As dunas, ora cobertas por vegetação, ora pavimentadas, são cortadas por rampas diagonais que permitem transições suaves entre o nível da esplanada e a zona de banhos, localizada na cota zero. A estratégia formal utilizada foi a continuidade entre piso e topografia, onde material idêntico percorre as áreas planas e acidentadas, conformando espaços contínuos e plasticamente expressivos, gerando também um ambiente lúdico de formas e superfícies, tanto visualmente quanto na forma de percorrê-lo.

As dunas ocultam dois auditórios ao ar livre, um em cada extremidade do parque. No lado sul, o auditório pequeno tem capacidade para 3.500 pessoas, e o auditório grande comporta 8.500 pessoas no lado norte, em uma esplanada. O parque oferece, de todos os lugares, uma bela vista para o mar.

O material predominante nos espaços é o pavimento de peças de concreto em forma de meia lua, que se encaixam permitindo a construção de superfícies contínuas em diferentes planos, fazendo uma composição em tonalidades de rosa.



Edifício Vertix

 OAB - Carlos Ferrater e Xavier Martí

 2003-2007

 Carrer de Cristóbal de Moura, 28

O Edifício Vertix ocupa a esquina de uma quadra situada em área de urbanização recente do Ensanche Cerdà, caracterizada por uma estrutura de quadras abertas. Esta condição permite que, ao mesmo tempo, o edifício opere como um conformador da quadra e como uma peça autônoma, composta por quatro fachadas.

A volumetria é definida pelo tratamento da pele exterior, que envolve três lados, composta por estrutura metálica com fechamento em painéis móveis de veneziana metálica. Essa pele propõe um movimento facetado, que subverte o chanfro da esquina da quadra e confere distintos desenhos de luz e de sombra nas varandas. O térreo é envidraçado e ligeiramente recuado, criando uma área de transição para o acesso e para os espaços comerciais.



Biblioteca Gabriel García Márquez

 Suma Arquitectura

 2015-2022 (em construção)

 Carrer del Concili de Trento

A Biblioteca Gabriel García Márquez é um edifício de esquina que aparece como uma grande escultura na paisagem do bairro de Sant Martí. Um duplo chanfro, tanto na vertical quanto na horizontal, marca a esquina, criando um espaço de transição no térreo e abrindo uma grande janela para a paisagem nos pavimentos superiores, reinterpretando os chanfros existentes no Ensanche.

O programa é composto pela biblioteca e por um arquivo, ambos acessados de forma independente por uma praça elevada que distribui os fluxos. Um pátio interno corta o edifício verticalmente, dotando todos os espaços de iluminação natural. O edifício possui cinco pavimentos, sendo todo estruturado em madeira laminada, convertendo-se no maior edifício integralmente executado em madeira da cidade.



DIA 6

SANTS E LES CORTS

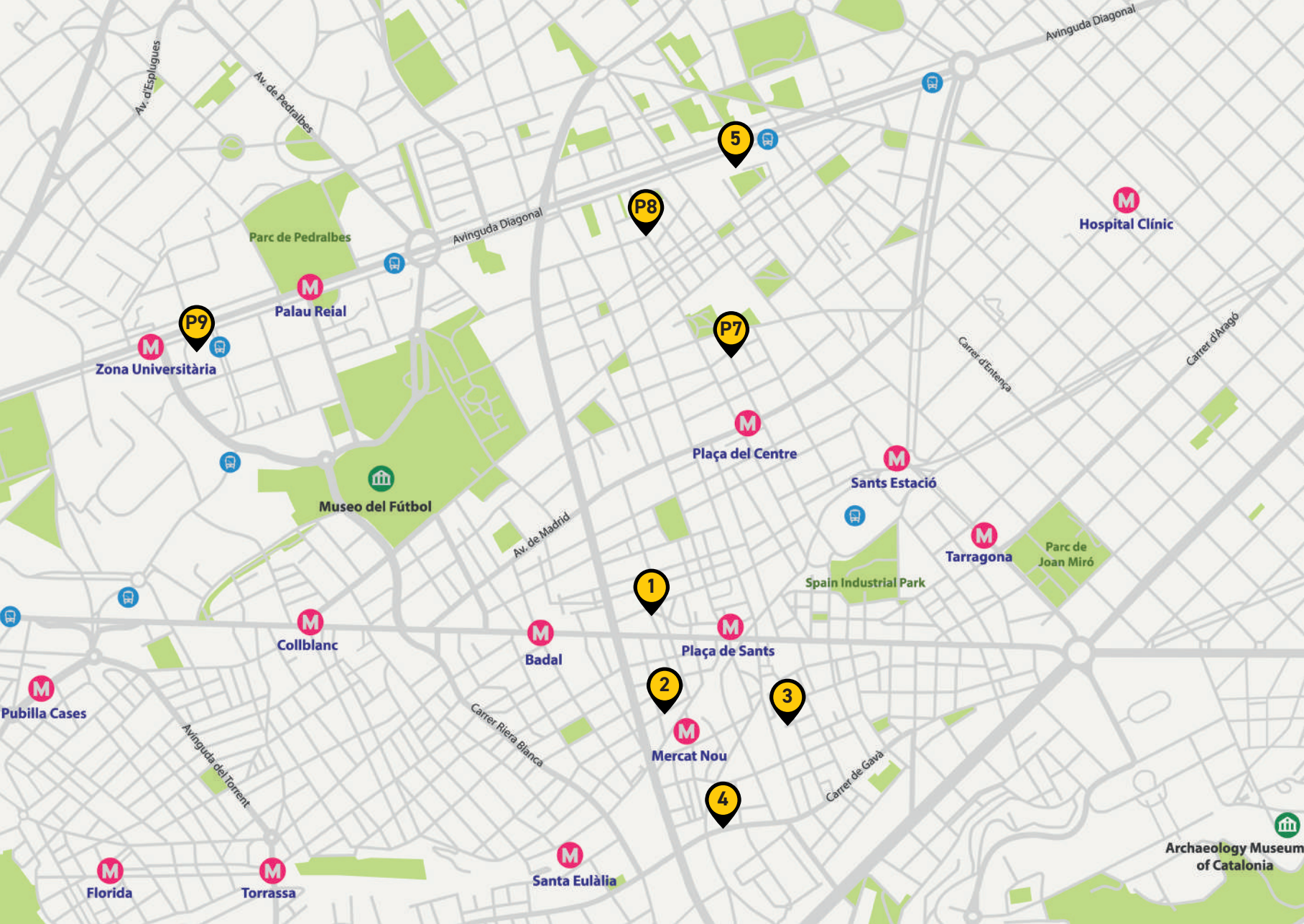


ROTEIRO ARQUITETÔNICO

- 1 La Comunal
- 2 Jardins Elevados de Sants
- 3 Centro Cívico La Lleialtat Santsenca
- 4 Cooperativa Habitacional La Borda
- 5 Edifício Diagonal
- P7 Biblioteca Montserrat Abelló
- P8 Centro Cívico Cristalleries Planell
- P9 Edifício Coderch ETSAB/UPC

PONTOS DE INTERESSE

Can Batlló



Hospital Clínic

Parc de Pedralbes

Palau Reial

Zona Universitària

Museo del Fútbol

Plaça del Centre

Sants Estació

Tarragona

Parc de Joan Miró

Spain Industrial Park

Collblanc

Badal

Plaça de Sants

Pubilla Cases

1

2

3

Mercat Nou

4

Avinguda del Torrent

Carrer Riera Blanca

Carrer de Gava

Florida

Torrassa

Santa Eulària

Archaeology Museum of Catalonia



La Comunal



Lacol Arquitectura Cooperativa



2018-2019



Carrer d'En Blanco, 69-73



La Comunal é um complexo dedicado a acolher diversas cooperativas do bairro de Sants, que surge da reabilitação de um conjunto de edifícios industriais, algumas lojas e uma residência, todos localizados nas ruas Riera d'Escuder, d'En Blanco e Tenor Masini. O conjunto industrial, de inspiração modernista, foi construído pelo arquiteto Joan Bruguera i Roget, em 1926, para destinar-se à fabricação de velas e têxteis para barcos. Foi declarado patrimônio arquitetônico, porém, nos últimos vinte anos se encontrava em alto estado de deterioração. O projeto de reabilitação é do escritório Lacol Arquitectura Cooperativa.

O conjunto ocupa metade de uma quadra irregular confrontando três ruas, implantando-se em diferentes alinhamentos. Nas ruas d'En Blanco e Tenor Masini, o edifício se constrói sobre os alinhamentos, porém, posiciona-se de forma oblíqua na rua Riera d'Escuder, conformando pequenos espaços triangulares, recuperados como espaços públicos na nova configuração.

O gesto principal do projeto foi demolir os anexos irregulares, que não formavam parte da construção original, e construir um novo volume voltado para a rua Riera d'Escuder, ocultando a empena do edifício vizinho e conformando um pátio interno ortogonal com o conjunto existente. Os acessos aos diversos espaços ocorrem pelas três ruas, sendo que a entrada ao pátio se realiza pela rua Riera d'Escuder, no encontro entre o edifício existente e o volume novo. Um bar/cooperativa ocupa o térreo voltado para a rua Tenor Masini.

O edifício original consiste em quatro naves de construção simples, de dois pavimentos, com vão máximo de oito metros, separadas por volumes de circulação vertical. A reabilitação manteve o caráter original do conjunto, propondo pequenas inserções de elementos, como os volumes de vidro sobre as circulações verticais. O novo volume, que conta com quatro pavimentos, regulariza e fecha o conjunto. A união entre o antigo reabilitado e o novo ocorre por circulações perimetrais, que percorrem três lados do pátio, encontrando-se com a nave oblíqua por meio de uma plataforma triangular.



Foi preservada a espacialidade das naves industriais, estabelecidas como espaços de trabalho integrados e fluidos, que se abrem ora para as ruas e ora para o pátio. No novo edifício, foram criadas pequenas salas de trabalho organizadas em três pavimentos, totalmente voltadas ao pátio interno.

A materialidade do novo edifício se dá pela estrutura metálica, por fechamentos de madeira, por passarelas, por escadas e por gradis metálicos, que recebem cores fortes, contrastando com o aspecto austero dos volumes reabilitados. Os interiores das naves industriais são marcados pelas treliças metálicas, forros de madeira e pisos cimentícios. Os materiais são simples e de baixo custo, dotando o edifício existente da dignidade necessária para abrigar o novo programa coletivo.



Jardins Elevados de Sants



Sergi Godia e Ana Molino



2016



Carrer d'Antoni de Capmany, s/n

Os Jardins Elevados de Sants são um parque linear elevado, de 48.400 m² e 760 metros de extensão, projetado por Sergi Godia e Ana Molino em resposta a uma problemática urbana: a interrupção da cidade gerada pelas infraestruturas de transporte e mobilidade. Neste caso, os trilhos de trem e de metrô no distrito de Sants criaram uma brecha no tecido urbano, dividindo o distrito em duas partes desconexas desde a praça de Sants até a rua Riera Blanca. Além da descontinuidade do espaço urbano, a poluição acústica e a degradação do entorno eram os principais problemas da área. No ano de 2002, a Prefeitura deu início a um projeto de renovação urbana do corredor ferroviário de Sants. A decisão foi não o tornar subterrâneo, optando pelo confinamento, cuja abertura se transformaria em uma *rambla* elevada e ajardinada. O projeto abriga, além dos jardins, uma biblioteca, aparelhos de ginástica, quiosque-bar, área infantil, fontes de água e mobiliário urbano.

Ao contrário de projetos como o High Line Park, em Nova York, esta *rambla* elevada não foi criada a partir do reaproveitamento de uma infraestrutura

viária abandonada e dos trilhos do trem. Neste caso, a intenção foi escondê-los. Os arquitetos conseguem esse efeito por meio das mais de 160 árvores e 8.500 plantas distribuídas nos diferentes jardins ao longo da rambla.

O acesso principal se dá pela praça de Sants, próximo à estação do metrô, possibilitando uma boa acessibilidade e conexão com o resto da cidade. Esse ponto de acesso se encontra em uma cota superior ao bairro cortado pela rambla, estabelecendo uma relação elevada com o bairro, em uma posição próxima aos edifícios residenciais do entorno. Ao longo do percurso, escadas e um elevador viabilizam a conexão com as ruas e avenidas adjacentes. A rambla é uma cobertura elevada de 4 a 12 metros em relação às ruas do entorno, transformando os jardins em mirantes para a cidade. O acesso do par-





que, ao estar nivelado com a rua, transforma-se em uma praça sem maior impacto volumétrico para o lado norte. Porém, é a sua extensão que se destaca em relação ao entorno, uma vez que a diferença de nível que a estrutura assume em relação às ruas adjacentes conforma duas fachadas laterais.

A estrutura permite dois percursos lineares, um no lado sul da cobertura, bastante sombreado pela vegetação e o outro na lateral norte permanentemente iluminado. O espaço entre ambos é configurado como um eixo de equipamentos e mobiliário, dotado de uma topografia artificial densificada com árvores, grama e vegetação arbustiva, criando recintos onde o transeunte perde a sensação de estar em meio à cidade, sentindo-se imerso em um entorno mais natural e acolhedor.

A estrutura está conformada por peças pré-fabricadas em concreto organizadas em forma de viga Warren, gerando a aparência de uma ponte ferroviária. Os vãos triangulares da estrutura são cobertos com vidro para, além de isolar acusticamente o interior do exterior, permitir a visualização

do trem passando pela cidade. Ao longo da estrutura, três taludes verdes conectam a parte alta com a baixa por meio de rampas, ancorando o edifício no entorno e permitindo que a paisagem vegetal da cobertura se derrame em direção às ruas laterais. Desta forma, o próprio verde dos jardins se soma à materialidade da obra construída.



Centro Cívico La Lleialtat Santsenca



H Arquitectes



2017



Carrer d'Olzinelles, 31



Seg. a Sáb.: 10h às 22h | Dom.: fechado

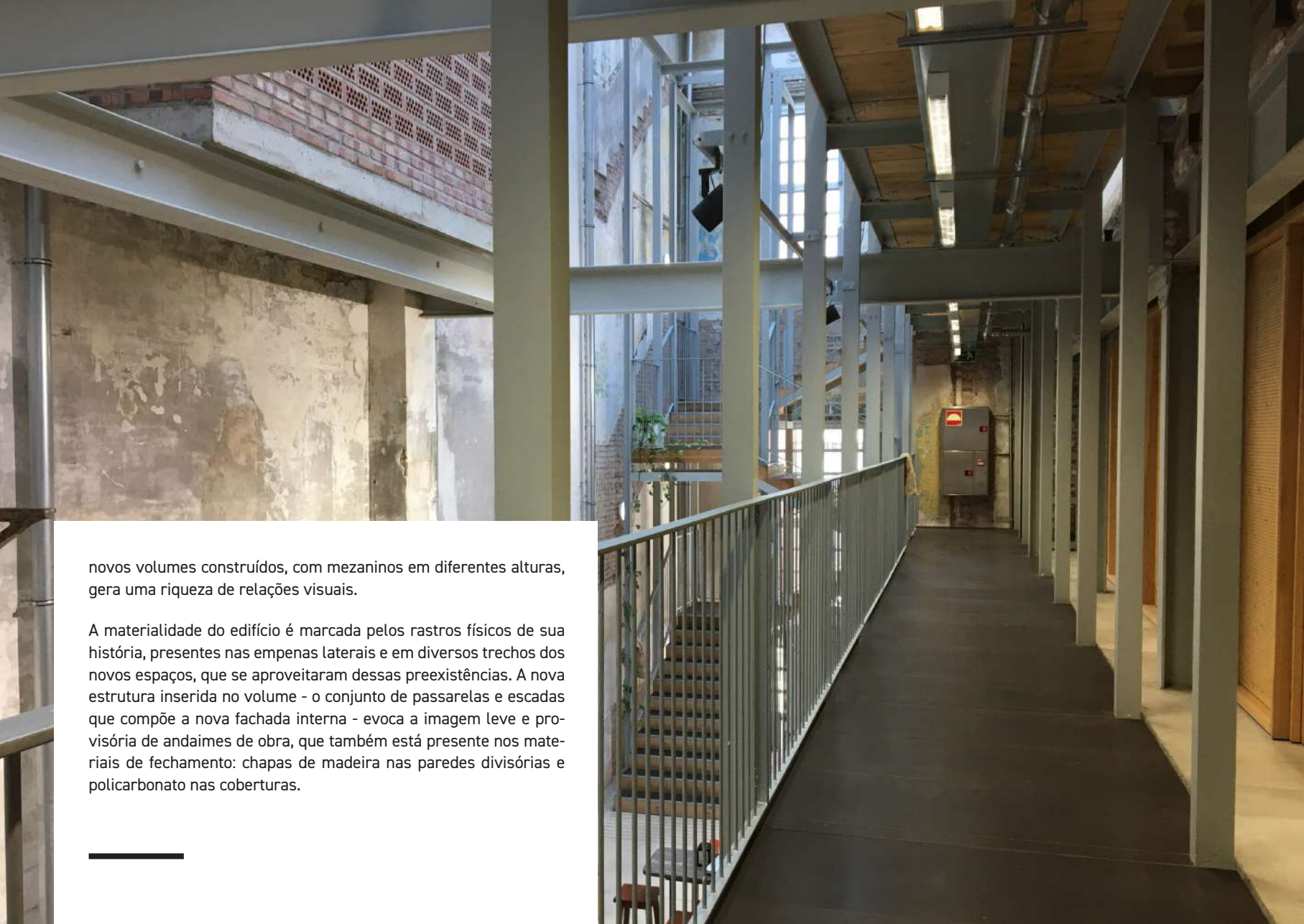


O Centro Cívico La Lleialtat Santsenca é um espaço comunitário que ocupa o imóvel de uma antiga cooperativa operária na rua Olzinelles, no denso bairro histórico de Sants. O projeto de reestruturação é do escritório H Arquitectes, vencedor do concurso realizado em 2012. A identidade do antigo bairro industrial de Sants foi formada pela existência de um forte movimento operário do qual o imóvel do centro cívico fez parte. Assim, o projeto buscou dialogar com esse contexto histórico mantendo a memória do edifício preexistente, aproveitando todo o existente útil da edificação original no novo desenho do projeto. O centro cívico oferece espaços para atividades educacionais, culturais e formativas, como salas polivalentes, auditório, sala de exposições, ateliês e centro de documentação, além de sala de jogos infantis e bar/cafeteria.

O desafio do projeto, segundo os arquitetos, foi criar boas condições de iluminação, ventilação e circulação no imóvel densamente ocupado. Para tal, a estratégia adotada foi esvaziar parte do volume edificado, criando uma rua interior que atravessa os três volumes do edifício, maximizando o pátio interno existente e criando, assim, um átrio.

A obra conta com três corpos estruturais: o primeiro conforma a esquina das ruas Olzinelles e Altafulla, abrindo-se para a rua principal; o segundo é o bloco central, com acesso pela rua Altafulla; e o terceiro é interno à quadra, sem acesso à rua, que conforma um "L" com os demais. A operação de esvaziamento longitudinal para criação do átrio foi responsável pela união dos três corpos e pela construção de uma nova fachada que se volta para essa rua interna. De certa forma, esse átrio se configura como um quarto volume interno para o edifício. Três coberturas independentes e de distintas alturas fecham todo o conjunto, cobrindo tanto as partes edificadas quanto o átrio.

A principal característica da espacialidade interna é o átrio de tripla altura, que permitiu o aparecimento de novas fachadas opostas às empenas originais. Esse vazio interno permite a entrada de luz e ventilação para todas as salas e resolve toda a circulação - tanto vertical quanto horizontal - como uma coluna vertebral. O percurso interno começa no acesso principal e desenvolve-se gradualmente, desde as partes mais públicas até as mais privadas, culminando em um pequeno pátio interno. A relação entre o vazio e os



novos volumes construídos, com mezaninos em diferentes alturas, gera uma riqueza de relações visuais.

A materialidade do edifício é marcada pelos rastros físicos de sua história, presentes nas empenas laterais e em diversos trechos dos novos espaços, que se aproveitaram dessas preexistências. A nova estrutura inserida no volume - o conjunto de passarelas e escadas que compõe a nova fachada interna - evoca a imagem leve e provisória de andaimes de obra, que também está presente nos materiais de fechamento: chapas de madeira nas paredes divisórias e policarbonato nas coberturas.



Cooperativa Habitacional La Borda



Lacol Arquitectura Cooperativa



2014-2018



Carrer de la Constitució, 85-89

A Cooperativa Habitacional La Borda é uma promoção auto-organizada de habitação coletiva cujo objetivo é promover moradia digna e não especulativa, em um processo que implica a participação dos futuros usuários no desenho, construção e utilização do edifício. Está localizada em um terreno público situado na rua Constitució, na divisa com a área industrial de Can Batlló, no bairro histórico de La Bordeta. O projeto, do escritório Lacol Arquitectura Cooperativa, de 2014, recebeu o Prêmio Ciutat de Barcelona de 2018, além de outros importantes prêmios subsequentes.

O edifício ocupa um terreno com duas fachadas, uma para a rua Constitució e outra para o interior do recinto de Can Batlló. A implantação do volume propõe a continuidade da rua Hatzenbusch, que termina na rua Constitució, por meio de uma passagem de pedestres pelo térreo, alinhada a esta rua e dotada de escala urbana, gerando permeabilidade na grande quadra industrial. O acesso ao edifício ocorre por esse espaço intermediário, caracterizado pela transição de alturas, do pé-direito simples



4

— correspondente ao pavimento térreo dos demais edifícios da rua — ao duplo. O programa está organizado de forma a estabelecer uma transição público-comum-privado, em que o térreo e o primeiro pavimento reúnem os espaços comunitários do programa.

O volume se organiza ao redor de um pátio central, um grande átrio de conexão que articula todos os espaços, tendo como referência as “corralas”, tipologia histórica de habitação popular espanhola. A volumetria é marcada por um pequeno escalonamento entre os blocos anterior e posterior, de forma que o primeiro conta com cinco pavimentos coroados por um terraço, seguindo a altura do edifício vizinho, e o segundo contém sete pavimentos. Essa solução parte da ideia de valorizar a fachada sul e seus benefícios climáticos, dispondo desse lado o maior número de unidades. Assim, o pátio interno se encontra descentralizado, permitindo apartamentos mais estreitos para a rua Constitució e mais profundos para o interior de Can Batlló.

O programa propõe 28 unidades residenciais, com variações de 40, 60 e 75 m², além de espaços comunitários, como cozinha, sala de jantar, lavanderia, espaço multiuso, espaço para hóspedes, espaço de saúde e cuidados médicos, jardins e espaços exteriores e semiexteriores, como pátio e terraços, permitindo a extensão do espaço privado para o coletivo, valorizando a vida da comunidade e do bairro.

A espacialidade interna é marcada pelo pátio central, fechado com cobertura translúcida, e por variações de pés-direitos nos espaços comuns, como a área de estar, localizada no primeiro pavimento, e o acesso ao terraço. Esse espaço comum, junto às circulações que se voltam a ele, integra de forma multissensorial a vida da comunidade. Os movimentos, sons, odores e o percurso cotidiano estimulam um senso de pertencimento.

As duas fachadas são radicalmente distintas, sendo a face para a rua Constitució mais fechada, com janelas horizontais, revestimentos translúcidos nos pavimentos comuns e opacos nos superiores, e a face oposta totalmente permeável, marcada por varandas envidraçadas dispostas em um grid.

A materialidade é caracterizada por um embasamento de blocos de concreto, que suporta o corpo do edifício, feito em estrutura de madeira laminada. A estrutura metálica aparece nas passarelas, escadas abertas e varandas externas, todas protegidas por gradis em tela metálica. Os fechamentos acontecem em policarbonato, chapas metálicas e painéis de madeira aparente ou com pintura. A fachada posterior recebe persianas catalanas na cor marrom, elemento identitário da arquitetura residencial da cidade.





Edifício Diagonal



Rafael Moneo e Manuel de Solà-Morales



1993



Av. Diagonal, 557



Seg. a Sáb.: 10h às 21h30 | Dom.: fechado

O Edifício Diagonal (L'illa Diagonal) é um híbrido de centro comercial e empresarial localizado na avenida Diagonal, principal via do Plano Cerdà, projetado pelos arquitetos Rafael Moneo e Manuel de Solà-Morales. O projeto nasce de um concurso internacional realizado em 1986 com o objetivo de urbanizar a quadra localizada entre as ruas Déu i Mata, Numància, Entença e a Diagonal, um grande vazio gerado pelo encontro entre o Plano Cerdà (quadra perimetral fechada) e a urbanização descontínua e de edifícios isolados dos anos 1960-70. A obra foi inaugurada em 1993 e recebeu o prêmio FAD de arquitetura em 1994. O programa conta com lojas, restaurantes, escritórios, centro de convenções, escolas e hotel, uma multiplicidade de usos que esteve presente no programa do edifício desde a conceituação do projeto. Em 2006, o edifício passou por uma expansão, abrindo mais lojas, um segundo hotel e um novo acesso de pedestres pela rua Deu i Mata.

A implantação do edifício teve como objetivos potencializar o novo conjunto urbano da avenida Diagonal e conectar os bairros de Les Corts e Sarriá-San



Gervasi. A estratégia dos arquitetos foi projetar uma quadra aberta, conformada por um edifício longitudinal, implantado de forma perimetral à avenida ao longo de toda a quadra, e por outros volumes menores perimetrais às demais ruas, conformando um espaço coletivo central. Esse jardim interno ou miolo de quadra funciona como um espaço livre conector entre a avenida e os bairros preexistentes, conexão reforçada pela projeção das ruas, também preexistentes, por meio do térreo do edifício, “perfurando-o” e gerando uma continuidade do traçado urbano e uma permeabilidade do fluxo de pedestres através da nova quadra.

O volume concentra o maior potencial construtivo permitido na quadra, resultando em um edifício de 334 metros de extensão com altura variável entre 30 e 60 metros. Para que não fosse percebido como uma grande massa indiferente, saliências e reentrâncias foram projetadas em pontos estratégicos das fachadas, minimizando o caráter pesado do bloco. As grandes subtrações geradas pelo encontro das ruas do entorno com o térreo do edifício definem os



acessos principais e dotam o volume de heterogeneidade, hierarquias e movimento. Elementos como proporção, escala, ritmos e distâncias receberam atenção especial dos arquitetos. O edifício foi descrito pelos autores como um “arranha-céu deitado”, cuja volumetria escalonada e tratamento das fachadas remete ao Rockefeller Center, em Nova York.



O interior do centro comercial oferece uma complexidade espacial gerada pela distinta configuração dos pavimentos, que se relacionam visualmente. A estrutura principal é composta por pilares conformando grandes vãos, em uma modulação de 7,80 x 12,0 metros e laje alveolar, armada no sentido do vão maior, e altura livre de 4,20 metros. O módulo estrutural adotado cria uma maior flexibilidade ao conjunto e aos diferentes usos e possíveis expansões.



A fachada do edifício enfatiza a separação entre embasamento e corpo, definindo um térreo de tonalidade escura (granito) que suporta a massa de revestimento branco (mármore travertino). A fachada é o principal elemento regulador do projeto, sendo ventilada por aberturas ritmadas de 200 x 240 centímetros.

Biblioteca Montserrat Abelló

🏠 Ricard Mercadé i Aurora Fernández Arquitectes

📅 2018

📍 Carrer dels Comtes de Bell-Lloc, 192-200

A Biblioteca Montserrat Abelló ocupa e reabilita três edifícios da antiga fábrica Benet i Campab, que se encontravam em estado de degradação. O desafio do projeto foi transformar o antigo edifício fabril hermético em um espaço aberto e convidativo, compatível com um equipamento público.

O edifício, composto por *sheds* voltados à orientação norte e pé direito alto, mostrou-se adequado ao uso da biblioteca. Uma das intervenções mais importantes feitas pelos arquitetos no edifício existente foi a abertura da grande esquadria na face norte, que permite a relação do salão principal com a rua, em uma cota mais alta, além da entrada abundante de luz. O espaço conta ainda com um mezanino, que ocupa toda a largura do salão, além de mais dois pavimentos localizados no edifício anexo, todos integrados visualmente entre si.



Centro Cívico Cristalleries Planell

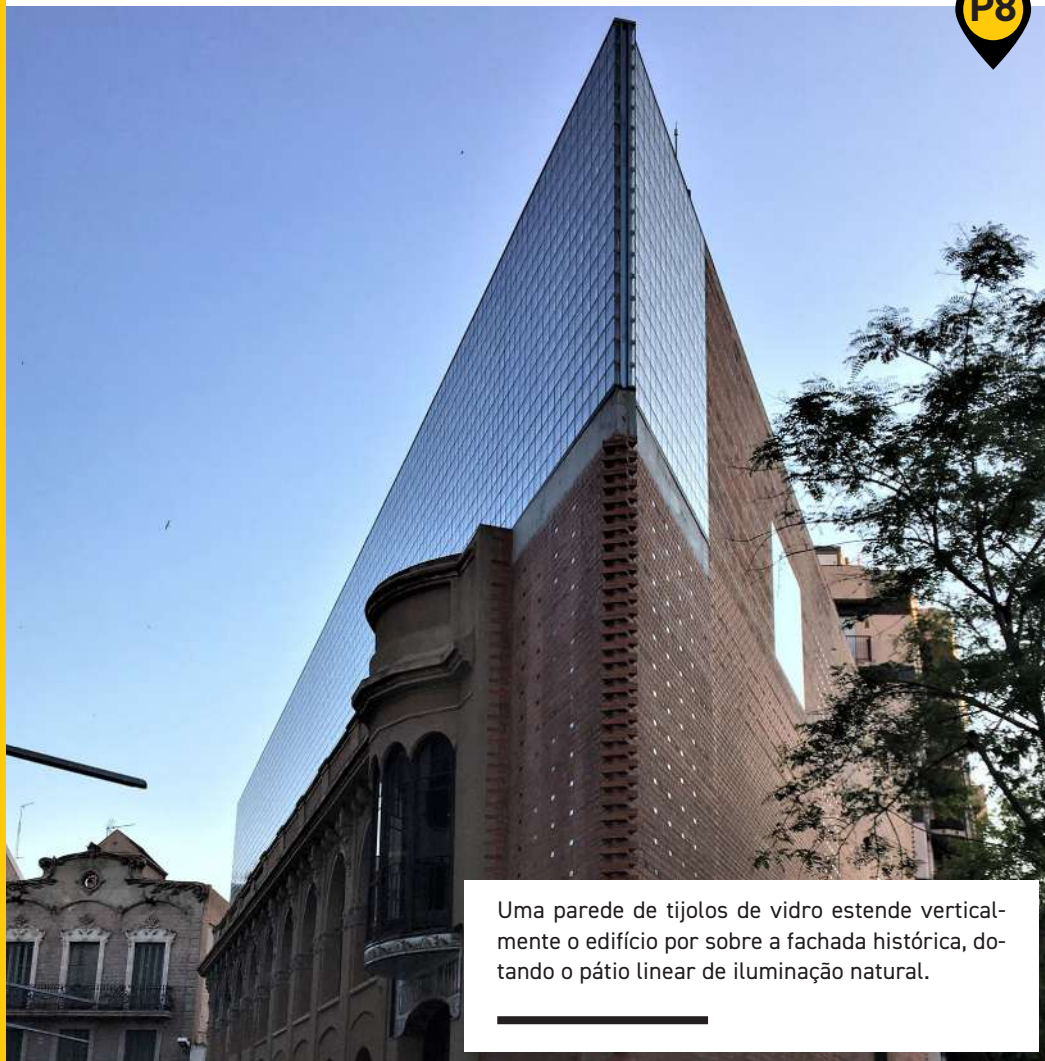
 H Arquitectes

 2016

 Carrer del Dr. Ibáñez, 38

Centro Cívico Cristalleries Planell é um equipamento público que ocupa um imóvel triangular, cujas duas das três fachadas são protegidas, pertencentes à antiga Cristalería Planell, de 1913.

O ponto de partida do projeto foi a fachada histórica, encarada como uma espécie de brise para o novo edifício, construído de forma recuada em relação a essa fachada, gerando um pátio linear e estreito entre eles. Na extremidade oposta, um pátio triangular marca o acesso e corta verticalmente toda a construção. Assim, o edifício de quatro pavimentos resulta em uma repetição de plantas trapezoidais inseridas em um perímetro triangular, com pequenos pátios nos dois lados opostos. A cobertura, na forma de quatro chaminés, auxilia no conforto térmico das colunas de atividades. As novas fachadas são de tijolos cerâmicos, integrando-se com ousadia à fachada patrimonial.



Uma parede de tijolos de vidro estende verticalmente o edifício por sobre a fachada histórica, dotando o pátio linear de iluminação natural.

Edifício Coderch ETSAB/UPC

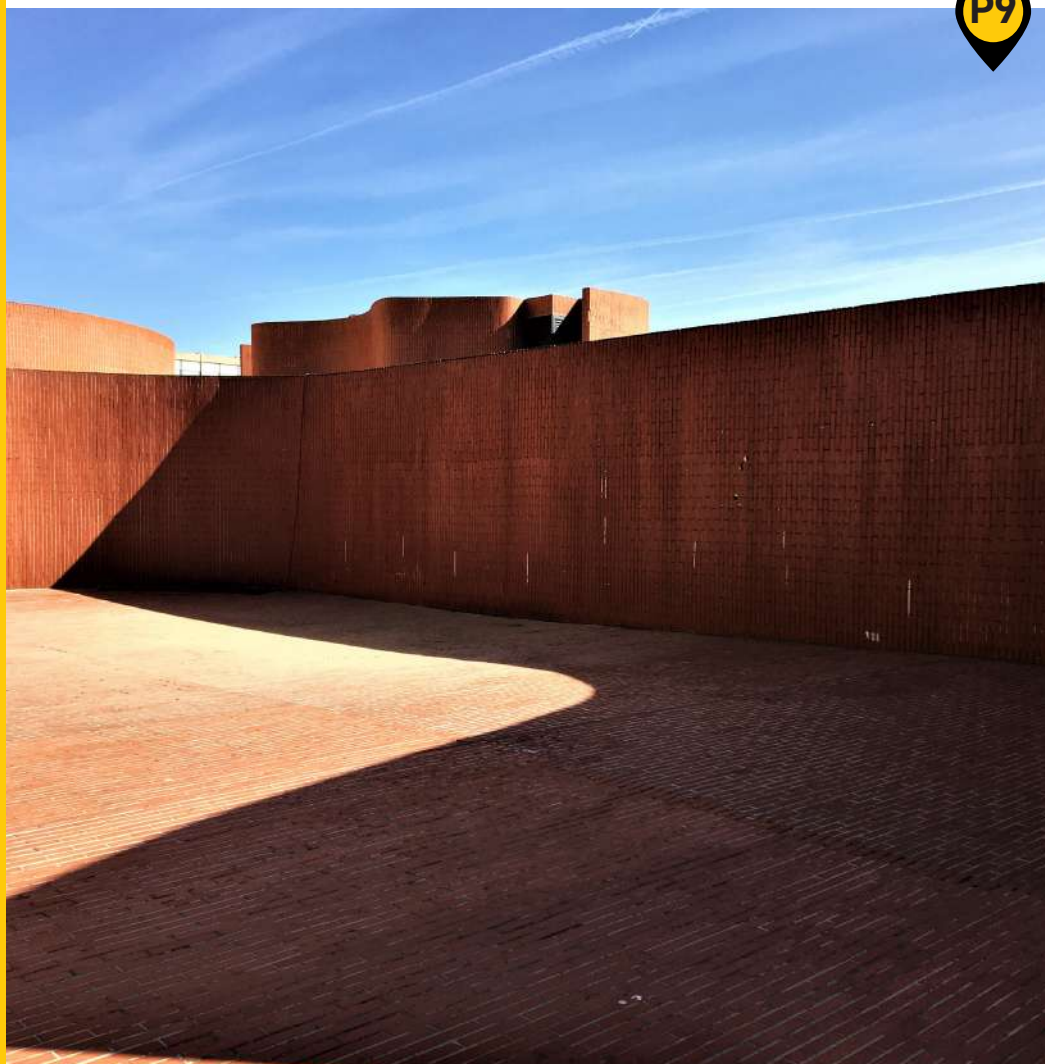
 José Antonio Coderch de Sentmenat

 1985

 Av. Diagonal, 649

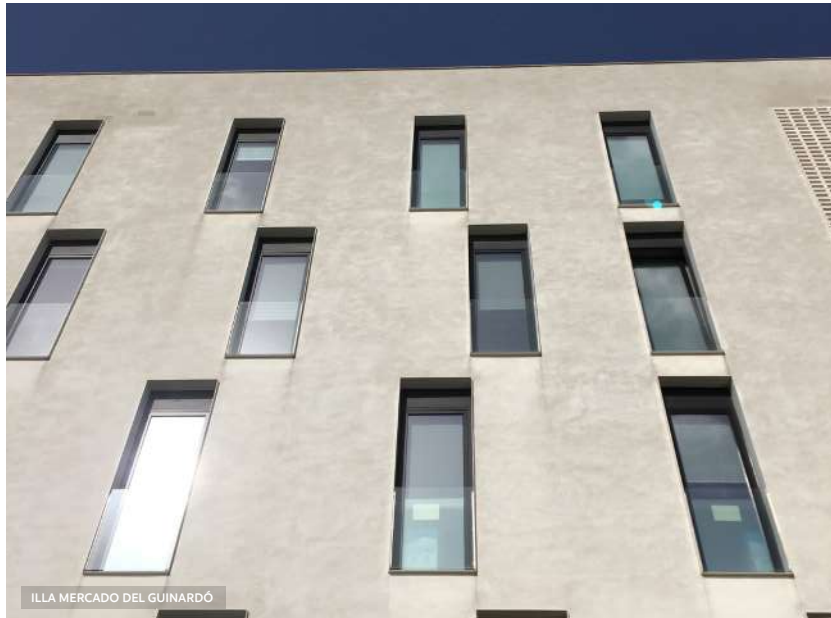
O Edifício Coderch da Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, da Universidad Politécnica de Cataluña (ETSAB/UPC) é uma ampliação do edifício principal, construído em 1985, que consiste na extensão do térreo e na criação dos subsolos para abrigar as salas de aulas teóricas e auditórios.

O edifício se materializa como uma grande plataforma de tijolos cerâmicos, que envolve a lâmina preexistente, vencendo a topografia e aflorando na rua posterior na forma de um edifício de dois pavimentos. Um terraço delimitado por planos sinuosos de tijolos funciona como o pátio da escola, conectado ao térreo do edifício antigo, que também recebe uma torre de circulação vertical acoplada em sua fachada posterior, criando um marco visual no conjunto. As fenestração das salas de aula são características importantes do edifício-plataforma, marcadas pelo corte vertical dos planos curvos, criando uma entrada de luz pelas extremidades.



DIA 7

FORT PIENC, EIXAMPLE E GUINARDÓ

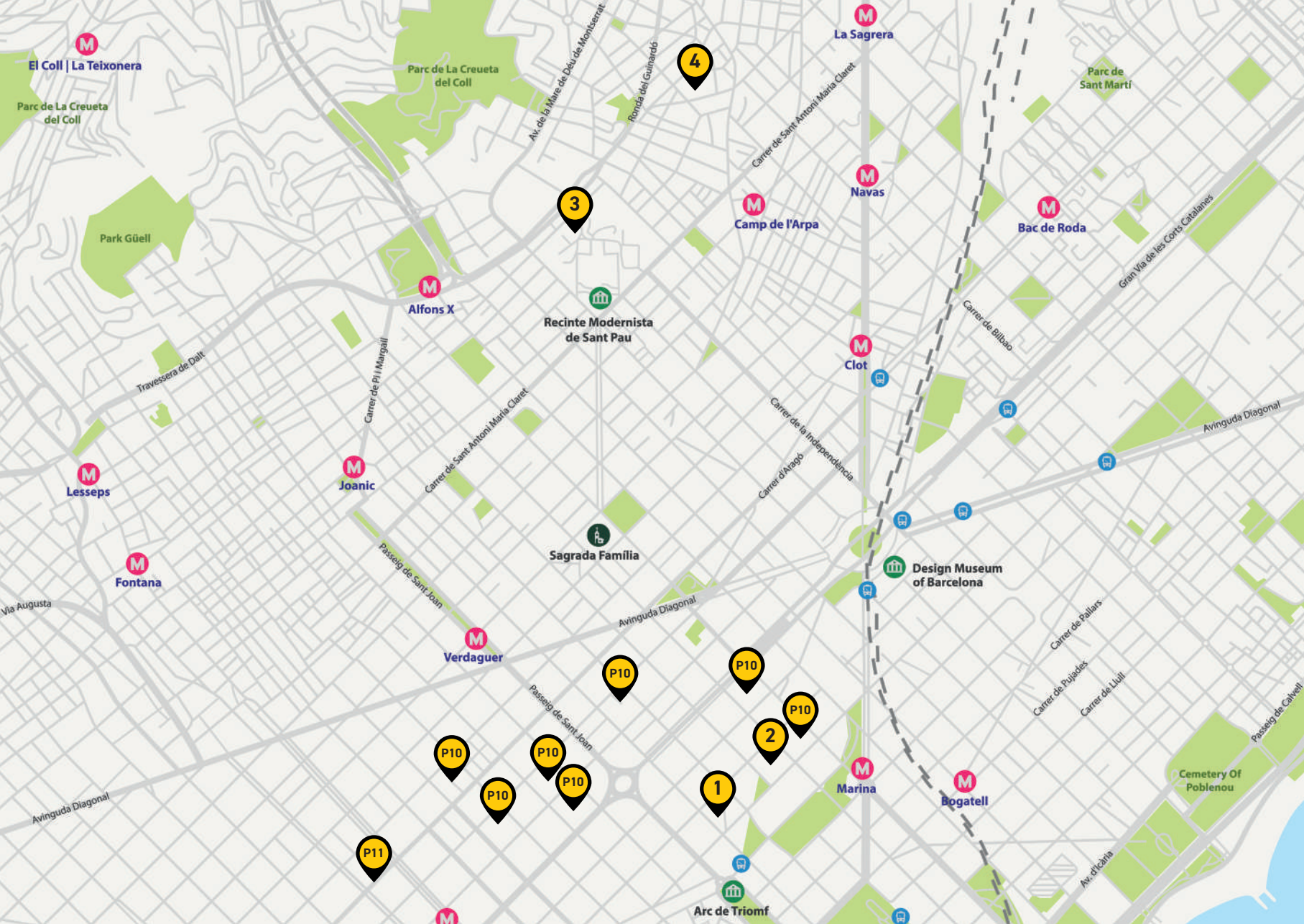


ROTEIRO ARQUITETÔNICO

- 1 Centro de Serviços Sociais
- 2 Illa Fort Pienc
- 3 Centro Kávida Sant Pau
- 4 Illa Mercado del Guinardó
- P10 Patios de Manzana del Ensanche
- P11 Fundación Antoni Tàpies

PONTOS DE INTERESSE

- Casa Batlló
 - Paseo de Gracia
 - Rambla de Catalunya
 - Sagrada Família
 - Avenida Gaudí
 - Hospital de la Santa Creu i Sant Pau
-



4

3

2

1

P10

P10

P10

P10

P10

P10

P10

P11

El Coll | La Teixonera

Parc de La Creueta del Coll

Park Güell

Parc de La Creueta del Coll

Parc de Sant Martí

Alfons X

Recinte Modernista de Sant Pau

Camp de l'Arpa

Bac de Roda

Lesseps

Joanic

Sagrada Família

Clot

Marina

Design Museum of Barcelona

Fontana

Verdaguer

Bogatell

Arc de Triomf

Cemetery Of Poblenou

La Sagrera

Navas

Bac de Roda

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

Travessera de Dalt

Carrer de PI Margall

Carrer de Sant Antoni Maria Claret

Carrer de la Independència

Carrer de Bilbao

Gran Via de les Corts Catalanes

Via Augusta

Passeig de Sant Joan

Avinguda Diagonal

Avinguda Diagonal

Avinguda Diagonal

Passeig de Sant Joan

Carrer de Pallars

Carrer de Tujades

Carrer de Lluís

Passeig de Cavall

Av. de la Mare de Déu de Montserrat

Ronda del Guinardó

Carrer de Sant Antoni Maria Claret

Av. d'Ibàrra



FONTE: GOOGLE EARTH

Centro de Serviços Sociais



Carlos Ferrater e Lucía Ferrater - OAB



2003



Carretera Antiga Horta Cerdanyola, 7



O Centro de Serviços Sociais está localizado nos bairros de Direita do Eixample e Fort Pienc, compondo a rede de equipamentos públicos da cidade, de onde se disponibiliza informação, orientação e atenção para tratar dos problemas sociais que afetam pessoas e famílias. Trata-se de um edifício de 400 m² construído no interior de uma quadra do plano Cerdá, no âmbito do programa de Jardins Internos de Quadra da Prefeitura de Barcelona. O projeto recupera o traçado da antiga Carretera de Horta, que atravessa a quadra diagonalmente, conectando as ruas d'Ali Bei e d'Ausiàs March.

O edifício está implantado na face noroeste do jardim, posicionado contra o muro posterior de um dos edifícios da quadra, abrindo fachada para o interior da mesma. Implantou-se ligeiramente elevado da cota do jardim, sendo acessado por uma rampa que atravessa sua área permeável. A fachada principal está orientada para o sudeste, permitindo a conexão visual com a rua d'Ali Bei, onde se localiza o acesso sul do jardim.

O traçado sinuoso da antiga Carretera de Horta corta faixas de diferentes pavimentos, permeabilidades e usos, sendo reforçado pela arborização disposta em uma linha diagonal que une os dois acessos. Completam a intervenção novos edifícios residenciais, que fecham a quadra e abrem fachadas posteriores para o espaço.

A volumetria do edifício é composta por um prisma principal de um pavimento, com pátio interno cuja parte central é fechada por uma cobertura elevada, possibilitando entradas de luz, e cujas extremidades são descobertas, criando dois pátios contidos no volume. Há um outro volume menor encaixado no volume principal, criando a fachada do edifício e resultando em uma volumetria de diferentes alturas, que permitem que a luz incida zenitalmente nos espaços internos. Os pátios nas extremidades também proporcionam iluminação e ventilação natural, contrastando com o volume maciço exterior.

O edifício possui poucas aberturas para o exterior, resumindo-se ao painel translúcido da fachada principal, os rasgos dos pátios laterais e o lanternim do pátio central. Sua posição no pátio interno da quadra deixa livre a circulação pela diagonal entre os dois acessos, sem interromper os fluxos nem

as permeâncias, potencializando, assim, o espaço público e sua condição de praça, porém, com uma marcante presença, equilibrando sua função social como edifício e a condição pública do pátio em que está inserido.

O conjunto resulta em um edifício maciço, fechado ao exterior e aberto ao interior. Essa característica é reforçada pela materialidade: paredes de concreto aparente, vidros e claraboia nos pátios, fachada principal dupla de alumínio perfurado e vidro e cobertura metálica, criando uma quinta fachada que pode ser vista por todos os edifícios da quadra.





Illa Fort Pienc



Josep Llinás



2003



Plaça Fort Pienc, 4

A Illa Fort Pienc é um conjunto de equipamentos públicos localizado entre as ruas Sicília, Sardanya, Ali-Bei e Ausiàs March, quadra que possui uma geometria atípica em relação ao Eixample, resultado da sua divisão em duas partes desiguais pela rua Ribes, que a corta na diagonal. O conjunto possui um programa variado, incluindo centro cívico, biblioteca, creche, escola primária, mercado, residência de estudantes e residência de idosos.

O complexo é um notável exemplo de reconfiguração de quadra urbana. Devido à irregularidade da quadra, no exercício de implantação, segundo Llinás, foi necessário um grau de “violência” na proposta para estabelecer relações comuns entre geometrias, tipos edificadas e usos heterogêneos. O critério utilizado para implantação foi o de subordinar todas as edificações à rua Ribes, que se amplia no trecho central para gerar uma praça, um espaço de transição que surge da dilatação da rua Ribes, local predominantemente de pedestres, com acesso de automóveis limitado a veículos que dão su-

porte ao programa. O edifício que faz a esquina entre as ruas Sardanya e Ausiàs March foi o responsável por costurar a nova geometria ao traçado original do Eixample, construindo um chanfro ligeiramente reinterpretado. O conjunto contém acessos para duas ruas, Ribes e Ali-Bei, sendo o mercado o articulador entre essas ruas, podendo ser atravessado no térreo. As demais unidades do conjunto contam com acessos independentes, todos pela rua Ribes, cada qual com sua área de transição bem marcada.

O conjunto resulta em um complexo e imbricado jogo volumétrico, em que os edifícios se entrelaçam, articulando-se por meio de subtrações volumétricas, não deixando claros os limites entre os usos. O edifício da esquina é o único que mantém certa individualidade, uma vez que acompanha a volumetria dos edifícios existentes na rua Sardanya, embora se solte e ganhe uma volumetria mais livre na esquina e na fachada da praça. Assim, o espaço



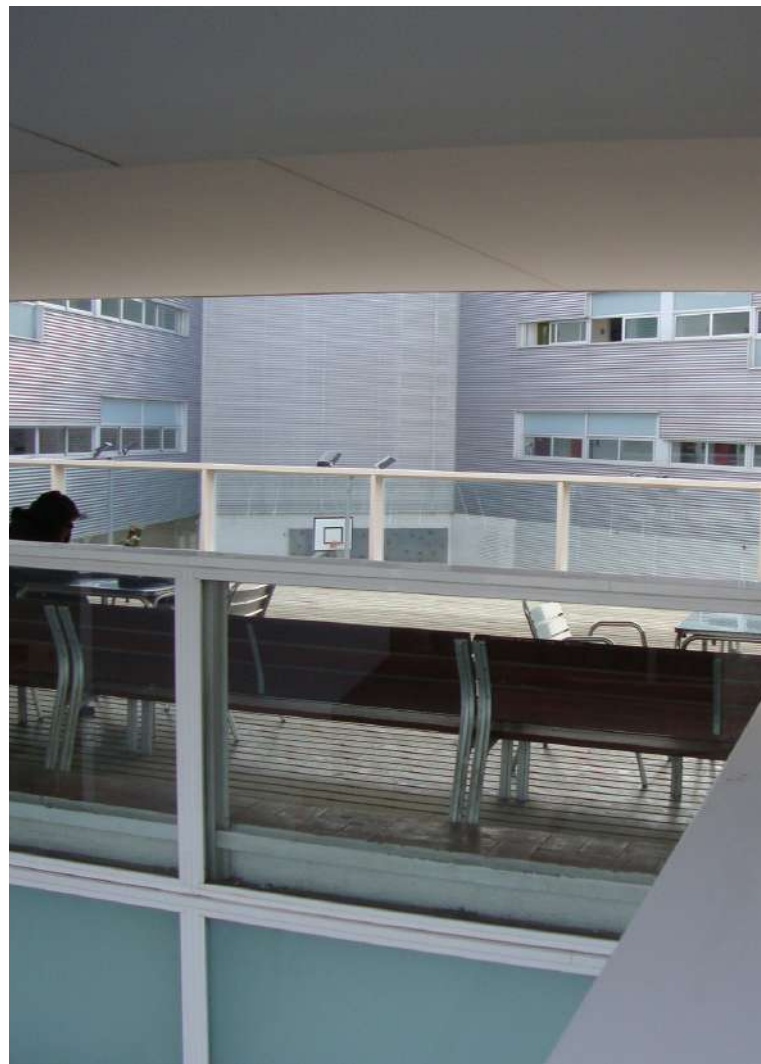


não edificado, o vazio presente tanto entre os volumes construídos quanto na rua e nos espaços públicos circundantes, cria uma atmosfera de ambiente coletivo de qualidade para o bairro.

Internamente cada edifício constrói uma espacialidade adequada à sua finalidade. Os edifícios de uso público ou coletivo oferecem espaços intermediários, como terraços e varandas, em diferentes pavimentos, além de pés direitos altos e iluminação zenital, percebidos também do exterior, criando uma permeabilidade e conexão visual positiva e integradora.

A materialidade do conjunto se expressa na solidez dos volumes e nas poucas aberturas rasgadas nas fachadas. Os volumes articulados criam uma leitura descontínua de embasamento e de corpo, representada, respectivamente, pelo revestimento de pedra e pelas paredes brancas.





Centro Kálida Sant Pau



Benedetta Tagliabue - EMBT



2019



Hospital Sant Pau, Carrer de Sant Antoni Maria Claret, 167



Seg. a Sáb.: 10h às 21h30 | Dom.: fechado



O Centro Kálida Sant Pau é um espaço destinado à acolhida de pacientes em tratamento contra o câncer, de suas famílias e de amigos. A necessidade de apoio psicológico, emocional e afetivo dos pacientes é a inspiração desse centro, que oferece suas instalações e seus serviços de forma gratuita. O espaço pode ser entendido como uma casa aberta, característica percebida na totalidade de seus cômodos e das áreas externas. Está localizado dentro do recinto modernista do Hospital Santa Creu i Sant Pau, posicionado de forma adjacente ao novo edifício do hospital, que oferece os atendimentos diários. Mesmo fazendo parte do recinto hospitalar, o Centro Kálida está localizado, orientado e organizado de forma a criar um ambiente próprio.

O centro se implanta de forma isolada em um espaço aberto, mediando o hospital antigo e o novo, conformado por um pequeno edifício de 400 m² e uma área de jardim, espaços que se relacionam de forma direta. Essa integração contribui ao conforto dos usuários por meio de um ambiente bem iluminado e ventilado, oferecendo intimidade e a sensação de acolhimento.

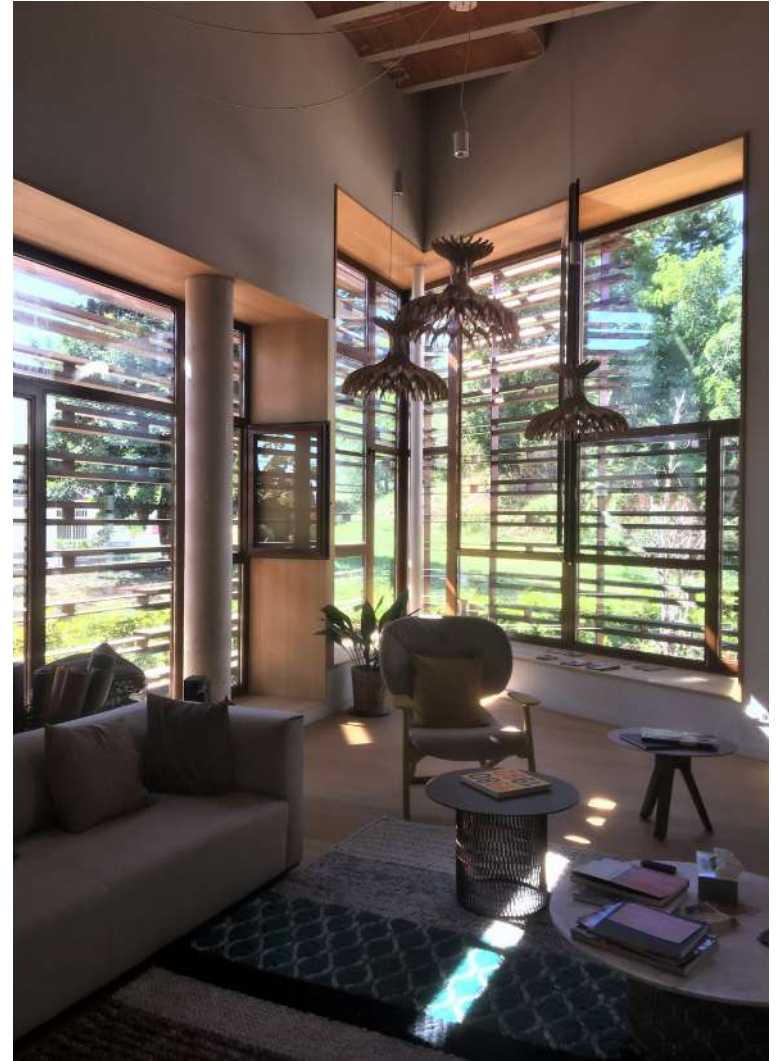
Localizado em uma cota inferior à rua, o acesso principal ocorre por meio de uma rampa/calçada, que atravessa os jardins e as áreas de convívio externas, descendo do nível principal do terreno até o térreo da casa. As áreas externas são protegidas por muros, por pérgolas e por vegetação, circundando de verde o edifício e oferecendo um lugar para o desenvolvimento de atividades artesanais, reuniões ao ar livre, ateliês, entre outras.

O edifício se caracteriza por volumes irregulares superpostos e articulados, conformando dois pavimentos. No pavimento inferior, encontram-se o hall de entrada, a cozinha, a sala de refeições, uma pequena biblioteca e uma sala multiuso, todos integrados entre si e conectados aos pátios e jardins, que funcionam como um filtro visual, fazendo desaparecer o entorno hospitalar e, ao mesmo tempo, criando intimidade à casa e a seus pátios. No nível superior, as áreas de estar se organizam ao redor do espaço central de pé direito duplo da sala de refeições, potencializando a sensação de integração dos espaços internos.

Os encontros dos volumes são tratados com diferentes graus de permeabilidade em função da orientação e do programa. A fachada sul, orientada aos edifícios modernos do antigo hospital, é dotada de maior permeabilidade, sem, contudo, perder a intimidade. Para esse propósito, são utilizadas persianas de madeira e tramas de tijolos, que também são usados nas fachadas do edifício, ganhando cores e texturas em alguns pontos. Em outros trechos, essa configuração se transforma em um cobogó, que funciona como filtro de luz e das vistas, além de fornecer ventilação direta. Na cobertura, também são utilizados elementos cerâmicos coloridos.

Todos esses recursos materiais, cromáticos, geométricos e paisagísticos têm como referência o recinto modernista que abriga o Centro Kálda, permitindo estabelecer uma conexão sutil com o entorno construído, ressaltando a presença do histórico hospital da Santa Creu i Sant Pau.





Illa Mercado del Guinardó



Bayona | Valero e Cantallops Vicente Arquitectes



2008-2015



Ptge. Llívia, 30



Seg. a Sáb.: 8h às 14h30 | Qui.: 17h às 20h
Sex.: 16h30 às 20h | Dom.: fechado

A Illa Mercado del Guinardó é uma intervenção urbana e arquitetônica de reconfiguração de uma quadra conformada pela passagem Llívia e pelas ruas Teodor Llorente, Obit, Valls e Garrotxa. O objetivo foi concentrar equipamentos públicos de forma a gerar uma nova centralidade para o bairro de Guinardó. O programa combina o mercado a outros usos como comércio, centro de saúde, residência de idosos, creche, centro de jovens e estacionamento subterrâneo, totalizando 20 mil m² articulados em torno de três novos espaços livres. O projeto é de autoria dos escritórios Bayona Valero e Cantallops Vicente Arquitectes, inaugurado em 2015.

A nova configuração foi permitida pela demolição do antigo mercado e de uma série de imóveis localizados na quadra, restando somente os edifícios que se abrem para a rua Valls, além da torre do velho mercado, conservada no novo projeto, por sua singularidade, como área administrativa e mirante. A proposta teve como ponto de partida o espaço público, articulando três



4

novos espaços de naturezas distintas: uma praça, uma pequena esplanada seca e um jardim interno arborizado. A definição desses três “vazios” dá origem aos cheios, gerando uma volumetria contínua que completa a quadra. Há ainda um quarto espaço livre, que surge da inflexão da edificação voltada para a rua Garrotxa, criando um largo que amplia a largura dessa via. A quadra está implantada em terreno de considerável declive, resultando em diferentes platôs nos três espaços livres.

A praça é conformada pelo volume do mercado, que conta com três acessos a partir deste nível, sendo que um deles recupera o acesso original pelo vestíbulo da torre preexistente, localizada na esquina da passagem Llívia com a rua Obit. Há ainda outro acesso, localizado na esplanada que se abre para a rua Teodor Llorente, situada em nível inferior, que conecta esse espaço livre ao mercado por meio de escadas rolantes e de elevadores. A esplanada ainda permite o acesso ao estacionamento, aos demais equipamentos e

ao jardim interno por uma passagem, que atravessa o térreo do volume do mercado. O jardim interno é o espaço livre que separa o novo conjunto das edificações preexistentes da quadra.

A volumetria do conjunto é fragmentada e adapta-se à topografia, serpenteando, completando a quadra e integrando-se ao tecido e à escala do bairro. Não é possível identificar nitidamente onde termina um edifício do programa e começa o outro. Houve a preocupação em se manter uma linguagem comum de conjunto, sem, contudo, deixar de dotar os equipamentos de certa identidade.

Dessa forma, o edifício do mercado é caracterizado pelo embasamento cerâmico de cor escura, suportando um corpo branco marcado pelo ritmo das esquadrias, ora alinhadas e ora desencontradas, interrompido por rasgos com brises de madeira. O edifício residencial dá seguimento ao embasamento marcado, porém, com corpo de coloração amarelada. Alguns elementos de cor aparecem em locais estratégicos, como no volume da creche. A torre restaurada tem forma austera e recebe pintura branca.

Os espaços livres são tratados com jardineiras de formas sinuosas, pequenos desníveis e diferenças nos tons de pavimentação, criando distintos lugares, de acordo com as ruas confrontantes. O conjunto se constitui como um lugar cívico de sociabilidade, mesclando serviços, lazer e habitação, fortalecendo, assim, o sentido de vizinhança do bairro.





Patios de Manzana del Ensanche

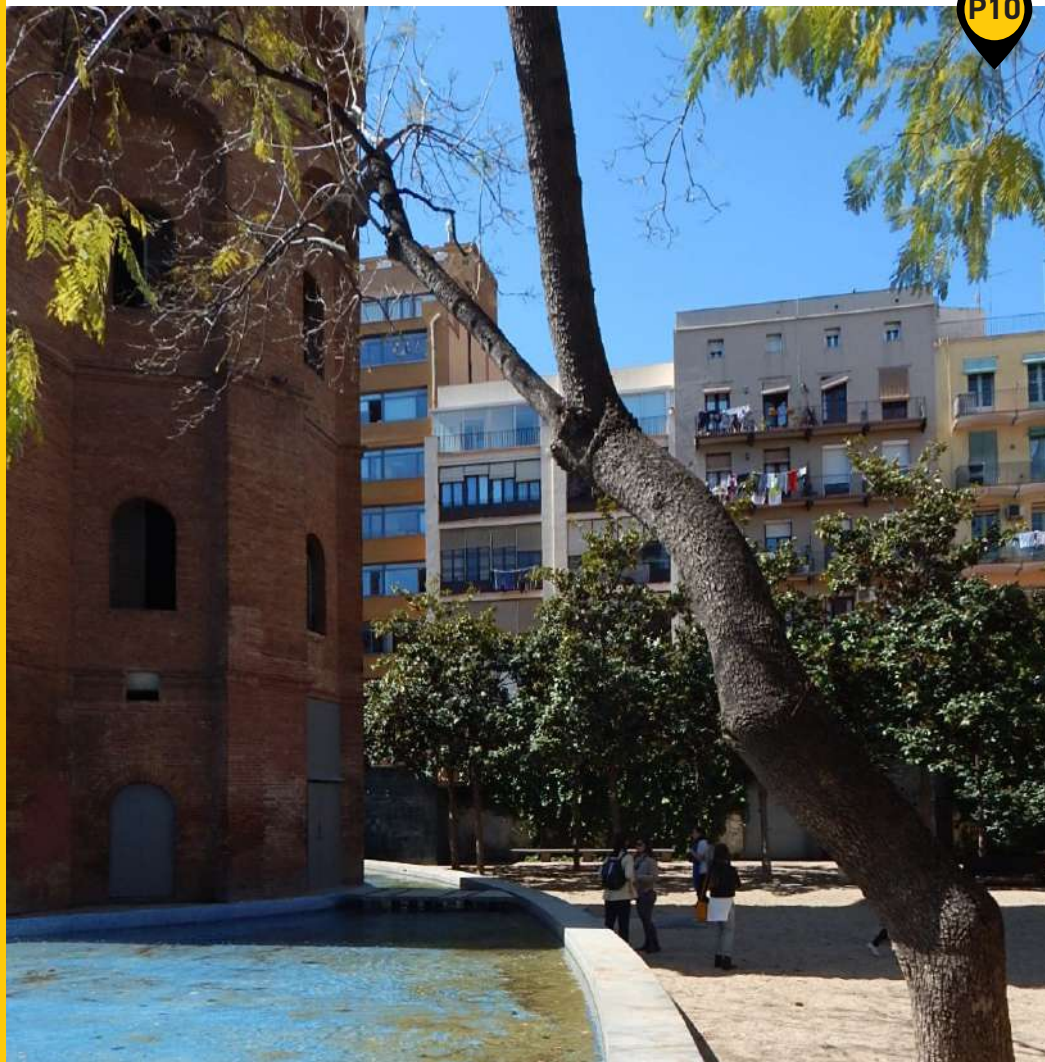
📍 Carrer de Roger de Llúria, 56

🕒 Seg. a Dom.: 10h às 19h

🌐 <https://ajuntament.barcelona.cat/eixample/ca/coneixe-el-districte/interiors-dilla>

Com as reformulações sofridas pelas quadras do Ensanche, ao longo da implementação do plano nos séculos XIX e XX, os edifícios, que na proposta original de Cerdá delimitavam duas ou três de suas faces, consolidaram-se em todo o perímetro da quadra, convertendo os jardins originais do plano em pátios internos, delimitados pelos fundos das edificações.

A partir da década de 1980, por conta dos altos graus de contaminação do ar e da consequente necessidade de maior número de áreas verdes, a Prefeitura inicia a conversão desses pátios inacessíveis em jardins públicos, dando origem ao programa de Patios de Manzana del Ensanche. A proposta é que cada cidadão tenha um espaço livre público de qualidade a 200 metros de sua casa. Hoje a cidade conta com aproximadamente cinquenta jardins internos, distribuídos por toda a trama do Ensanche.



Fundación Antoni Tàpies

 Abalos+Sentkiewicz arquitectos

 2009

 Carrer d'Aragó, 255

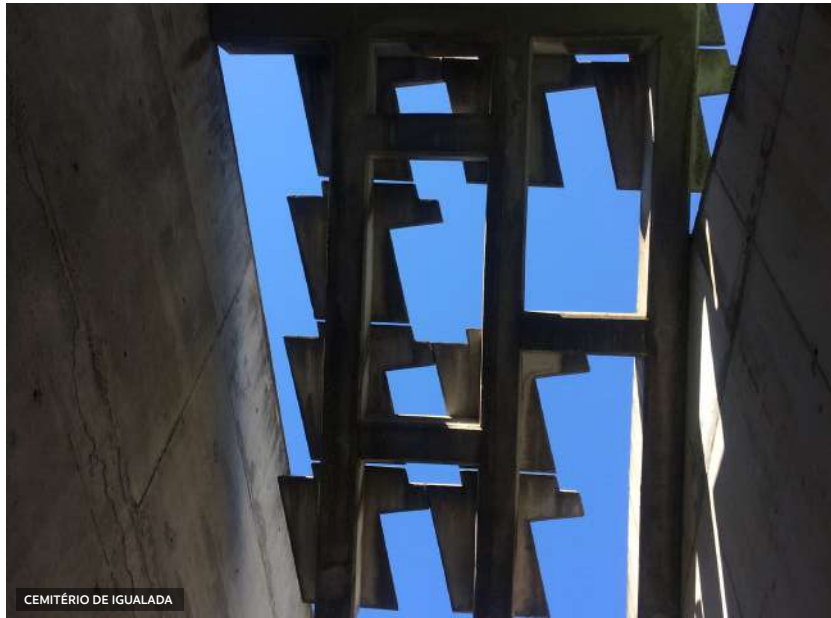
Este projeto consistiu na remodelação da Fundació Antoni Tàpies, edifício de Lluís Domènech i Montaner, construído entre 1881 e 1884, de forma a expandir as áreas expositivas e a adaptar os espaços às novas necessidades de um equipamento coletivo. Além da reforma, a expansão contou com a construção de um novo pavilhão nos fundos do imóvel, de forma a abrigar as áreas administrativas, coroado por um terraço na cobertura, que estabelece um diálogo com o pátio interior de quadra do Ensanche.

A reforma buscou a neutralidade dos materiais e a abundante entrada de luz natural, procurando valorizar a estrutura existente e a presença da biblioteca, localizada no coração do edifício.



DIA 8

ARREDORES



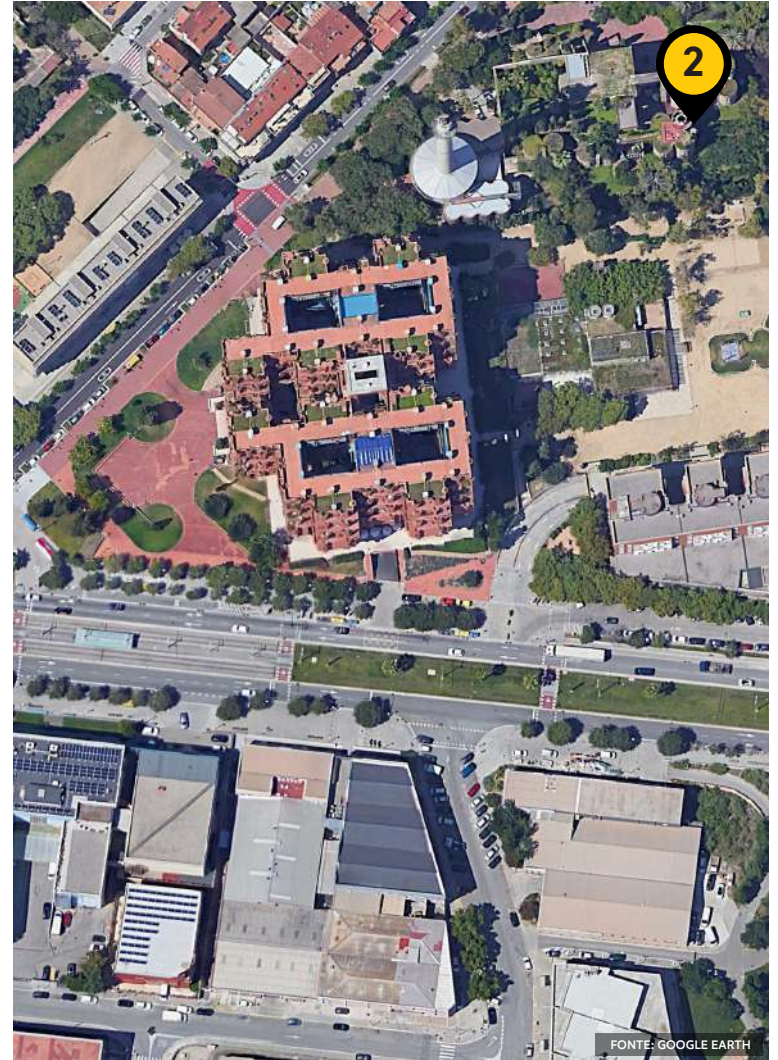
CEMITÉRIO DE IGUALADA

ROTEIRO ARQUITETÔNICO

- 1 Cemitério de Igualada
- 2 Walden 7
- P12 Residencial Fabra i Coats
- P13 Casernes de Sant Andreu

PONTOS DE INTERESSE

Parc Guell





FONTE: GOOGLE EARTH



FONTE: GOOGLE EARTH

Cemitério de Igualada



Enric Miralles e Carme Pinós



1994



Carrer del Països Baixos, 23, Igualada



O projeto do Cemitério de Igualada, dos arquitetos Enric Miralles e Carme Pinós, nasce com a intenção de criar um espaço não só para os que descansam mas também para as famílias que os visitam, gerando uma atmosfera de acolhimento e tranquilidade. Está localizado na rua dos Països Baixos, na cidade de Igualada, a 65 km ao noroeste de Barcelona, inaugurado em 1994.

Incrustado nas montanhas da Catalunha, o cemitério se integra na paisagem natural como uma topografia que segue o movimento de terra original, fundindo-se com o entorno preexistente. O gesto projetual formalizou a configuração natural do vale, determinando um eixo de penetração que configura um caminho e uma espécie de clareira. O ponto de acesso distribui o visitante entre a capela à esquerda, um espaço coberto que dá continuidade à topografia, e o caminho à direita. O eixo de acesso assume dois diferentes níveis, que vão se conformando por paredes e mausoléus que conduzem o visitante até alcançar a clareira, também organizada em dois níveis distintos, gerando uma reclusão em que o céu surge como protagonista.

A volumetria do cemitério surge como consequência do tratamento topográfico, em que a interioridade natural do vale é reforçada pelos elementos arquitetônicos. São estes que, em vários trechos, criam a possibilidade de estar dentro, cobertos, como, por exemplo, a capela e as escadas de conexão entre os níveis, que sempre acompanham as curvas e a topografia natural. Assim, a volumetria, mais do que uma adição de elementos, destaca-se por uma subtração de matéria, uma consolidação do existente.

Desde o acesso principal, seguindo o caminho que desce até a zona principal de sepultamento, os elementos artificiais começam a sobrepor-se aos elementos naturais que conformam o cemitério, porém, sempre em diálogo com a topografia, que define a espacialidade, revestida pelos gabiões, mausoléus e lápides. A experiência de percorrer o cemitério é como a de uma procissão. O caminho que segue o fundo do vale está apoiado no conceito do "rio da vida", criando um movimento entre uma ampla extensão aberta e mais elevada até alcançar um espaço memorial mais isolado, de reclusão, escavado sob a linha do horizonte.

A capela, localizada no nível do acesso, permanece inacabada. No entanto, essa ambiência do inacabado é uma particularidade que caracteriza o lugar, contribuindo para uma atmosfera em que a presença da natureza penetra pelas claraboias e vãos. É um espaço de concreto amplo e aberto, de conformação maciça, que abriga solidão e serenidade.

A materialidade utilizada faz referência às montanhas da Catalunha a partir de suas cores e texturas, dando continuidade e fluidez a essa paisagem natural. Os materiais terrosos de concreto, pedra e madeira conectam o lugar com a paisagem: os muros de gabião, o concreto envelhecido e os dormentes de madeira incrustados nos muros de pedra e no solo remetem à paisagem áspera da montanha.







Walden 7



Ricardo Bofill e Anna Bofill - Taller d'Arquitectura



1975



Carretera Reial, Sant Just Desvern

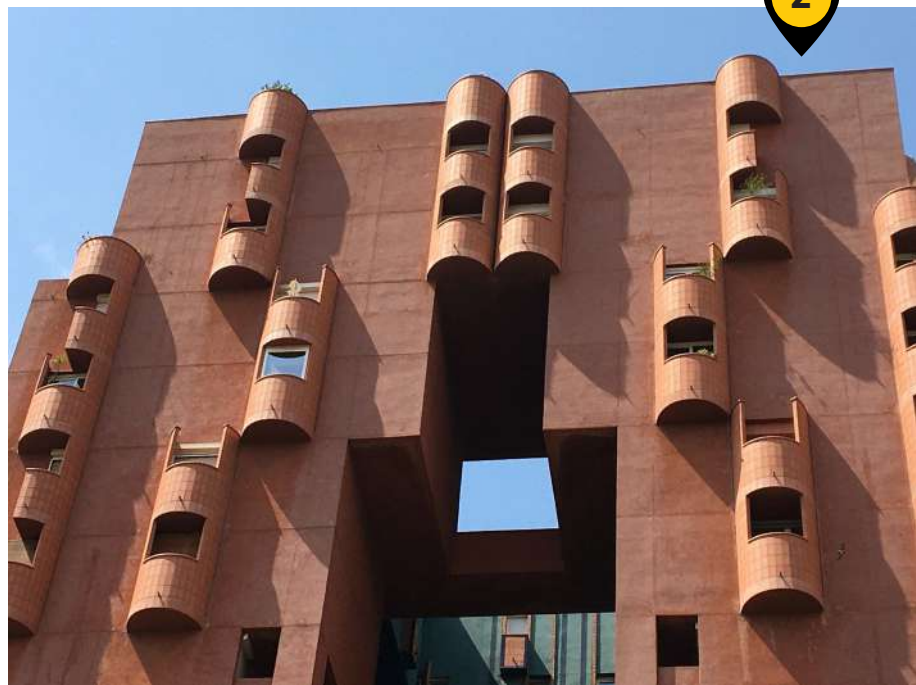
Walden 7 é um conjunto residencial de alta densidade localizado na cidade de Sant Just Dervern, área metropolitana de Barcelona, concebido por Ricardo Bofill, Anna Bofill e a equipe do Taller d'Arquitectura. Surge da reflexão sobre novas alternativas de habitação social como opção ao bloco racionalista, reproduzido mundialmente há décadas em todo o mundo como única solução viável para o problema da moradia. Trata-se de um bairro vertical, composto por 400 apartamentos onde vivem mais de mil pessoas. Além de comércio e serviços no térreo, há espaços comuns, como salas de jogos e de reunião no primeiro pavimento, duas piscinas na cobertura e o estacionamento no subsolo. O edifício sofreu uma grande reabilitação em 1993 devido a problemas na qualidade dos materiais empregados e da obra executada.

O projeto original compreendia a ocupação de quase toda a grande quadra triangular, no entanto, somente a fase 1 foi construída, concentrada em um bloco em sua extremidade oeste. Assim, o edifício se implanta de forma iso-

lada e ligeiramente oblíquo em relação às duas vias que conformam essa esquina. A implantação cria uma praça de acesso na esquina, com pequeno desnível em relação à rua, cercado por bancos contínuos e com pavimentação mesclando o permeável e o impermeável.

O bloco consiste na conjugação de 18 torres agrupadas em torno de seis pátios internos, sendo acessado em dois pontos opostos, um na esquina principal e outro no interior da quadra. Os pátios de acesso, localizados no centro do conjunto, são espaços de transição entre a rua, as áreas coletivas e as privadas, distribuindo o fluxo para os pátios localizados nas duas laterais e para as torres de circulação vertical, que contam com oito elevadores e 16 escadas. O térreo é composto por espaços comerciais e serviços em todo o perímetro, servidos por uma calçada que os acessa em nível.

2



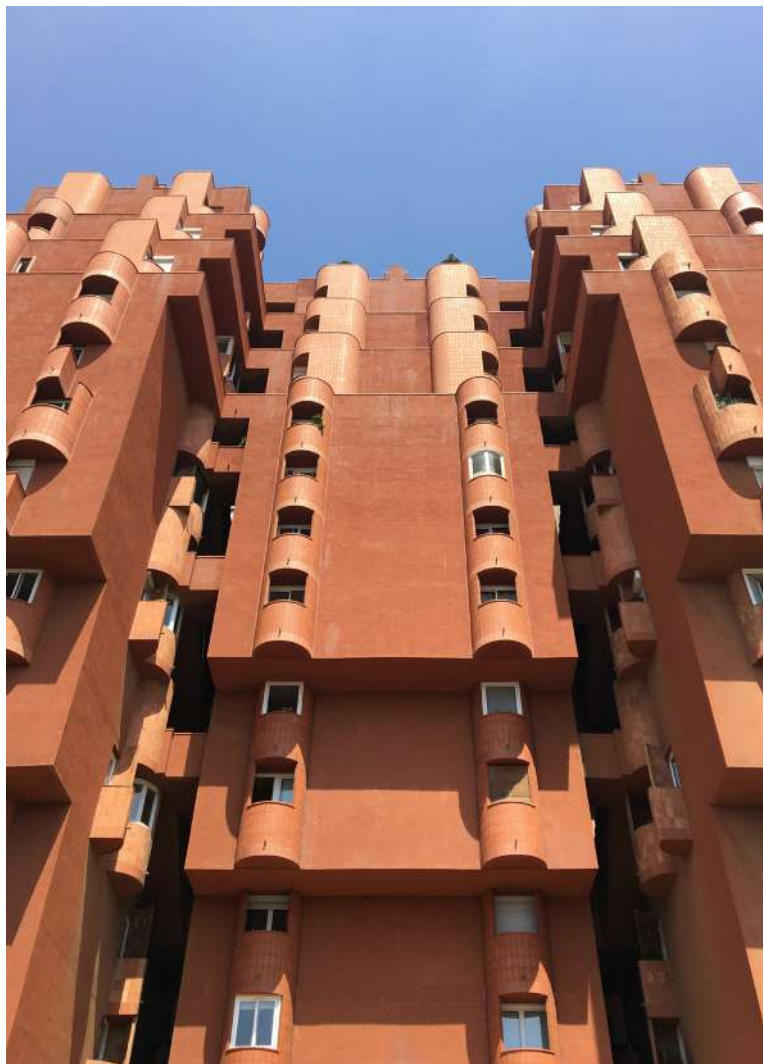


O traçado se origina de um grid ortogonal que organiza as torres e os pátios. O volume surge da dinâmica das 18 torres, cujos 14 pavimentos se deslocam criando um movimento vertical que abre rasgos irregulares nas fachadas, comunicando interior e exterior. Um sistema de passarelas comunica todas as torres, unificando o conjunto. A volumetria resultante é um bloco monumental escalonado composto por balanços sucessivos, terraços e pequenas varandas semicirculares, uma massa edificada sem repetição ou uniformidade.

Espacialmente o conjunto é caracterizado pelos pátios internos e sua relação com o exterior por meio das fendas resultantes dos movimentos volumétricos e dos acessos de grande altura, todos janelas urbanas para a paisagem exterior. O sistema complexo de passarelas ao ar livre que interliga os acessos, verdadeiras ruas labirínticas que percorrem 5 km pelo interior e exterior dos blocos, criam diferentes dinâmicas espaciais, distintos pontos de vista e conexões visuais.

As unidades são bastante variáveis, assumindo diferentes combinações de módulos de 30 m², distribuídos entre unidades simples ou duplex, na forma de estúdios de um módulo até apartamentos de quatro módulos. De maneira geral, cada um deles tem vista tanto para o exterior quanto para algum dos pátios internos.

A materialidade exterior se caracteriza pela cerâmica nas varandas e passarelas e pela pintura em tom avermelhado nas paredes, enquanto o interior recebe pintura em tons mais escuros, como azul ou verde. A incidência do sol e da luz nos pátios e fendas alteram a cor das paredes de acordo com a hora e com a estação, constituindo uma ambiência especial.



Residencial Fabra i Coats

 Roldán + Berengué

 2018-2019

 Carrer de Parellada, 7-11

O Residencial Fabra i Coats é um edifício de habitação social, que ocupa uma das naves do complexo têxtil Fabra i Coats, construído nos séculos XIX e XX, tendo sido recentemente remodelado para compor a rede de fábricas de criação de Barcelona.

A nave destinada ao uso residencial tem planta de 100 x 15 metros por 11 metros de altura. A intervenção partiu da criação de uma praça interna central, da qual partem as circulações verticais que percorrem os quatro pavimentos, criando espaços comuns no acesso a cada um deles. A construção é toda feita de forma "seca", por meio de estrutura metálica e madeira. A nave funciona como um contenedor para a nova construção, que conta com suas próprias fachadas e insere-se na nave sem tocá-la, conformando um colchão de ar que amortece termicamente a construção.



Nesse espaço intermediário entre fachadas estão localizadas as circulações de acesso às unidades. Outro espaço comum, de grande altura, é criado também na extremidade norte da nave.

Casernes de Sant Andreu

 Manuel de Solà-Morales

 2006

 Passeig de Torras i Bages

Casernes de Sant Andreu é uma operação para criar uma nova centralidade no bairro de Sant Andreu, norte de Barcelona, por meio da transformação de um antigo quartel militar em um bairro de uso misto. O plano interveio em duas grandes quadras, propondo a construção de 2 mil unidades residenciais e de 22 equipamentos públicos.

A ocupação parte do Passeig de Torras i Bages como eixo estruturante, que ganha uma fachada urbana por meio de novos edifícios perimetrais em ambos os lados. Expande-se no formato de um “pente” para o interior das quadras, criando uma sequência de espaços livres de distintas escalas, edifícios-ponte além de um parque, que articula o conjunto com a rua de Sant Andreu, e de uma rambla de equipamentos, na qual estão dispostos linearmente os serviços públicos do bairro.



BIBLIOGRAFIA

BADILLO, Walberto. **Evolución de los espacios colectivos de la ciudad. De la Casa Bloc a L'illa Diagonal**. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano: Arte, Ciudad, Sociedad) - Universitat de Barcelona.

CRUZ, Fabio. **Reflexiones y afirmaciones acerca de la arquitectura y su proceso creativo**. Valparaíso: Archivo Histórico EAD PUCV, 1981.

MARTÍNEZ CALZÓN, Julio. Torre Mare Nostrum para gas natural en Barcelona. **Hormigón y Acero**, n. 245, 3. trimestre, 2007. Disponible em: <http://e-ache.com/modules/ache/ficheros/Realizaciones/Obra80.pdf>.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Los principios de la arquitectura moderna**. Barcelona: Editorial Reberté, 2005.

SANSÃO FONTES, Adriana et al. Urbanismo Táctico como prueba del espacio público: el caso de las supermanzanas de Barcelona. **EURE - Revista De Estudios Urbano Regionales**, v. 45, n. 136, 2019.

El País. La Rambla de Barcelona cruza el mar. 25/09/1994. Disponible em: https://elpais.com/diario/1994/09/25/espana/780444008_850215.html.

SITES DE ESCRITÓRIOS DE ARQUITETURA

A + M Arquitectes. **Antiga Fàbrica Ca l'Alier**. Disponible em: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/>.

B720 Fermín Vázquez Arquitectos. **Mercado Encants**. Disponible em: <http://b720.com/portfolio/mercat-dels-encants/>.

Bayona | Valero. **Mercado y superficie comercial del Guinardó**. Disponible em: <https://bayonavalero.com/es/proyectos/mercado-y-superficie-comercial-del-guinardo/>.

GRC Studio. **PLOT_06: Mercat Santa Caterina**. Disponible em: http://www.grcstudio.es/portfolio/p-l-o-t-_06-mercat-de-santa-caterina/.

GRC Studio. **PLOT_09: Biblioteca Jaume Fuster**. Disponible em: http://www.grcstudio.es/portfolio/p-l-o-t-_09-biblioteca-jaume-fuster-josep-llinas/.
Lacol. La Comunal espai cooperatiu. Disponible em: <http://www.lacol.coop/projectes/lacomunal/>.

Manuel de Solà-Morales. **Casernes de Sant Andreu Barcelona, 2006...** Disponible em: http://manueldesola-morales.com/proys/Casernes_pla_eng.htm.

OAB. Office of Architecture in Barcelona. **Centro de servicios sociales de los barrios Dreta y Fort Pienc**. Disponible em: <https://ferrater.com/es/project/centro-de-servivios-sociales-de-los-barrios-dreta-y-fort-pienc/>.

OAB. Office of Architecture in Barcelona. **Viviendas Lesseps**. Disponible em: <https://ferrater.com/es/project/viviendas-lesseps/>.

OAB. Office of Architecture in Barcelona. **Viviendas Vertix**. Disponible em: <https://ferrater.com/es/project/viviendas-vertix/>.

Rafael Moneo. **L'illa Diagonal**. Disponible em: <http://rafaelmoneo.com/proyectos/lilla-diagonal/>.

Sergi Godia Arquitecte. **Jardines elevados de Sants**. Disponible em: <http://sergigodia.net/es/content/obras/ag>.

Straddle 3. **APROP: Alojamientos de proximidad en Ciutat Vella, Barcelona**. Disponible em: <https://www.straddle3.net/es/proyectos/aprop-allotjaments-de-proximitat-a-ciutat-vella-barcelona>.

SITES ESPECIALIZADOS EM ARQUITETURA

Afasia Archzine. **Josep Llinás: biblioteca "vila de gràcia", Barcelona**. Disponible em: <https://afasiaarchzine.com/2016/04/josep-llinas-15/>.

Archdaily Brasil. **Biblioteca Joan Maragall/BCQ Arquitectura**. Disponible em: <https://www.archdaily.com.br/br/624630/biblioteca-joan-maragall-bcq-arquitectura>.

Archdaily Brasil. **Biblioteca Sant Antoni** - Joan Oliver/RCR Arquitectes. Disponible em: <https://www.archdaily.com.br/br/806350/biblioteca-sant-antoni-joan-oliver-rcr-arquitectes>.

Archdaily Brasil. **Centro Cultural Caixa Forum Barcelona/Arata Isozaki**. Disponible em: <https://www.archdaily.com.br/br/785143/centro-cultural-caixa-forum-barcelona-arata-isozaki>.

Archdaily Brasil. **Centro Kálida Sant Pau / Miralles Tagliabue EMBT**. Disponible em: <https://www.archdaily.com.br/br/934000/centro-kalida-sant-pau-miralles-tagliabue-embt>.

Archdaily Brasil. **Centro Meteorológico de Barcelona, de Álvaro Siza, pelas lentes de Fernando Guerra**. Disponible em: https://www.archdaily.com.br/br/869085/centro-meteorologico-de-barcelona-de-alvaro-siza-pelas-lentes-de-fernando-guerra?ad_medium=gallery.

Archdaily Brasil. Clássicos da Arquitetura: **Fundação Joan Miró/Josep Lluís Sert**. Disponible em: <https://www.archdaily.com.br/br/876217/classicos-da-arquitetura-fundacao-joan-miro-josep-lluis-sert>.

Archdaily Brasil. Clássicos da Arquitetura: **Walden 7/Ricardo Bofill**. Disponible em: https://www.archdaily.com.br/br/784408/classicos-da-arquitetura-walden-7-ricardo-bofill?ad_medium=gallery.

Archdaily Brasil. **Edifício La Borda/Lacol**. Disponible em: <https://www.archdaily.com.br/br/945797/edificio-la-borda-lacol>.

Archdaily Brasil. **Jardins suspensos de Sants em Barcelona/Sergi Godia + Ana Molino architects**. Disponible em: <https://www.archdaily.com.br/br/806667/jardins-suspensos-de-sants-em-barcelona-sergi-godia-plus-ana-molino-architects>.

Archdaily Brasil. **Mercado Encants/b720 Fermín Vázquez Arquitectos**. Disponible em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-158036/mercado-encants-slash-b720-fermin-vazquez-arquitectos>.

Arqa. **Rehabilitación del espacio público: Muralla Romana, plaza pública y patio de una escuela**. Disponible em: <https://arqa.com/arquitectura/rehabilitacion-del-espacio-publico-muralla-romana-plaza-publica-y-patio-de-una-escuela.html>.

Arquitectura Catalana. **96 Viviendas para la Tercera Edad Reina Amàlia**. Disponible em: <https://www.arquitecturacatalana.cat/es/obras/96-habitatges-per-a-gent-gran-reina-amalia>.

Arquitectura Viva. **Carme Pinós, Escola Massana de Arte y Diseño en Barcelona**. Disponible em: <http://www.arquitecturaviva.com/es/Info/News/Details/12566>. Arxius d'Arquitectura a Catalunya. **Barcelona. La ciudad y el puerto: la historia continua**. Disponible em: http://www.arxiusarquitectura.cat/escrits_det.php?id=21.

Arxius d'Arquitectura a Catalunya. **Illa Fort Pienc**. Disponible em: http://www.arxiusarquitectura.cat/arquitectura_det.php?id=207.

BEAU - Biental Española de Arquitectura y Urbanismo. **VI-BEAU - España - Finalista - Adecuación del Depósito de las Aguas como Biblioteca de la UPF**. Disponible em: <http://www.bienalesdearquitectura.es/index.php/es/archivo-vi-beau/7182-vi-beau-espana-finalista-adequacion-del-deposito-de-las-aguas-como-biblioteca-de-la-upf.html>.

Carmen Clares. **Edificio de Viviendas en Ciutat Vella - Josep Llinàs**. Disponible em: <http://carmenclares.blogspot.com/2015/04/edificio-de-viviendas-en-ciutat-vella.html>.

Habitatge Col·lectiu Disseny i Arquitectura d'Habitatges. **SERRA XIC | Josep Llinàs | Barcelona**. Disponible em: <https://habitatgecollectiu.wordpress.com/2015/12/12/serra-xic-josep-llinas-barcelona-combinacions/>.

HIC Arquitectura. **Vora Arquitectura. Entorno del Mercat del Born**. Disponible em: <http://hicarquitectura.com/2013/12/vora-arquitectura-entorno-del-mercat-del-born/>.

Metalocus. **Rehabilitación del Mercat de Sant Antoni por Ravetllat Ribas Arquitectes**. 05/07/2018. Disponible em: <https://www.metalocus.es/es/noticias/rehabilitacion-del-mercat-de-sant-antoni-por-ravetllat-ribas-arquitectes#:~:text=Rehabilitaci%C3%B3n%20del%20Mercat%20de%20Sant%20Antoni%20por%20Ravetllat%20Ribas%20Arquitectes,-05%2F07%2F2018&text=El%20edificio%20del%20Mercado%20de,m%C3%A1s%20emblem%C3%A1ticos%20del%20Eixample%20barcelon%C3%A9s>.

ON Diseño. **Ampliación del Centre de Cultura Contemporània (CCCB)**. Disponible em: <http://www.ondiseno.com/proyecto.php?id=1914>.

ON Diseño. **Rehabilitación de la antigua fábrica de Ca l'Alier**. Disponible em: <http://www.ondiseno.com/proyecto.php?id=2682>.

Plataforma Arquitectura. **46 Viviendas en antigua fábrica Fabra & Coats / Roldán + Berengué**. Disponible em: https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/950479/46-viviendas-en-antigua-fabrica-fabra-and-coats-roldan-plus-berengue?ad_medium=gallery.

Plataforma Arquitectura. **Aprop Ciutat Vella Vivienda tácita de emergencia / Straddle3 + Eulia Arkitektura + Yaiza Terré.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/939784/aprop-ciutat-vella-vivienda-tacita-de-emergencia-straddle3-plus-eulia-arkitektura-plus-yaiza-terre>.

Plataforma Arquitectura. **Centro Cívico Cristalleries Planell 1015 / H Arquitectes.** Disponível em: https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/882484/centro-civico-cristalleries-planell-1015-h-arquitectes?ad_medium=gallery.

Plataforma Arquitectura. **Centro Cívico Lleialtat Santsenca 1214/HARQUITECTES.** Disponível em: https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/889533/centro-civico-lleialtat-santsenca-1214-harquitectes?ad_medium=gallery.

Plataforma Arquitectura. **Clásicos de Arquitectura: Cementerio Igualada/Enric Miralles + Carme Pinos.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-267850/clasicos-de-arquitectura-cementerio-igualada-enric-miralles-carme-pinos>.

Plataforma Arquitectura. **Clásicos de Arquitectura: Instituto Social de la Marina/ José Antonio Coderch.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/789245/clasicos-de-arquitectura-instituto-social-de-la-marina-jose-antonio-coderch>.

Plataforma Arquitectura. **Clásicos de Arquitectura: Museo Mac de Barcelona/ Richard Meier & Partners Architects, LLP.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-246412/cl-sicos-de-arquitectura-museo-mac-de-barcelona-richard-meier-partners-architects-llp>.

Plataforma Arquitectura. **DHUB. Centro de Diseño de Barcelona/MBM Arquitectes.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-263291/dhub-centro-de-diseno-de-barcelona-mbm-arquitectes>.

Plataforma Arquitectura. **Escola Massana, Centro de Arte y Diseño/Estudio Carme Pinós.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/910631/escola-massana-centro-de-arte-y-diseno-estudio-carme-pinos>.

Plataforma Arquitectura. **Filmoteca de Catalunya/Mateo Arquitectura.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-342040/filmoteca-de-catalunya-mateo-arquitectura>.

Plataforma Arquitectura. **Fundació Antoni Tàpies / Abalos+Sentkiewicz arquitectos.** Disponível em: https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-42730/fundacio-antoni-tapias-abalos-sentkiewicz-arquitectos?ad_medium=gallery.

Plataforma Arquitectura. **Las Arenas/Richard Rogers + Alonso y Balaguer.** Disponível em: https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/624971/las-arenas-alonso-y-balaguer?ad_medium=gallery.

Plataforma Arquitectura. **Lycée Français Maternelle en Barcelona / b720 Fermín Vázquez Arquitectos.** Disponível em: https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/899206/lycee-francais-maternelle-en-barcelona-b720-fermin-vazquez-arquitectos?ad_medium=gallery.

Plataforma Arquitectura. **Media-TIC/Cloud 9.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/750184/media-tic-enric-ruiz-geli>.

Plataforma Arquitectura. **Mercado La Barceloneta/MIAS Arquitectes.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-92537/mercado-barceloneta-mias-arquitectes>.

Plataforma Arquitectura. **Museo CAN FRAMIS en el 22@/Jordi Badia.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/729404/museo-can-framis-en-el-22-jordi-badia>.

Plataforma Arquitectura. **Parc de Recerca Biomèdica de Barcelona (PRBB)/PINEARQ + Brullet-De Luna Arquitectes.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-159977/parc-de-recerca-biomedica-de-barcelona-prbb-pinearq-brullet-de-luna-arquitectes>.

Plataforma Arquitectura. **Vil·la Urània, complejo de equipamientos nZEB / SUMO Arquitectes SLP + Y.Olmo.** Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/894961/vil-star-la-urania-complejo-de-equipamientos-nzeb-sumo-arquitectes-slp-plus-yolmo>.

Spanish Architects. **Oliveras Boix Arquitectes.** Disponível em: <https://www.spanish-architects.com/es/oliveras-boix-arquitectes-barcelona/project/ateneu-de-fabricacio-de-gracia>

Suma Arquitectura. **Library in Barcelona.** Disponível em: <https://www.sumaarquitectura.eu/portfolio/library-in-barcelona/>.

UN Urban Networks. **Intervenir en la ciudad consolidada: La Villa Olímpica de Barcelona.** Disponível em: <http://urban-networks.blogspot.com/2012/05/intervenir-en-la-ciudad-consolidada-la.html>. Acesso em: 20 maio 2012.

Wikiarquitectura. **Pez Dorado.** Disponível em: <https://es.wikiarquitectura.com/edificio/pez-dorado/>.

Wikiarquitectura. **Parque Diagonal Mar**. Disponible em: <https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/parque-diagonal-mar/#>.

Wikiarquitectura. **Cosmo Caixa**. Disponible em: <https://es.wikiarquitectura.com/edificio/cosmo-caixa/>.

SITES INSTITUCIONAIS

48h Open House Barcelona. **Biblioteca Montserrat Abelló i Soler – Entrevista Ricard Mercadé i Aurora Fernández**. Disponible em: <https://www.48hopenhousebarcelona.org/biblioteca-montserrat-abello-i-soler-entrevista-ricard-mercade-i-aurora-fernandez/>.

Ajuntament de Barcelona. **Parque de los Auditoris**. Disponible em: https://www.barcelona.cat/es/que-hacer-en-bcn/parques-y-jardines/parque-de-los-auditoris_99400054557.html.

CCCB. Centre de Cultura Contemporània de Barcelona. Disponible em: <https://www.cccb.org/es/multimedia>.

Fundació Kàlida. Centro Kàlida Sant Pau. Disponible em: <https://www.fundaciokalida.org/es/centros-kalida/kalida-sant-pau/>

Fundació Mies van der Rohe Barcelona. Disponible em: <https://miesbcn.com/es/el-pabellon/>.

Laboratorio de la Vivienda Sostenible Barcelona. **Viviendas en la calle del Carme**. Disponible em: <http://laboratoriovivienda21.com/barcelona/?p=1>.

Universitat Pompeu Fabra. **Història del dipòsit de les Aigües (campus de la Ciutadella)**. Disponible em: <https://www.upf.edu/web/campus/historia-del-diposit-de-les-aigues>.



AGRADECIMENTOS

O projeto VOA (Viagem de Observação Arquitetônica), uma iniciativa promovida e organizada por nós, a arquiteta Adriana Sansão Fontes (docente da FAU/UFRJ) e o arquiteto Fernando Espósito Galarce (docente do DAU/PUC-Rio), surge como ideia em 2013, com o objetivo de compartilhar as experiências e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos em que vivemos em Barcelona para os estudos de Doutorado (2005 e 2009), e, recentemente, de Pós-doutorado (2020). É essa proximidade, admiração e afeto com a cidade, sua história, cultura e amigos que por lá conhecemos que motivou este guia. Nosso compromisso como docentes e pesquisadores, portanto, nos levou a descobrir a importância e a necessidade de compartilhar estas vivências com os estudantes. Foi assim que em 2016 realizamos a primeira Viagem de Observação Arquitetônica Barcelona (VOA BCN), tendo realizado, até agora, quatro edições — 2016, 2017, 2018 e 2019 — com a participação de uma centena de estudantes. A quinta edição (VOA 2020), adiada em decorrência da pandemia, será realizada em abril de 2022, praticamente na mesma data em que este guia será publicado.

Cada viagem, cada percurso realizado, cada projeto visitado e cada experiência vivenciada possibilitaram a elaboração deste guia, que é a evolução e amadurecimento do Caderno de viagem, que em cada uma das quatro edições

foi editado e impresso como material didático e entregue a cada participante. Em 2020, confinados durante a pandemia de Covid-19 em Barcelona, decidimos incrementar esse material, incorporando novos projetos, ilustrando-o com fotografias de autoria própria, aprimorando os textos de apresentação e análise das obras e elaborando mapas com roteiros detalhados.

O projeto VOA e este guia não teriam sido possíveis sem a participação e colaboração de muitas pessoas. Gostaríamos de agradecer, primeiramente, a todas e todos os estudantes que confiaram nessa iniciativa, pois são nossa principal motivação e o que outorga sentido a todo o esforço realizado. À parceria com Flávio Busse, Marilene Coelho e Luiz Carlos, da Agência Karvan Viagens e Turismo, pelo profissionalismo e sensibilidade com que sempre organizaram a viagem, entendendo todas as necessidades e especificidades próprias de uma viagem de estudos de arquitetura. À FAU/UFRJ e à PUC-Rio pelo apoio na realização deste projeto. À Vice-reitoria de Assuntos Acadêmicos da PUC-Rio. Ao PROURB-FAU/UFRJ e ao PPGArq DAU-PUC-Rio pelo ambiente de pesquisa propício à realização desta aventura. Às amigas, amigos, todas e todos que gentilmente nos receberam em cada lugar visitado em Barcelona, pela sua generosa hospitalidade. Finalmente, à Editora PUC-Rio, pelo interesse em publicar este material e pela competência em sua realização.